CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

Rafael Vicente Ferreira

ANÁLISE DE IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE A LEITURA NA ERA DIGITAL, A PARTIR DE NARRATIVAS DE "SI" MEDIANTE A ONIPRESENÇA DOS SMARTPHONES:

impactos das tecnologias digitais na cultura da Leitura da Literatura

Belo Horizonte
2025

Rafael Vicente Ferreira

ANÁLISE DE IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE A LEITURA NA ERA DIGITAL, A PARTIR DE NARRATIVAS DE "SI" MEDIANTE A ONIPRESENÇA DOS SMARTPHONES:

impactos das tecnologias digitais na cultura da Leitura da Literatura

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Professor Orientador:
Dr. Cláudio Humberto Lessa

Linha II: Discurso, Mídia e Tecnologia

Belo Horizonte
2025

Ferreira, Rafael Vicente.

F383a Análise de imaginários sociodiscursivos sobre a leitura na era digital, a partir de narrativas de "si" mediante a onipresença dos smartphones : impactos das tecnologias digitais na cultura da leitura da literatura / Rafael Vicente Ferreira. – 2025.

156 f. : il.

Orientador: Cláudio Humberto Lessa.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2025.

Bibliografia.

1. Imaginário e Educação. 2. Letramento digital. 3. Compreensão da Leitura. 4. Tecnologias digitais da informação e comunicação. 5. Literatura. I. Lessa, Cláudio Humberto. II. Título.

CDD: 372.4

Ficha elaborada pela Biblioteca - *campus* Nova Suíça - CEFET-MG
Bibliotecária: Wagner Oliveira Braga - CRB6-3261

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 15 / 2025 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.030803/2025-26

Belo Horizonte-MG, 09 de junho de 2025.

RAFAEL VICENTE FERREIRA

ANÁLISE DE IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE A LEITURA NA ERA DIGITAL, A PARTIR DE NARRATIVAS DE "SI" MEDIANTE A ONIPRESENÇA DOS SMARTPHONES: IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CULTURA DA LEITURA DA LITERATURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 04 de junho de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa (Orientador)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Vicente Aguimar Parreiras
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 10/06/2025 10:49)
CLAUDIO HUMBERTO LESSA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2989064

(Assinado digitalmente em 11/06/2025 10:59)
PATRICIA RODRIGUES TANURI BAPTISTA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2165214

(Assinado digitalmente em 10/06/2025 11:13)
VICENTE AGUIMAR PARREIRAS
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1218293

Visualize o documento original em **https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **15**, ano: **2025**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **09/06/2025** e o código de verificação: **3870ad3130**

AGRADECIMENTOS

Ao concluir essa expedição e aventura, seria muito natural iniciar meus agradecimentos, primeiramente à Deus, em seguida aos meus pais ("Pai e Mãe / Ouro de Mina / Coração desejo e sina), depois às pessoas que me inspiraram lá em 2019, quando participei de evento da Escola de História da Ciência da UFMG, em seguida prosseguir enumerando as várias pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, seria uma cronologia natural.

Bom, no entanto, tenho certeza, Deus e meus Pais, que sempre foram muito generosos e pacientes comigo, continuarão sendo, Eles nunca me abandonaram, e não vai ser agora, que estou quase lá, que Eles se impacientarão com este sujeito, estranho para o mundo, mas muito compreensível para Eles, e agora para o Guia.

Compreensão, esta é a palavra que me permitiu chegar até aqui. Na verdade, a melhor palavra para adjetivar, nomear ou qualificar quem nos guiou nas trilhas, atalhos e caminhos desta aventura, seria "resiliência", contudo, esta palavra "literalmente" forte, diz muito mais do que resistência e poder, que é o uso que vem sendo dado a ela nas narrativas digitais simplificantes e objetificantes, o que, paradoxalmente, de alguma forma lhe tira a força e o poder de expressão, assim, como do mesmo mal padecem e sofrem "literalmente", e outras expressões, seres e valores sociais.

Portanto, Compreensão, neste momento, expressará muito melhor a qualidade essencial do meu Guia e Orientador na trilha, Professor Doutor Cláudio Humberto Lessa, em todos os sentidos. Certamente, não fosse ele o Guia, aqui não chegaríamos. Ficaríamos pelo caminho. Agora posso falar de um sentimento muito nobre, e voltar a usar a palavra Gratidão, que também foi "sequestrada", caiu na máquina das redes, e quase foi devorada nas profundezas dos vãos. Gratidão, renasceu naturalmente no fundo do meu coração, e posso seguramente deixá-la aqui expressar todo o meu mais profundo agradecimento.

Sorte ou Destino? Não sei... Eu acredito nos dois. Sorte porque, se existe Destino, ele foi escrito por Deus, e Ele escreveu este caminho para minha Sorte, e foi no meio dele que encontrei um Guia que teve muita Compreensão, sensibilidade e paciência, para, apesar dos inúmeros percalços — desafios interiores e exteriores — de quem ele conduzia, e logicamente os seus, seguir orientando a sequência para a conclusão de uma história do que já estava escrito para ser... Uma escrita que, acredito, começou muito antes da gente nascer, portanto seria ingratidão dizer que ela foi escrita à quatro mãos. Muito obrigado Deus, muito obrigado Professor Doutor Cláudio Humberto Lessa. Você tem a inteligência da Compreensão.

“De volta ao começo”, porque tenho de agradecer muita gente. Começo pela inesquecível Dona Ruth do Grupo Escolar Gastão da Cunha, que me pegou pela mão, aos 8 anos no 1º ano repetente, e me levou à conclusão da 4ª série. Agradeço à todas(os) professoras e professores da FUNEC – Fundação de Ensino de Contagem, especialmente Tadeu Gandra, Louzada e Estela que dizem muito do que eu sou. Agradeço a todos(as) professores e professoras do Senai, Elizabeth, Torquato, Edmundo, Rosa, Nogueira e tantos outros. Agradeço imensamente ao “Capitão Caverna” do Promove que mudou o meu jeito de ver a História, por isso tento contá-la desse jeito.

Agradeço imensamente a todas as Professoras Doutoras e todos Professores Doutores do CEFET-MG, serei sempre grato por tudo, tudo, tudo mesmo! Tudo faz parte da travessia na busca da transformação e da construção de um ser humano mais forte, que acredita na sua infinita capacidade de sempre se transformar, e assim, resistir aos estigmas impostos pelo tempo e seguir, sem perder a essência. No entanto, não posso deixar de fazer um **agradecimento muito especial** aos Professores Doutores Wagner Moreira, Luiz Henrique Oliveira, Luiz Lopes, Antônio Braico, Vicente Parreiras e também às Professoras Doutoras Patrícia Tanuri, Marta Passos, Mirian Souza Alves, Lilian Arão e Maria Raquel Bambirra. Todas e todos sempre muito mais jovens, sempre me ensinando.

Faço também um agradecimento especial aos Coordenadores anteriores do Posling do CEFET-MG, Renato Caixeta da Silva e Luiz Antônio Ribeiro, pela atenção e compreensão. Agradeço **imensamente** a atual Coordenadora Claudia Cristina Maia, não só por este momento, em que foi **fundamental** para que eu conseguisse concluir a escrita desta dissertação e poder agora, neste momento estar agradecendo, mas também por ter acreditado, ainda em 2017, na minha capacidade e me inspirado e orientado no TCC. Sempre grato pelo estímulo. Não fosse isso, talvez não chegasse até aqui para saber, “é como se eu descobrisse que a força, esteve o tempo todo em mim”.

Agradeço mais uma vez, aos Professores Doutores Antônio Augusto Braico, Vicente Aguimar Parreiras e à Professora Doutora Patrícia Rodrigues Tanuri, pela generosidade de se disporem a ler a minha dissertação de Mestrado e aceitarem o convite para participarem da minha banca de defesa.

Jamais poderia deixar de agradecer a Professora Doutora Luciana Aparecida Silva de Azeredo, que, juntamente com o Professor Doutor Vicente Aguimar Parreiras, compôs a banca de qualificação do meu projeto de Mestrado. As considerações feitas por ela e por ele naquela oportunidade, contribuíram para minha pesquisa e desenvolvimento da redação de minha dissertação.

Um agradecimento **muito especial** ao Filipe Fernandes, Carolina Vianna e a Slaine Senra, amigos(as) ainda da graduação, sempre incentivando, e a Lucas Gonçalves, Júlia Pinheiro, Marcela Pena Forte, Mônica Baêta e à todas e todos os colegas da graduação e pós-graduação, e também aos Professores estagiários. Um agradecimento aos funcionários de todos os setores do CEFET-MG, sempre amáveis, atenciosos e dispostos ajudar. Todos e todas foram fundamentais no caminho e na transformação.

Agradeço ao Coordenador da Escola de História da Ciência da UFMG, Professor Doutor Mauro Lúcio Leitão Condé, que promoveu Seminário em 2019 que foi uma das fontes de inspiração para esta pesquisa. Agradeço também CEP/CEFET-MG – Comitê de Ética em Pesquisa, que me concedeu autorização para prosseguir com minhas pesquisas.

Por fim, **agradeço imensamente** àquelas e àqueles que se dispuseram a atender minhas solicitações e meus convites para participar das entrevistas e que dedicaram um precioso tempo de suas vidas para responder ao questionário que lhes enviei. Simplesmente, sem elas e sem eles, seria impossível realizar esta pesquisa, pois não existiria o *corpus* para a análise. A força dos seus relatos de vida, foram fundamentais para esta dissertação e esta conclusão. Por questões éticas os nomes não podem ser revelados. **Muito obrigado pela generosidade de suas ricas contribuições.**

"De volta ao começo", mais uma vez,
Muito obrigado, Professor Doutor Cláudio Humberto Lessa.
"E é como se então de repente eu chegasse, ao fundo do fim".

Agora um **Super e Especialíssimo Agradecimento**
aos meus Amados Filhos, pela Compreensão, atenção, ouvidos,
críticas, sugestões e ajuda em todos os sentidos.
Bárbara Nídia Ferreira e Pedro Gabriel Ferreira Campos,
Muito obrigado, Mesmo!

Agradecimentos infinitos aos meus Queridos e Amados
Pai Vicente Basílio Ferreira e Minha Mãe Leonídia Rosa de Sousa
Juntos com Deus, sempre comigo no meu "Coração, desejo e sina"

Rafael.

Dedico

aos meus Filhos
Bárbara Nídia Ferreira e Pedro Gabriel Ferreira Campos

aos meus Pais
Vicente Basílio Ferreira e Leonídia Rosa de Sousa

Velhos e jovens

Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aqui
No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
E estamos todos a sós
No meio do caminho dessa vida
E estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no início ou no fim
Antes de mim
Vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aí

Arnaldo Antunes; Péricles Cavalcanti (1992)

RESUMO

Apresentamos, com esta dissertação de Mestrado, o trabalho de pesquisa que desenvolvemos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Nossa investigação foi desenvolvida de acordo com a abrangência da **Linha II - Discurso, Mídia e Tecnologia**. A Teoria Semiolinguística de *Patrick Charaudeau* foi nosso referencial teórico-metodológico para analisar os Imaginários sociodiscursivos que sujeitos leitores constroem e mobilizam sobre suas práticas de Leitura da Literatura a partir da presença e utilização massiva do *smartphone*. Os objetivos específicos foram: 1) Enumerar as avaliações os sujeitos fazem da utilização dos dispositivos digitais e as consequências dessas tecnologias na Leitura da Literatura; 2) Identificar os imaginários dos sujeitos acerca de suas experiências de interação e de leitura a partir do *smartphone* e/ou outros dispositivos digitais, como afetam suas vidas; e 3) Descrever as estratégias utilizadas no processo de leitura, a partir da inserção/utilização das "NTIC" (com ênfase no *smartphone*). Procuramos, por meio de 30 entrevistas, constituir o *corpus* para análise das narrativas de sujeitos-leitores sobre a aquisição ou não de novos modos de leitura com o advento das "NTIC"; e, essencialmente, sobre a percepção desses entrevistados de possíveis mudanças comportamentais, a partir da presença dos *smartphones* no cotidiano. Para procedermos às entrevistas, respaldamo-nos em autorização concedida pelo Conselho de Ética em Estudos com Humanos do CEFET-MG. A leitura do livro *O Cérebro no mundo digital*, da neurocientista Maryanne Wolf, "pesquisadora, professora e defensora de crianças e letramento ao redor do mundo", e do livro *Espaço Biográfico* de Leonor Arfuch, o capítulo sobre entrevistas como método de pesquisa em Ciências Humanas, foram nossas inspirações. Referendamo-nos também em autores dos campos da Filosofia, Neurociência e Literatura. As análises permitiram-nos inferir alguns Imaginários sociodiscursivos, sobre: i) a importância dos pais e da família na formação do sujeito-leitor; ii) a percepção positiva da leitura em livros impressos; iii) a influência da leitura coletiva na geração da cultura de ler; iv) a rejeição à leitura literária nos meios eletrônicos em alguns sujeitos; v) os impactos da tecnologia na Leitura de Literatura e na vida (efeitos emocionais); vi) a ubiquidade dos *smartphones* nas atividades cotidianas e suas implicações; vii) a praticidade da tecnologia; viii) a necessidade do autocontrole no uso das "NTIC" e da atenção à leitura da Literatura. As análises ancoradas nos referenciais teóricos sinalizam a necessidade premente de se pensar na implementação de políticas públicas e práticas educativas que conduzam ao Letramento Digital em todos os níveis sociais.

Palavras-chave: Entrevistas. Imaginários sociodiscursivos. Letramento Digital. Leitura profunda. Literatura. Semiolinguística. Tecnologias digitais "NTIC". *Smartphones*.

ABSTRACT

This dissertation, developed within the Graduate Program in Language Studies at the Federal Center for Technological Education of Minas Gerais (CEFET-MG), falls under Line II – Discourse, Media, and Technology. The study adopts Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory as its theoretical and methodological foundation to analyze the sociodiscursive imaginaries readers construct and mobilize concerning their literary reading practices in the context of widespread smartphone usage.

The research pursued three specific objectives: (1) to identify the evaluative positions individuals hold regarding digital devices and the perceived impact of such technologies on literary reading; (2) to explore the imaginaries surrounding their experiences of reading and digital interaction, and how these influence their daily lives; and (3) to describe the strategies employed in literary reading in light of the integration of new information and communication technologies (NICTs), particularly smartphones.

The empirical corpus comprises 30 semi-structured interviews conducted in compliance with the Ethics Committee for Human Research at CEFET-MG. Inspired by Maryanne Wolf's Reader, Come Home: The Reading Brain in a Digital World and Leonor Arfuch's reflections on biographical space and interviews in the human sciences, the study is further informed by contributions from Philosophy, Neuroscience, and Literary Studies.

The analysis revealed recurring sociocultural imaginaries related to: (i) the formative role of family in developing the reader-subject; (ii) the enduring preference for printed books; (iii) the impact of collective reading experiences in fostering a reading culture; (iv) the rejection of digital literary formats by some subjects; (v) the emotional and cognitive effects of digital technologies; (vi) the ubiquity of smartphones and their impact on everyday routines; (vii) the practicality offered by digital tools; and (viii) the need for self-regulation and attentiveness in reading practices.

Grounded in a socio-discursive and critical framework, this study underscores the urgent need for public policy and pedagogical strategies that promote digital literacy and cultivate deep reading habits across diverse segments of society.

Keywords: *Interviews; Sociodiscursive Imaginaries; Literary Reading; Digital Literacy; Deep Reading; Semiolinguistics; Digital Technologies (NICTs); Smartphones.*

SUMÁRIO

PRÓLOGO 13

INTRODUÇÃO 17

Tema 17

PROBLEMA DA PESQUISA 25

OBJETIVOS 25

Objetivos gerais 25

Objetivos específicos 25

REVISÃO DA LITERATURA E O ESTADO DA ARTE 26

1. LETRAMENTO, MULTILETRAMENTO E NOVAS TECNOLOGIAS, LEITURA E LEITURA LITERÁRIA 32

1.1. Letramento 32

1.2. Multiletramento e novas tecnologias 38

2. TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA, IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS 41

2.1. Teoria Semiolinguística 41

2.2. O que é Semiolinguística 45

2.3. A noção de ato de linguagem e os possíveis interpretativos 46

2.4. O Ato de Linguagem e as Circunstâncias de Discurso 52

2.5. O Contrato de Comunicação 56

2.6. Modos de Organização do Discurso 58

2.6.1. Modo de Organização Enunciativo 59

2.6.2. Modo de Organização Descritivo 67

2.7. Representações Sociais e Imaginários Sociodiscursivos 73

2.8. Sobre o uso das entrevistas como método de pesquisa em Ciências Humanas 78

3. METODOLOGIA 81

3.1. Caracterização dos sujeitos de pesquisa 82

3.2. Sobre o instrumento de coleta 83

3.3. Sobre a natureza da pesquisa: análise discursiva representacional-interpretativa baseada em *Patrick Charaudeau* 83

4. ANÁLISES DOS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS ACERCA DA LEITURA 85

4.1. Análise dos Imaginários sociodiscursivos sobre a interferência das novas tecnologias na cultura da leitura 86

4.1.1. Imaginário dos pais e/ou de outros familiares (como primeiros incentivadores da leitura) 86

4.1.2. Imaginário da leitura prazerosa (feita, exclusivamente, pela fruição que provoca) 88

4.1.3. Imaginário da leitura coletiva (quer no seio familiar, quer na escola, como meio de incentivar a prática de leitura) 92

4.1.4. Imaginário dos sentidos e afetos despertados pela leitura por meio de material impresso 94

4.1.5. Imaginário negativo de explícita rejeição à leitura em meios eletrônicos 100

4.1.6. Imaginário da ubiquidade virtual e seus impactos no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura (sobre a necessidade de moderação e controle) 103

4.1.7. Imaginário dos impactos do uso dos *smartphones* no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura 110

REFLEXÕES SOBRE A ERA DIGITAL E SEU IMPACTO SOBRE A SOCIEDADE 119

CONCLUSÃO 131

REFERÊNCIAS 139

APÊNDICE I - Questionário/Entrevistas 144

APÊNDICE II - Referência na pesquisadora *Maryanne Wolf* 145

APÊNDICE III - MIDIATIZAÇÃO: INTERACIONALIDADE E VELOCIDADE, "MENSAGEM E RECEPÇÃO" 150

PRÓLOGO

Procurando evidenciar a coerência e relevância em relação à proposta que desenvolvemos, e agora apresentamos nesta dissertação, vamos contar um pouco de nossa trajetória acerca de fatores que nos inspiraram a realizar nossa pesquisa. Destacamos, inicialmente, o que foi o primeiro fator que nos impulsionou. Em janeiro de 2019, quando de nossa participação em seminário que teve a duração de uma semana e foi promovido pelo professor doutor Mauro Lúcio Leitão Condé, coordenador da Escola de História da Ciência da UFMG, assistimos presencialmente, a diversas palestras. No entanto, uma em especial, proferida pelo professor doutor Luiz Henrique de Lacerda Abrahão [Filosofia/Cefet-MG], chamou-nos a atenção pelo tema: *O que é a Filosofia da Tecnologia, afinal?*

Já naquela ocasião, ainda em 2019, impactados pelo evento do qual participamos, procuramos o setor de pós-graduação do Cefet-MG com uma proposta de projeto de mestrado, que defendia a implantação, nas escolas de ensinos fundamental e médio, e por que não dizer, também nas graduações superiores, do que se denomina "Letramento Digital".

Naquela oportunidade, no entanto, não logramos êxito, pois a alegação foi a de que o setor estava voltado para as Linguagens e de que nossa ideia se enquadraria na Educação. Talvez tenha faltado à nossa proposta uma definição mais clara de nossos objetivos e linha de pesquisa. Ainda assim, não desistimos de nosso propósito e procuramos outro caminho para trazer uma pesquisa que pudesse respaldar-nos e, com isso, inspirar o debate, e, quem sabe, até promover engajamentos.

Ao nosso ver, esta nossa ideia estava em consonância com o pensamento de outro professor do Cefet-MG, neste caso, o professor doutor Vicente Parreiras. Pensamos que, tivesse ele tomado conhecimento, abraçaria a proposta, e é dele que apresentamos proposição que se relaciona à nossa pesquisa, para justificar nossa visão:

> Nós, professores na faixa etária a partir dos 30 anos, fomos formados no século XX com a responsabilidade de forjar cidadãos(ãs) do século XXI. Considero que isso esteja realmente se iniciando agora com a pandemia, mas com uma cultura de ensinar e de aprender do século XIX. Então, estamos vivenciando um momento de virada não apenas das culturas de ensinar e aprender, mas também em vários outros aspectos das nossas vidas (Parreiras, 2020, p. 76).

Por acreditarmos que, realmente, "vivenciamos um momento de virada", como bem escreveu Parreiras, procuramos aprimorar nossas ideias e conceitos cursando seis disciplinas isoladas no Mestrado do Cefet-MG (2019-2020) e foi assim que encontramos e vimos na disciplina da Análise do Discurso (AD), ofertada pelo professor doutor Cláudio Humberto Lessa, a abertura/possibilidade de engendrarmos uma proposta de projeto de pesquisa que fosse

realmente coerente com nossas inquietações e demandadas por um fazer acadêmico na e para a sociedade. O acolhimento e o apoio desse professor foram fundamentais para que retomássemos nosso propósito de elaborar o projeto de pesquisa, coerente com nossas crenças e compromissos éticos, ao qual damos seguimento.

Além de nossas observações, foi de fundamental importância para esta pesquisa a leitura das reflexões da pesquisadora Maryanne Wolf com o seu livro *O Cérebro no Mundo Digital* (Contexto, 2019). Respaldando e justificando essa referência bibliográfica e científica como uma das bases de nossos estudos, salientamos que entre outros campos de atuação a neurocientista Maryanne – uma das principais fontes inspiradoras deste trabalho – é "diretora do *Center for Dyslexia, Diverse Learners, and Social Justice na UCLA Graduate School of Education and Information Studies*". Wolf também é autora de *Proust and the Squid: The Story and Science of the Reading Brain* (HarperCollins, 2007) e *Tales of Literacy for the 21ª Century* (Oxford University Press, 2016). Como adotamos especialmente as ideias desta autora, ela se faz presente frequente no transcorrer desta dissertação, presença que fica evidente com excertos e citações de seu livro já mencionado *O Cérebro no Mundo Digital*.

A leitura deste livro nos fez enxergar a sintonia da autora com nossas mais profundas inquietações e motivações para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico comprometido com a nossa consciência diante de uma sociedade plural e híbrida de *"quem chegou e quem faz tempo que veio"* (Antunes, Cavalcanti, 1992), do agora e do futuro, cada vez mais imersa em um espaço artificial – irremediavelmente – virtual e digital.

Maryanne Wolf com seu livro (2019), assim como uma amiga que abre a porta de sua casa, nos interpelou e nos convidou a deslizar nosso olhar pelas linhas, que pareciam querer nos revelar afinidades e simetrias entre as visões da neurocientista/escritora e de quem lia, visto que nossas percepções, ideias e intuições ganhavam forma e substância ao emergirem em cada parágrafo das páginas de seus capítulos, como cartas-respostas ou reflexos tangíveis dos nossos imaginários e pensamento crítico.

Esta autora foi fundamental, pois quando iniciamos uma pesquisa, e também em vários momentos do percurso, às vezes, nos sentimos inseguros, em primeiro lugar sobre nosso objetivo, depois sobre a direção escolhida e se ela nos levará a respostas que ensejem conclusões relevantes. O livro *O Cérebro no Mundo Digital* surgiu como uma espécie de farol, iluminando e nos dando a certeza de que deveríamos prosseguir na busca de elementos para análise e possível confirmação de nossas intuições e, principalmente, nossa maior preocupação, qual seja, muito além do distanciamento de boa parte da sociedade da Leitura da Literatura, percebemos, concomitantemente, a relativização de alguns valores, como empatia,

solidariedade e ética, sentimentos e princípios essenciais ao convívio humano que se pretende e se anseia em harmonia.

Muito além da cultura da Leitura da Literatura imaginamos que estamos perdendo a consciência da importância da cultura da leitura do outro – semelhante –, como evidencia Maryanne no capítulo *"Empatia: 'transportar-se' à perspectiva dos outros"* [...] "O ato de assumir a perspectiva e os sentimentos de outros é uma das contribuições mais profundas e insuficientemente anunciadas dos processos de leitura profunda" (Wolf, p. 57, 2019).

Com este excerto, vislumbramos ilustrar a essência do que traz as duzentas e cinquenta páginas do livro de Maryanne Wolf, nas quais ela evoca a importância da leitura da literatura não só para o desenvolvimento de nosso intelecto, habilidades da escrita, Educação formal e até mesmo como instrumento auxiliar na prevenção de doenças degenerativas de nosso cérebro, mas também para prospectar, estimular e desenvolver, em nós, sentimentos basilares para a evolução de nossas sociabilidades em função de uma sociedade onde coexiste, e precisa continuar coexistindo, tanta diversidade. Wolf recorre e se referenda em uma rica Literatura com inúmeros autores de diversas especialidades – teólogos, filósofos, romancistas, pesquisadores, cientistas, escritores e poetas – para sustentar suas afirmações acerca da importância social da "leitura profunda", assim como exemplificamos a seguir:

> O narrador-teólogo John S. Dunne descreveu esse processo de encontro e tomada de perspectiva na leitura como o ato de "transportar-se" pelo qual entramos na imaginação, nos sentimentos e nos pensamentos dos outros graças a um tipo particular de empatia: "O transportar-se nunca é total, mas sempre parcial e incompleto. E existe um processo igual e oposto de *retornar* a si mesmo". É uma bela descrição de como saímos de nossas visões de mundo inerentemente limitadas para entrar no mundo de outra pessoa e retornar acrescidos (Wolf, p. 57, 2019).

Essa imersão imaginária em outros mundos, vidas, personagens e histórias é fundamental, e é possível acontecer na "leitura profunda", que, ao nosso ver e na visão da neurocientista *Maryanne* e inúmeros outros escritores, pesquisadores, cientistas e filósofos, vem sendo negligenciada até mesmo por pessoas que tinham na cultura da Leitura da Literatura, além de momentos de prazer, uma reserva pessoal para construção de subjetividades, mas que possivelmente, em razão do advento e da quase onipresença em suas vidas das tecnologias digitais, personificadas pelo uso imperativo dos *smartphones* e seus aplicativos que aceleraram demandas cotidianas. Essa imersão imaginária em outros mundos, vidas, personagens e histórias é fundamental, e é possível acontecer na "leitura profunda", que, ao nosso ver e na visão da neurocientista *Maryanne* e inúmeros outros escritores, pesquisadores, vem sendo negligenciada até mesmo por pessoas que tinham, na cultura da Leitura da Literatura, além de

momentos de prazer, uma reserva pessoal para construção de subjetividades, mas que, possivelmente, em razão do advento e da quase onipresença em suas vidas das tecnologias digitais, personificadas pelo uso imperativo dos *smartphones,* não têm tido mais tanto tempo para a reflexão e a contemplação. Tais oportunidades são essenciais também para "leitura profunda" que, de forma metafórica ou análoga, poderia nos transportar e proporcionar "Essa capacidade transmitida pela escrita de sair e ainda assim não sair da própria esfera" [...] o que *Emily Dickinson* chamava de sua 'fragata pessoal dirigida a outras vidas e outras terras'." (Wolf, p. 57, 2019)

Portanto a Literatura foi o mote que nos levou a outras leituras, pois entendemos ter a arte (e como tal vemos a Literatura) a função precípua de instaurar *silenciosas* transformações em nós, na vida, no cotidiano, enfim, sociais. Lembrando que ela também refletiu e influenciou, ao longo da história das sociedades, as pequenas e grandes revoluções, seja nos âmbitos políticos, seja nos culturais/comportamentais e pessoais.

Compartilhamos do olhar e entendimento de José Eduardo Agualusa, poeta e escritor angolano: "A boa literatura é aquela que levanta questões, que inquieta. Toda a verdadeira literatura é transformadora" (Agualusa, 2023). Parafraseando o escritor, diríamos que a boa arte deve causar inquietação.

Inquietação foi o sentimento e *combustível* que nos levou à escolha do nosso tema de pesquisa e dos caminhos que decidimos trilhar para desenvolver esta dissertação fundamentando-a não só nas nossas observações e leituras de especialistas e pesquisadores, mas também respaldando-nos nas entrevistas que fizemos com leitoras e leitores, que responderam a dez perguntas de entrevista/questionário, cujas respostas constituem o *corpus* da pesquisa, um dos pilares deste trabalho que tem, na sua base estrutural, as análises e interpretações amparadas nos conceitos da Análise do Discurso. A cópia das entrevistas vem ao fim desta dissertação como Anexo III, e por questões éticas, omitiremos os nomes das entrevistadas e entrevistados.

Temos no pensamento e nos escritos de Patrick Charaudeau e Leonor Arfuch nossa fundamentação teórica, como referenciais para as análises dos Imaginários sociodiscursivos e das marcas de subjetividade que procuraremos interpretar nos textos das respostas às entrevistas que enviamos aos colaboradores desta pesquisa, tendo como um de nossos propósitos centrais identificar, nas narrativas, o impacto da utilização dos *smartphones* no comportamento cotidiano destas pessoas e – em perspectiva – da sociedade, ao nosso ver exposta ao que convencionamos neste trabalho classificar de *Era digital*, concebida no contexto do advento da internet, e que proporcionou a expansão virtual algorítmica que se impõe como a nova realidade – *novo normal* – em nossas vidas.

INTRODUÇÃO

O tema que abordaremos, nesta dissertação, refere-se à influência que as tecnologias digitais, especificamente os *smartphones*, por meio de seus aplicativos, estão exercendo na cultura da leitura de textos literários. Tratamos aqui de uma hipótese calcada em nossa percepção a partir da observação de uma possível mudança de comportamento da sociedade em relação à Leitura da Literatura e, por que não dizer, em relação à leitura/percepção do ambiente social e seus atores (nossos mundos, os outros e outras), com a adoção, em larga escala, no dia a dia, das tecnologias digitais pelos cidadãos/cidadãs nas mais variadas atividades, como na Educação, nas relações interpessoais, no trabalho e no lazer.

É notório o debate que vem ganhando corpo, não somente no noticiário especializado, nos meios acadêmicos (na Ciência) como também em várias publicações literárias, produções audiovisuais, documentários sobre a influência das tecnologias digitais na mudança de comportamento dos seres humanos, a partir da popularização dos meios digitais de comunicação.

Autores como Byung-Chul Han, Michel Desmurget, Alberto Cupani, Sidarta Ribeiro e essencialmente Maryanne Wolf, Patrick Charaudeau e Leonor Arfuch, foram fontes bibliográficas elencadas, neste trabalho, para nos ajudar a constituir argumentos que justifiquem e fundamentem nossa pesquisa, a partir da qual pretendemos trazer uma contribuição para a compreensão de uma contemporaneidade extremamente acelerada e midiatizada, e, por consequência – assim entendemos –, com pouco espaço/tempo para uma reflexão inspirada na leitura, não apenas da Literatura como também dos processos da leitura de *si* e de nossas subjetividades no contexto das relações interpessoais presenciais e virtuais. Afinal – parafraseando Márcia Tiburi (2018), na palestra *Filosofia da leitura* –, somos seres de linguagem, em frequentes processos de subjetivação, seja no lidar com o(a) outro(a), os outros seres, a natureza, o ambiente, as culturas, a sociedade e, em síntese, com a vida.

Então, cientes de que os meios e linguagens, ou seja, a música, as mídias (tecnologias digitais), as artes, os livros e a imensa diversidade cultural disponibilizada nas redes também nos subjetivam – ao que Tiburi (2018) denominou "processo fisioteológico" –, devemos estar atentos à nossa exposição a esse processo para nos atermos também à consciência de *si*.

O contexto social em que iniciamos esta pesquisa era extremamente conturbado, pois ainda estávamos saindo da pandemia de Covid-19, que durava mais de três anos. Portanto, todos e todas se viam impactados por esse acontecimento histórico, trágico e marcante.

A agravar este momento, o fenômeno comportamental do *negacionismo* se disseminou veloz e facilmente pelos aparelhos digitais, em boa medida pelos *smartphones*. Observa-se que boa parte dos usuários de tais tecnologias, deliberadamente, ainda optam por acreditar naquilo que lhes parece conveniente às suas crenças.

Neste contexto em que as tecnologias digitais, como internet, computadores, *smartphones*, aplicativos e plataformas foram fundamentais para se estabelecer novas formas de interação nas relações de trabalho e interpessoais, emergiram também questões controversas sobre os benefícios e os danos de uma migração do analógico para o digital, condição imposta inicialmente pela pandemia.

Contudo, o conceito *home-office* se popularizou e se expandiu, e em um primeiro momento, passou a ser a única alternativa de relações comerciais, educacionais e profissionais de vários setores. Na medida em que a sociedade foi se sentindo mais segura, após as campanhas de vacinação, houve uma flexibilização no sentido de se retornar à normalidade.

No entanto, mesmo com o arrefecimento da pandemia, inúmeras empresas e profissionais passaram a adotar esse modelo como solução definitiva. Muitos atribuem à pandemia a responsabilidade pelo *start* de uma revolução digital nos modos e mundos do trabalho, que para estes, já deveria ter ocorrido há tempos.

A somar-se a tudo isso, tivemos, em 2022, uma eleição presidencial extremamente polarizada. Tanto no campo político como no religioso e ideológico, que também se misturam e se confundem, antagonismos estridentes se evidenciam e ganham espaço nos aparelhos individuais de comunicação digital, os *smartphones*.

Nesse contexto ou ambiente virtual, notícias e informações importantes se misturam às *fake news,* promovendo um verdadeiro clima de conflito, alimentado por "fábricas" de notícias falsas e mentiras com tratamento visual e ideológico que têm por objetivo manipular uma boa parte da população ainda carente de senso crítico, de um letramento formal e principalmente digital.

Mas até mesmo os mais atentos usuários(as) dessas tecnologias, muitas vezes, se deixam enganar ou iludir com imagens, vídeos e informações deturpadas, manipuladas por meio de ferramentas digitais de "Inteligência" Artificial (IA) extremamente poderosas, como, por exemplo, o *deep fake* que possibilita a criação de vídeos falsos de acontecimentos por meio do qual é possível alterar personagens e imagens dando a elas conotações de realidade.

No entanto, a verdadeira realidade é que, podemos verificar que inúmeros casos da utilização desses recursos tecnológicos de forma temerária e criminosa já vêm sendo registrados em escolas, onde jovens, principalmente do sexo feminino, são os principais alvos.

A disseminação desses verdadeiros “artefatos” digitais ganhou canais mais velozes a partir da disponibilização inicial da tecnologia 5G no Brasil. Se por um lado o 5G proporcionará inúmeras vantagens quando de sua completa implementação, por outro dará vazão para um fluxo ainda mais veloz também das *fake news* e *deep fake*.

Outra “onda” que vem ganhando corpo e sendo alimentada pela *deep web* (internet profunda) são as ameaças de ataques aos ambientes educacionais, algumas se concretizaram, outras ficaram no campo de um “terrorismo” mental, criando pânico e ansiedade entre alunos, professores e demais funcionários nas escolas.

Assim vemos que, se por um lado, a tecnologia digital com acesso democratizado para todas as camadas sociais, pode ser – e entendemos que seja –, grande aliada para o desenvolvimento educacional de jovens e adultos, por outro lado, sem a devida regulação, poderá produzir também um efeito contrário, podendo trazer sérios prejuízos para aquilo que é basal ou fundamental para toda e qualquer sociedade, a Educação.

Certamente o aparato jurídico, de regulação e de fiscalização terá que se adequar a essas velocidade e capacidade de produções audiovisuais de notícias falsas, que parecem ainda incontroláveis. Certo é também que, nem sempre, o limite se imporá no tempo necessário para impedir consequências, às vezes nefastas, para cidadãos(ãs), e para a sociedade como um todo. São evidentes casos em que a correção ou reparo não proporcionaram a restauração moral ou social na sua integralidade. Sabemos que, no cenário político, domínio no qual tudo o que se decide interfere em nossas vidas, tais tecnologias têm proporcionado a produção de muitas representações distorcidas da realidade, trazendo consequências, muitas vezes, danosas e até irreversíveis.

Esses fenômenos de comportamento virtual que emergiram a partir da inserção massiva das tecnologias digitais em nossas vidas ocorre em todos os países, mas foi nos EUA (Estados Unidos da América), por ocasião da 1ª eleição do presidente Donald Trump, ainda em 2016, que ficaram evidentes o poder das redes digitais para a construção, no imaginário social, daquilo que se convencionou classificar como pós-verdade, *realidades* ou *mundos paralelos*.

Há evidências e estudos que demonstram e defendem que existe uma tendência ou possibilidade real dos usuários dos *smartphones* – expostos que estão aos algoritmos ou “Inteligência” Artificial –, da assimilação de discursos e notícias especificamente direcionados para alimentar e confirmar aquilo que já acreditam, proporcionando, assim, nesses mesmos usuários, uma espécie de conforto ao verem ‘confirmadas’ suas crenças.

No poema “A Verdade Dividida” (1985) de Carlos Drummond de Andrade, esse escritor *abre “A porta da verdade”* e, na última estrofe, o poeta parecia antever esse fenômeno que vivenciamos nesta era digital dominada ou regida pelos algoritmos que procura entregar uma ou as ‘verdades’ que interessam e na qual se agarram cada um: “*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. / Nenhuma das duas era perfeitamente bela. / E era preciso optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.”*

Acreditamos que assistimos a este fenômeno – a verdade em que cada um quer acreditar – aqui no Brasil, nas eleições de 2018, e nas mais recentes, em 2022. Tudo isso vem mobilizando o debate e as ações das autoridades da mais alta corte, do atual governo, dos meios de comunicação e demais instituições, no sentido de se criar mecanismos de regulação, segurança e governança das redes digitais.

Tais preocupações não são especificamente das autoridades brasileiras, pois estão no centro do debate em inúmeros outros países, ou seja, são questões que já transcenderam as nossas fronteiras, pois, como sabemos, no universo digital, não existem limites geográficos. Recentemente, mais precisamente no ano de 2023, a pesquisadora brasileira Ilona Szabó de Carvalho (mestre em estudos internacionais pela Universidade de Uppsala - Suécia), foi convidada por Antônio Guterres (secretário-geral da ONU), para participar do “Conselho Consultivo de Alto Nível sobre Multilateralismo “Eficaz”, criado para formular recomendações concretas que promovam uma mudança radical na cooperação internacional para a resolução de desafios globais compartilhados e o avanço dos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS)” (*Folha*, 18 de abril de 2023).

Nasceu, deste Conselho, um documento classificado como “Um Ponto de Inflexão para as Pessoas e o Planeta: governança global eficaz e inclusiva para o presente e o futuro” (*Folha*, 18 de abril de 2023). Esse documento ou relatório traz diretrizes e seis propostas batizadas de “mudanças transformadoras” no âmbito global. Atemo-nos à quarta proposta que, ao nosso ver, demonstra esta preocupação mundial com a questão da internet e, neste contexto especificamente, a era digital: “apoiar uma transição digital justa, com a criação de uma Comissão Global para Digitalização Justa e Sustentável e a definição de princípios de governança de dados.”

Todo esse contexto percebido e enunciado por nós até aqui fortaleceu a convicção de que nossas inquietações e proposta de pesquisa para o Mestrado estavam profundamente vinculadas e em consonância com questões caras à atual sociedade mundial e às autoridades políticas, culturais e científicas.

Portanto, instigados também por nossas observações e percepções sobre o comportamento humano por ocasião de projeto de incentivo à leitura que desenvolvíamos em praça pública, e também do cidadão/cidadã no dia a dia, em inúmeras atividades triviais, procuramos informações em eventos, seminários, leituras e "webinários" (descritos na seção dedicada à fundamentação teórica e no Apêndice III) que pudessem ou não justificar nossas ações e movimentos no âmbito acadêmico. Assim chegamos aqui a esta pesquisa.

No momento em que desenvolvemos nosso projeto, surgiu, ou melhor, veio como uma conexão oportuna que foi a disciplina Tecnologias Digitais e Práticas de Ensino na Perspectiva dos Multiletramentos, proposta e ofertada pela professora doutora Ana Elisa Ribeiro e também pela professora doutora Dorotea Frank Kersch. Ao longo dessa disciplina, houve inúmeros debates em fóruns virtuais que suscitaram e inspiraram novas questões e leituras que, certamente, interferiram positivamente no desenvolvimento de nossa pesquisa.

Assim, foi de lá, desses debates, que buscamos frase da colega Cláudia Leão de Carvalho Costa, enunciada no contexto da aula, no momento político e social e da pandemia que vivíamos desde o início de 2020, por acreditarmos ser pertinente para justificar nossos pensamentos e inquietações sobre a necessidade urgente do Letramento Digital para a sociedade. Comentou Cláudia: "São épocas de trevas! Infelizmente! Letramento crítico, letramento da sensibilidade, letramento da empatia, muitos não aprenderam ainda!".

Acreditamos que a "desinformação" e até mesmo o excesso de informação a que estão expostos os usuários das mídias e das tecnologias digitais, assim como a ausência ou pouco senso crítico de grande parte da sociedade nesses usos (no lidar cotidiano *on-line/virtual/digital*), talvez se constituam metaforicamente, como um muro, ou seja, um grande obstáculo ao desenvolvimento do letramento nas diversas práticas das sociabilidades, ou seja, as "trevas" que Cláudia Costa mencionou em seu *post* em *chat* durante aula ministrada no sistema ERE (Ensino Remoto Emergencial).

Portanto, entendemos que o Letramento Digital seria a única forma de superarmos o desafio que será conciliar o acesso democrático às tecnologias vinculadas à internet e proteção da cidadania, integridade ética, psíquica, social e moral dos usuários da rede, que se convencionou classificar de "Inteligência" Artificial (IA).

A ativista e escritora Malala Yousafzai, em entrevista por ocasião de sua visita ao Brasil para participar do Festival do Leitor (LER), deu a seguinte declaração sobre o tema que abordamos: "É preciso inserir educação digital nos currículos escolares para ensinar as pessoas sobre o funcionamento da tecnologia, das plataformas e dos algoritmos." (*Folha*, 21 de maio de 2023). E prosseguiu *Malala*:

> É preciso pensamento crítico e se perguntar de onde está vindo, se é uma fonte confiável, se tal argumento é plausível. Todos estão vulneráveis, mas, quanto mais nos tornamos conscientes, mais preparados estaremos para encarar a desinformação. (*Folha*, 21 de maio de 2023).

No entanto entendemos que também, o excesso de informação, tanto quanto a desinformação, pode estar sendo mais um fenômeno moderno extremamente danoso emocionalmente para a cidadã e cidadão, pois conectados com os *smartphones* quase que em tempo integral, estes e estas podem estar negligenciando outras atividades essenciais para sua alteridade e a vida saudável em sociedade como as de lazeres, físicas, sociais, afetivas, culturais e porque não dizer a "experiência" da Leitura da Literatura.

Poderíamos dizer que as tecnologias digitais evoluíram e continuarão evoluindo velozmente, porém em uma velocidade incompatível com a realidade econômica proporcionada pelo Estado aos professores (principalmente aqueles das escolas públicas dos ensinos fundamental e médio), certamente, acelerando a desigualdade entre os alunos das camadas mais pobres que estudam em instituições públicas e aqueles que podem frequentar as escolas particulares.

Talvez por isso estejamos ainda distantes da realidade sugerida por Xavier (*apud* Pereira, 2020), quem prescreve que o domínio das tecnologias digitais deveria estar nas mãos e nas mentes, ou seja, ao alcance da maioria dos educadores e, por conseguinte, dos alunos, ou acessíveis a toda sociedade. A evolução tecnológica, portanto, poderá não trazer a motivação necessária para os professores (em um contexto de pouca valorização/recompensa) buscarem se atualizar na velocidade do *5G*.

Em nosso entendimento, contudo, a questão/debate sobre o Letramento Digital não deveria ficar restrita somente ao setor da Educação. A nosso ver, a discussão deveria estar sendo feita em toda sociedade eminentemente virtualizada. E aqui, com esta dissertação, procuramos direcionar nosso olhar para as questões relacionadas à Literatura, sobre como o uso dos dispositivos digitais (*smartphones*) vem afetando o modo de ler, o quê e onde se busca ler. Lembrando sempre que o hábito da leitura da Literatura pode estar intimamente ligado às demandas educacionais, pois, muitas vezes, na escola, crianças e adolescentes já recebem os estímulos para essas leituras.

Por outro lado, sabemos que é convencionado pelos produtores de conteúdos dirigidos aos dispositivos digitais que os textos deverão ser curtos e objetivos. Além disso, que a mensagem deverá proporcionar ao usuário uma leitura rápida, por inúmeras técnicas e linguagens multimodais.

Já lemos também sobre o conceito de *webwriting*,[1] que, em síntese, sugere uma escrita direcionada para os dispositivos digitais (muito utilizada no *marketing* digital), e que têm como características principais para uma maior efetividade de seus textos, como já dissemos, objetividade, frases curtas, hipertextualidades e linguagens simples. Assim acreditamos que tais características podem interferir na aquisição de novos modos de leitura.

Maryanne Wolf (2019), em entrevista concedida à publicação eletrônica *BBCNews Brasil*, afirmou que "As pessoas estão percebendo que algo está mudando em si mesmas, que é seu poder de leitura. E há um motivo para isso" (Idoeta, 2019).

Poderíamos nos ater a essa proposição e procurado desenvolver todo o nosso trabalho em um único sentido, vinculados a algum tipo de maniqueísmo ou dogma que nos direcionasse a um "porto seguro" ou ao encontro de uma verdade conveniente, o que não combinaria com aquilo que se propõe como uma pesquisa. Também não combinaria com nossa visão, corrigida a partir dos reflexos evidentes na sociedade, do evento da pandemia que afetou o mundo. Dessa forma, destacamos que procuramos contribuir com nossas pesquisas/entrevistas para a conscientização de que o desenvolvimento do Letramento Digital é de suma importância para proporcionar uma utilização consciente dos, agora imprescindíveis, aparatos tecnológicos digitais, contudo, sem prejuízo aos outros sentidos.

A pesquisa que empreendemos se fez necessária, a nosso ver, em razão da velocidade com que os processos de comunicação digital se desenvolveram e se desenvolvem, alcançando grande parte da população, que, por sua vez (parte dela), poderia não estar preparada para entender, nessa mesma velocidade, os processos, linguagens e condicionamentos impostos por uma sociedade intensamente midiatizada e conectada, realidade/virtualidade essa que também entendemos ser de caráter irreversível.

Se, por um lado, os processos de multiletramento, Letramento Digital e multi-modalidades já vêm sendo debatidos e defendidos nos espaços da Educação há alguns anos, impõe-se, por outro lado, a necessidade de uma tomada de consciência de toda a comunidade sobre as consequências boas e ruins do acesso aos meios de comunicação digitais. Certamente, são inegáveis os inúmeros avanços proporcionados com o advento da acessibilidade virtual por meio da internet e muitas inovações que vieram em seu esteio. Mas muito se debate, nos meios científicos e acadêmicos, sobre as consequências negativas que surgiram na sociedade,

---

[1] *Webwriting* é um conjunto de técnicas usadas para redigir e criar conteúdos para a internet. Faz parte das diversas estratégias existentes atualmente para engajar ainda mais o texto e alcançar um número maior de leitores. Sendo assim, não é apenas criar textos para a internet. Mas é, também, pensar em formas de tornar aquele conteúdo relevante para o público e para os buscadores do Google (Mlabs, 2016).

acarretadas pelo uso sistêmico e pela dependência de uma "hiperconectividade" virtual em detrimento dos hábitos sociais e culturais essenciais à cidadania.

Como buscaremos mostrar, essas duas avaliações são recorrentes nas respostas dos entrevistados que participaram desta pesquisa. E, neste caso específico de nosso estudo, procuramos investigar se realmente a tecnologia digital afeta a cultura da leitura da Literatura. É o que buscamos pesquisar por meio das entrevistas e posterior interpretação dos sentidos e imaginários dos sujeitos em suas respostas, atendo-nos sempre a critérios éticos e científicos.

Entendemos que a Linguística e a Análise do Discurso nos ofereceram instrumental para investigarmos as hipóteses suscitadas por nossa pesquisa, que consistiu em análise de respostas escritas de entrevistas com cidadãs/cidadãos que já tinham a cultura da leitura antes da massificação dos *smartphones* na sociedade, e como passaram a perceber suas leituras sob a influência destes aparelhos e após o advento das tecnologias digitais, e ainda, considerando a transversalidade de disciplinas/linguagens, marca evidente nesta pesquisa, justificamos nossas escolhas e propósitos recorrendo à obra *Estética da criação verbal*, de Bakhtin (2011, p. 307):

> Não é uma análise linguística, nem filológica, nem crítico-literária ou qualquer outra análise (investigação) especial. As considerações positivas são estas: nossa pesquisa transcorre em campos limítrofes, isto é, nas fronteiras de todas as referidas disciplinas, em seus cruzamentos e junção. […] O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento (Bakhtin, 2011, p. 307)

Nosso objeto de pesquisa é constituído por um conjunto de 30 entrevistas transcritas, portanto, consistiu na análise nas respostas dos entrevistados sobre se a tecnologia digital está interferindo na cultura da Leitura da Literatura. Nossas perguntas foram dirigidas a leitores usuários de *smartphones*, estes que não são nativos da era digital, mas, que se viram impulsionados ou seduzidos pelas inegáveis revoluções positivas que as tecnologias proporcionaram.

No entanto, como vimos, se é inevitável a conexão aos meios de comunicação virtuais, torna-se imprescindível para o cidadão ou cidadã entender a natureza ou a ecologia das redes digitais, para que as relações nesse "meio ambiente" se desenvolvam de maneira mais consciente entre os usuários, em suas interpessoalidades, e também de maneira crítica com esse verdadeiro universo de possibilidades, que, mesmo se pretendêssemos, não conseguiríamos assimilar/conhecer em sua totalidade, dada a sua vastidão e implacável velocidade algorítmica.

O gênero entrevista foi o caminho definido para, possivelmente, chegarmos a algumas conclusões. Foi importante ter em mente também que os entrevistados deveriam estar dentro de um perfil que cultivasse culturas semelhantes. Portanto, como já informamos aqui,

foi a partir de nosso projeto de incentivo à leitura – "Café como Pretexto" – que desenvolvíamos em praça pública, que vislumbramos a perspectiva de direcionar nossas entrevistas a um público que já desenvolvia a cultura da Leitura da Literatura.

Concluímos que as escolhas para constituir o *corpus* de nossa pesquisa foram acertadas, pois assim como Arfuch (2010) em sua pesquisa autobiográfica, também procuramos entrevistar trinta pessoas, dando ênfase à heterogeneidade, não nos atendo a questões relacionadas a gênero, idade, raça ou nível socioeconômico. Tais escolhas nos permitiram obter uma riqueza e diversidade em narrativas fantásticas, a partir das quais pudemos inferir os imaginários sociodiscursivos que apresentamos e mereceram o depoimento a seguir de meu orientador: "como eles ilustram as reflexões teóricas sobre letramento, sobre leitura literária, é impressionante e empolgante fazer a análise!!!".

PROBLEMA DA PESQUISA

Procuramos investigar, com nossa pesquisa, os sentidos e os imaginários socio-discursivos que sujeitos, que já tinham a cultura da Leitura da Literatura, constroem sobre as possíveis mudanças em seu interesse e envolvimento com livros impressos ou digitais que possam ter ocorrido em suas práticas de leitura, a partir do momento em que começaram a fazer uso frequente e intenso dos dispositivos digitais, mais especificamente, dos *smartphones*. Ou seja, que/quais imaginários sociodiscursivos sujeitos leitores mobilizam sobre suas práticas de Leitura da Literatura a partir da utilização massiva do *smartphone.*

OBJETIVOS

Objetivos gerais

Investigar quais são os imaginários sociodiscursivos que sujeitos leitores constroem e mobilizam sobre suas novas práticas de Leitura da Literatura a partir da presença e utilização do *smartphone* no dia a dia e no momento em que começaram a fazer o uso massivo dessa tecnologia, devido ao processo acelerado da midiatização no cotidiano.

Objetivos específicos

1) Enumerar as avaliações (positivas ou negativas) que os sujeitos fazem da utilização dos dispositivos digitais e os reflexos/consequências dessas tecnologias na Leitura da Literatura a partir do estudo dos modos enunciativo e descritivo.

2) Identificar os imaginários dos sujeitos acerca de suas experiências de interação e de leitura a partir dos *smartphones* e/ou outros dispositivos digitais e como interferem em suas vidas (positivamente e negativamente);
3) Descrever as estratégias que eles utilizam no processo de leitura, a partir da inserção/utilização das novas tecnologias digitais (mais especificamente o *smartphones*).

REVISÃO DA LITERATURA E O ESTADO DA ARTE

Situamos nosso trabalho em meio às pesquisas já realizadas que descreveremos sinteticamente abaixo, lembrando que em nossa proposta escolhemos investigar a relação da presença do *smartphone* na vida cotidiana e suas implicações na cultura da leitura da Literatura. Portanto, trazemos aqui alguns exemplos de trabalhos acadêmicos que se aproximam, ou seja, têm alguma semelhança com nossos propósitos e estudos, pois vejamos:

1. LIMA, Rogerio da Silva. Um Contexto Demasiado Brutal: A Literatura na Era Digital. 31/08/2001. 270 f. Doutorado em Letras (Ciências da Literatura) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Banco de Teses da Faculdade de Letras/UFRJ.
2. Universidade Estadual de Maringá. Entremeios da Análise do Discurso e Estudos da Tradução: Uma Análise Discursiva das Traduções de Manuais de *Smartphone*. Autor: Lucas Schenoveber dos Santos Junior.
3. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Título: A Leitura no Computador, no *Tablet* e no *Smartphone*: Um Estudo de Caso Exploratório do Processo Leitor Mediado pelas TICS. Análise do Discurso. Autora: Kisye Cristina Silva de Paula.
4. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Comunicação. Título: A Enunciação nos Vídeos Verticais: O Protagonismo do Corpo. Linguística. Autor: Henrique da Silva Pereira.
5. SILVA, Raphaelle Nascimento. Nas Redes do Romance: A Literatura na Era Digital e a Formação do Leitor Literário. 24/09/2015. 165 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador. Biblioteca Depositária: Biblioteca Anísio Teixeira-FACED.
6. DUARTE, Elaine Cristina Carvalho. Novos Paradigmas da Literatura: Uma Leitura Sobre Poesia na Era do Texto Digital. 14/05/2015. 238 f. Doutorado em Literatura. Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UnB.

7. CARDOSO, Laís de Almeida. Percurso do Órfão na Literatura Infantil/Juvenil, Da Oralidade à Era Digital: A Trajetória do Herói Solitário. 28/02/2006. 282 f. Mestrado em Letras (Est. Comp. de Liter. de Língua Portuguesa). Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: Letras/FFLCH/USP.
8. MORO, Roberta Gerling. Literatura Digital Infantil: Práticas de Leitura no Contexto Familiar. 11/04/2018. 248 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Luterana do Brasil, Canoas. Biblioteca Depositária: https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM252.pdf
9. PERES, Marcelo Spalding. Alice do Livro Impresso ao e-book: Adaptação de Alice no País das Maravilhas e de Através do Espelho para *Ipad*. 30/11/2012. 221 f. Doutorado em Letras. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Biblioteca Depositária: BSCSH.
10. SILVEIRA, Mariane Rocha. Blog: Eu Te Lendo e Eu Te Escrevendo. 31/07/2010. 145 f. Mestrado em Letras. Instituição de Ensino: Fundação Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo.
11. SILVA, Evaldo Gomes da. Leitura de Microcontos Mediada por Aplicativo para *Smartphone* no Nono Ano do Ensino Fundamental. 11/12/2016. 198 f. Mestrado Profissional em Letras. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Natal. Biblioteca Depositária: Acervo PROFLETRAS.
12. OLIVEIRA, Alexandre dos Santos. Uma Caracterização da Experiência do Usuário na Leitura em Smartphones. 10/07/2019 *undefined*; f. Mestrado em Design. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária.
13. MEZGRAVIS, Pedro. Informações e os Livros: Da Leitura do Mundo ao Mundo do Controle. Intencionalidades Sobre o Ser-Aí e Sobre o Espaço do Ser Humano. 29/06/2021. 132 f. Doutorado em Geografia (Geografia Humana) Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: *undefined*.

Ao pesquisarmos o Estado da Arte no que se refere às pesquisas relacionadas com o tema que nos propusemos a investigar, procuramos no Portal Governamental da CAPES, em seu Catálogo de Dissertações e Teses, por palavras chaves combinadas que estão presentes em nossa dissertação, tais como Análise do Discurso, *smartphone*-Literatura e Imaginários. Verificamos, a partir de nossa busca, 13 trabalhos acadêmicos com alguma semelhança com nossa pesquisa, os mesmos foram relacionados anteriormente.

No entanto, por outro lado, constatamos também que temos a presença de 902 pesquisas que abordam o aparelho *smartphone* numa relação com inúmeras outras áreas do conhecimento, como na Educação fundamental, média, superior, na pós-graduação e na EJA. Apresentamos uma relação destes trabalhos acadêmicos que se relacionam com nossa pesquisa, ao final desta seção.

Nesta seção "Estado da arte", traremos quadros exemplificando e dando uma dimensão de como essa tecnologia vem sendo estudada e abordada em vários contextos de pesquisas acadêmicas, seja em Mestrados, seja em Doutorados. Longe de pretender propor uma dicotomia (negativo-positivo), nossa intenção é mostrar como o *smartphone* tem suas implicações e suas contribuições na sociedade em variadas áreas, o que nos leva a crer na importância do debate sobre a necessidade do Letramento Digital para o bom uso desta tecnologia, o que é um dos objetivos desta pesquisa de Mestrado.

Em nossa busca no site da CAPES, constatamos que, principalmente nas áreas de exatas, como por exemplo, Matemática, Física, Química, Engenharia, Automação e Administração, a inserção desta tecnologia é tratada e proposta como contribuição e evolução. Quadro na página 29, apresenta uma relação das faculdades que deram ênfase a este olhar. Já nas áreas da Saúde e Educação temos estudos e visões que divergem entre si. Na Saúde, há inúmeras pesquisas que procuram entender os efeitos físicos, musculares, articulares, psíquicos e emocionais causados pela presença sistêmica do *smartphone* no dia a dia da cidadã e do cidadão, independente da faixa etária. Em quadros nas páginas 30-31 apresentamos uma relação das áreas acadêmicas que investiram nessas pesquisas e produziram teses e dissertações.

Mas, por outro lado, temos vários outros estudos que procuraram demonstrar o *smartphone* como tecnologia que pode auxiliar em tratamentos variados em subáreas, como: medicina, oftalmologia, reabilitação, fisioterapia, ciências do movimento e neurologia. As áreas acadêmicas que se dedicaram a estes objetivos, também são relacionadas nas páginas 30-31.

Na Educação, há pesquisas que defendem a inserção do *smartphone* em salas de aula, nos ensinos fundamental, médio, superior e na EJA, como ferramenta de auxílio pedagógico. Contudo há investigações que procuram demonstrar a inadequação da onipresença desses dispositivos no dia a dia dos estudantes, seja pela dispersão, pelo excesso ou mesmo pela fadiga psicológica provocadas pela adoção dessa tecnologia na vida escolar.

Merece registro que já foi aprovado Projeto de Lei (PL 104) na Câmara dos Deputados que tem como proposta proibir a presença dos *smartphones* nas escolas, no ensino infantil, fundamental e médio, e não só em sala de aula como também nos intervalos e recreios.

Como já mencionamos, os quadros que apresentaremos poderão dar uma dimensão do impacto dessa tecnologia nas escolhas das propostas de pesquisas acadêmicas, pois como sabemos, as universidades e faculdades também devem refletir, em seus estudos e pesquisas, as preocupações e inquietações da sociedade.

Áreas e cursos de pós-graduação onde encontramos dissertações e teses que se dedicaram à pesquisa sobre interações entre tecnologias-educação-exatas.

Pesquisas com foco na tecnologia móvel (*smartphones*) para proporcionar inovação, exatidão, progresso e produtividade.

Áreas (Disciplinas)	**Teses/ Dissertações**
Administração	49
Agronomia	1
Arquitetura e Urbanismo	1
Ciências Cartográficas	1
Ciências Criminais	1
Ciências da Informação	1
Ciências Florestas	1
Ciência e Tecnologia de Alimentos	2
Ciências Exatas	1
Ciências da Computação	74
Ciências Cartográficas e Geodésicas	5
Ciências, Tecnologia, Saúde e Sociedade	6
Ciência e Tecnologia Nucleares	1
Ciência e Tecnologia dos Alimentos	2
Contabilidade	1
Design	52
Engenharia	82
Física	44
Geografia	6
Informática	28
Matemática	68
Metrologia	2
Microeletrônica	1
Modelagem Computacional	2
Propaganda e Marketing	3
Propriedade Intelectual e Inovação	2
Química	34
Sistemas Mecatrônicos	1
Sistemas de Gestão	5
Tecnologia da Informação	3
Tecnologia da Informação e Gestão da Saúde	5
Tecnologias Computacionais para o Agronegócio	1
Tecnologia e Desenvolvimento	2
Tecnologia Ambiental	4
Televisão Digital: Informação e Conhecimento	2
Tecnologia, Informação e Comunicação	1
Mídia e Tecnologia	1

Áreas e cursos de pós-graduação onde encontramos dissertações e teses que se dedicaram à pesquisa sobre interações entre tecnologias-educação-saúde-cultura.

Pesquisas com foco na tecnologia móvel (*smartphones*) e relacionadas ao campo das Humanas – inovações, avanços, consequências negativas e positivas.

Áreas (Disciplinas)	**Teses/ Dissertações**
Artes Visuais – Fotografia	2
Biblioteconomia	2
Biotecnologia	1
Biociência	1
Biomédica	1
Ciência Animal	3
Ciências Ambientais e Sustentabilidade	7
Ciências de Alimentos	2
Ciências do Movimento e Desenvolvimento Humano	9
Ciências do Envelhecimento	1
Ciências Sociais	3
Cognição, Linguagens, Mídia e Arte	3
Comunicação	42
Comunicação (Jornalismo)	17
Cotidiano e Desenvolvimento Social	1
Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior	1
Cultura e Territorialidades	1
Diversidade Cultural e Inclusão Social	2
Direito	2
Educação, Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação	62
Educação Tecnológica e Profissional	1
Educação Agrícola	1
Estudos da Cultura Contemporânea	5
Estudos de Linguagens	2
Farmácia	3
Filosofia	3
Gerontologia	2
Gestão de Políticas Públicas	1
História Social	1
Letras - Aprendizagem de línguas	10
Letras - Linguagem e Identidade	2
Letras - Leitura e Ciências Humanas	4
Linguística	2
Moda	1
Música	1
Memória Social	1
Neurociência e Comportamento	4
Neurociências e Biologia Celular	**2**
Novas Tecnologias Digitais na Educação	**2**
Patrimônio Cultural	**2**
Psicanálise	**1**
Psicologia	**16**
Saúde Coletiva	**14**
Saúde Coletiva e Ciências da Saúde - Alterações Posturais e Dependência	**22**
Saúde da criança e do adolescente	**2**
Saúde: Educação	**2**
Saúde da Família	**6**

Áreas (Disciplinas)	**Teses/ Dissertações**
Saúde Global e Sustentabilidade	**2**
Saúde Mental – usuários de álcool e outras drogas	**1**
Saúde no Ciclo Vital	**2**
Saúde: Educação Física	**12**
Saúde: Enfermagem	**15**
Saúde: Engenharia Mecânica	**1**
Saúde: Fisioterapia	**13**
Saúde: Fonoaudiologia	**8**
Saúde: Gestão	**2**
Saúde: Medicina	**20**
Saúde: Odontologia	**25**
Saúde: Oftalmologia Otorrinolaringologia e Cir. de Cabeça e Pescoço	**6**
Saúde: Pediatria	**2**
Saúde: Psiquiatria e Ciências do comportamento	**3**
Saúde: Psicossociologia	**2**
Saúde: Medicina Molecular	**2**
Saúde: Nutrição Humana	**1**
Saúde: Oncologia	**2**
Sociologia e Antropologia	**2**
Tecnologia Minimamente Invasiva e Simulação na Área de Saúde	**5**
Teologia	**1**

Com os quadros que apresentamos, procuramos demonstrar a imensa diversidade em que a utilização dos aparelhos *smartphones* tem sugerido estudos e pesquisas. Temos inúmeras teses e dissertações que abordam a presença desta tecnologia como instrumento de pesquisa e evolução em praticamente todas as áreas do conhecimento e estudos. Por outro lado, temos também muitas pesquisas que apontam para a necessidade, de controle e de responsabilidade ética nos usos destes aparelhos, o que vimos em inúmeras abordagens acadêmicas, muito em razão dos modos como esta tecnologia vem sendo inserida e as consequências psíquicas/emocionais e até mesmo físicas da utilização destes dispositivos.

Essa dissertação está estruturada em quatro capítulos, antecedidos pela Introdução que apresenta objetivamente nosso tema e nossa proposta de pesquisa.

No Capítulo 1, refletimos sobre Letramento e Multiletramento e o diálogo com as novas tecnologias, assim como a leitura e a leitura literária. O Capítulo 2 apresenta a teoria Semiolinguística e o conceito de imaginários sociodiscursivos, os quais foram utilizados para os gestos interpretativos das entrevistas que procuraremos interpretar que compõem o *corpus* de nossa pesquisa. O Capítulo 3 trará a Metodologia e discorrerá sobre a natureza desta pesquisa, que tem na análise discursiva representacional interpretativa de Patrick Charaudeau, assim como na análise do uso das entrevistas como método de pesquisa em Ciências Humanas na visão de Leonor Arfuch, seus principais referenciais. O Capítulo 4 dedica-se à apresentação da análise dos Imaginários sociodiscursivos que foram os mais recorrentes nas 30 entrevistas realizadas durante o processo de pesquisa. Por fim, fazemos algumas reflexões sobre a era digital, e apresentamos nossa Conclusão a partir da análise das entrevistas.

1 LETRAMENTO, MULTILETRAMENTO E AS NOVAS TECNOLOGIAS, LEITURA, LEITURA LITERÁRIA,

1.1. Letramento

As questões relacionadas aos conceitos de letramento/alfabetização[(2)] mereceram uma abordagem em nossa pesquisa por questões, a nosso ver, evidentes. Se entendemos que o "letramento" do mundo e da vida precedem o letramento formal, ou seja, a aquisição do conhecimento/leituras/escritas/interpretação, por outro lado, acreditamos que esses domínios talvez sejam pré-requisitos para a leitura/comunicação/interpretação/crítica na interação com os meios digitais. Tais competências, a nossos olhos, também mereciam compor o arcabouço daquilo que se conceitua como Letramento Digital, afinal, como defendemos ao longo dessa dissertação, tal conceito, em uma sociedade altamente midiatizada, deveria se fundamentar em princípios universais do letramento formal e social.

No parágrafo anterior, procuramos justificar nossa abordagem sobre "letramento", buscando identificar características intrínsecas a esse conceito. Mas, de acordo com especialistas, é difícil "formular uma definição precisa e universal desse fenômeno" (Souza, 2020). Portanto seria pretensão nossa tentar trazer aqui uma explicação exata. Mas procurando caminhos que nos levem a, ao menos, tangenciar a compreensão de "letramento", encontramos no livro *O que é leitura*, de Maria Helena Martins (1994), uma passagem com a qual pretendemos dar início ao desenvolvimento de nossa proposição argumentativa, no sentido de fundamentar *nosso* entendimento sobre o conceito de "letramento".

> Os estudos de linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores; que, para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não estamos desamparados, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação, mas uma vez propostas instruções uniformizadas, elas não raro causam mais confusão do que auxiliam. Também as investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo (Martins, 1994, p. 12).

---

(2) "A criança, mesmo não alfabetizada, já pode ser inserida em processos de *letramento*, pois ela já faz a leitura incidental de rótulos, imagens, gestos, emoções. O contato com o mundo letrado acontece muito antes das letras e vai além delas. O termo 'letramento' é definido por Magda Soares (2000: 47) como 'o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita'. Ela ainda define alfabetização como 'a ação de ensinar/aprender a ler e escrever'. O conceito de *letramento* comporta o conceito de alfabetização, e a alfabetização supõe ações específicas" (Soares, 2020, p. 25).

No texto de Martins (1994, p. 12), não se menciona o termo "letramento", mas a citação, a nosso ver, sintetiza e ilustra bem a que nos referimos ao falarmos sobre "letramento", ou seja, não podemos ignorar o contexto/universo social do(a) cidadão(ã) e toda gama de possibilidades e aspectos particulares de suas vivências ou experiências.

Por outro lado, uma questão importante a ser considerada é a ideia equivocada que se tem, às vezes, de tratar "letramento", "alfabetização" e "escolarização" como conceitos semelhantes. Logicamente, os três conceitos têm relação e convergem para um ponto em comum, que é o que entendemos como sendo a "Educação". No entanto, a compreensão do que seria "alfabetização" e "escolarização" mereceria uma abordagem mais detida, que não caberia nesta dissertação. Assim, nesta seção, daremos ênfase ao conceito de "letramento" que nos interessa, muito em razão daquilo que é central em nossa pesquisa, que é o gênero "entrevista" e, logicamente, o universo social/intelectual discursivo do "entrevistado", em uma análise de seus hábitos de leitura da literatura, antes e depois da massificação da utilização dos dispositivos móveis, mais precisamente os *smartphones*.

Mas caberia a nós, ao menos, trazer algumas informações, mesmo que superficiais, sobre "alfabetização", sempre nos referendando em Magda Becker Soares, que publicou, ainda em 1985, na revista *Cadernos de Pesquisa*, o artigo *As muitas facetas da alfabetização*. Ou seja, há quase quatro décadas, o debate era sobre "alfabetização", quando Magda sugeria questões[(3)] como as seguintes: o que era alfabetizar? Quando deveria começar? Para que alfabetizar? Que tipo de alfabetização? (Soares, 1985). Verifica-se que há semelhanças nas questões propostas com as que permeiam o conceito "letramento", que é mais recente, mas suas ideias não se alinham como veremos:

> O processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas à aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonemas-grafemas, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão (Soares, 1985, p. 21).

Soares salienta, em seu artigo, contudo, argumentos que nos fazem refletir sobre como se dá, de forma diferente, a "alfabetização" nas variadas situações e condições ou

---

[(3)] "As respostas a essas perguntas variam de sociedade para sociedade, e dependem das funções atribuídas por cada uma delas à língua escrita. Dizer que uma criança de sete anos 'ainda é analfabeta' tem sentido em certas sociedades, que alfabetizam aos quatro ou aos cinco anos; a frase não tem sentido em uma sociedade como a nossa, em que não se espera que uma criança de sete anos já esteja alfabetizada. Para um lavrador, a alfabetização é um processo com funções e fins bem diferentes das funções e fins que esse mesmo processo terá para um operário da região urbana. O conceito de alfabetização depende, assim, de características culturais, econômicas e tecnológicas; a expressão alfabetização funcional, usada pela Unesco nos programas de alfabetização organizados em países subdesenvolvidos, pretende alertar para esse conceito social da alfabetização" (Soares, 1985, p. 21).

contextos sociais. Mesmo considerando que seu artigo data de 1985, acreditamos que tais premissas são pertinentes ou válidas hoje, ainda que se considerem os avanços que, particularmente, se deram na área da Educação a partir da redemocratização, com um primeiro governo civil depois de 20 anos, uma Constituinte em 1988 e as eleições diretas em 1989. Soares (1985, p. 21) sintetiza suas conclusões assim:

> Uma teoria coerente da alfabetização deverá basear-se num conceito desse processo suficientemente abrangente para incluir a abordagem "mecânica" do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/ compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita.

Veremos ainda, neste trabalho, quão complexo é o entendimento da assertiva citada anteriormente, pois, de acordo com Soares (2020), tais habilidades estariam, na verdade, intrinsecamente vinculadas a um arcabouço de conhecimento mais abrangente e nele agrupadas. Tal arcabouço hoje é entendido ou conceituado como "letramento", que ainda abordaremos aqui de forma específica.

No entanto, como colocamos/sugerimos anteriormente sobre a complexidade e o estudo do conceito "alfabetização", cabe agora justificar mais uma vez, com texto de Soares (2003), conforme citado por Coelho, Coelho e Seixas (2021), no livro *A mão e a pena,*[(4)] no qual procuram respaldar a conceituação, em seu capítulo 2, do que seria "alfabetização":

> O processo de aquisição da língua escrita, isto é, de aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita; excluiu-se, pois, a produção a respeito do desenvolvimento do domínio da língua escrita, aperfeiçoamento e ampliação dessas habilidades. É que, embora o processo de aprendizagem da língua escrita seja um processo permanente, nunca interrompido, não parece apropriado, nem etimológica ou pedagogicamente, que o termo alfabetização designe, como querem alguns, tanto o processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita quanto o processo de desenvolvimento dessas habilidades (Soares, 2003, *apud* Coelho; Coelho; Seixas, 2021, p. 28).

Ou seja, a nosso ver, a dinâmica sociocultural-política e a própria evolução externada no pensamento de Soares ao longo dos anos nos fazem acreditar que o "desenvolvimento dessas habilidades", desvinculado da "alfabetização" como proposto por ela, talvez esteja vinculado hoje à ideia ou ao conceito a que se atribui o nome "letramento", como procuraremos mostrar a seguir, referendados em Paulo Freire, que argumenta em seu livro *A importância do ato de ler*:

[(4)] *A mão e a pena: pistas gráficas e sociais* trata-se de *e-book* recentemente lançado pela Fale (Faculdade de Letras) da UFMG - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - 2021, Poslin. Na publicação, as autoras Shirlene Ferreira Coelho, Sueli Maria Coelho e Vivian Canella Seixas investigam as abreviaturas e a pontuação nos manuscritos dos escreventes do século XVIII e abrem um espaço para abordar conceitos mais recentes, como "alfabetização", "escolarização" e "letramento", no sentido de traçar um paralelo diacrônico histórico.

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1982, p. 9).

Apresentamos essa citação do grande mestre como uma porta que abrimos para apresentar nossa abordagem sobre "letramento",[5] termo que, de acordo com Soares (2020, p. 15), "é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas dez anos, portanto, que ele surge no discurso dos especialistas dessas áreas".

Ao buscarmos um entendimento melhor desse conceito, verificamos que, novamente, estávamos diante de proposição que dialoga com princípios de Paulo Freire. Legados esses que norteiam o pensamento sobre o que seria uma educação inclusiva e libertadora. Ora, não é disso que se trata o "letramento"? Transcendendo os tempos e culturas, as leituras desse filósofo mostram-se potentes e fundamentais para um estudo e um entendimento sempre atuais do fazer educar, atentos(as) às premissas de um(a) cidadão/cidadã incluso(a) em seu contexto social.

Hoje ambientados, em uma sociedade extremamente midiatizada e que cada vez mais se socializa no espaço ("nuvem") virtual, podemos imaginar que não caberiam mais as ideias do nosso pensador. No entanto, acreditamos que tal pensamento seria um grande engano, pois, se o que os algoritmos procuram nos apresentar nas interfaces digitais trata-se de uma "representação" (considerando aqui os inúmeros significados que esta palavra carrega) das coisas do mundo e da vida, poderíamos recorrer à citação imediatamente anterior para calçar nossa opinião, mas aqui caberia outra escrita do Patrono da Educação Brasileira, em sua *Pedagogia da autonomia* (Freire, 1996), que é mais coerente com nossas crenças: "Ao nível do mundo e não apenas do Brasil, de tal maneira submetidos ao comando da malvadez da ética do mercado, que me parece ser pouco tudo o que façamos na defesa e na prática da ética universal do ser humano" (Freire, 1996, p. 10). Pensamos que essa afirmação sintetiza o que ocorre hoje, agora em outro mundo, no universo virtual.

Ao recuperarmos o pensamento de Paulo Freire no contexto da análise do conceito "letramento", não pretendemos uma digressão, o fizemos no sentido de demonstrar que seria

---

[5] "Uma das primeiras ocorrências está no livro de Mary Kato, de 1986 *(No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística,* Editora Ática): a autora, logo no início do livro (p. 7), diz acreditar que a língua falada culta 'é consequência do *letramento*' (grifo meu). Dois anos mais tarde, em livro de 1988 *(Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso, Editora Pontes)*, Leda Verdiani Tfouni, no capítulo introdutório, distingue *alfabetização* de *letramento*: talvez seja esse o momento em que *letramento* ganha estatuto de termo técnico no léxico dos campos da Educação e das Ciências Linguísticas" (Soares, 2020, p. 15).

improvável debater tal conceito sem considerar nosso filósofo, pois, quando pesquisamos suas ideias, evidenciam-se como contemporâneas, para além da realidade, não apenas a brasileira, como também a de outros países desenvolvidos. Vimos que é recorrente, nas leituras de especialistas, sua presença, seja sendo citado, seja inspirando autoras como Magda Soares e Roxane Rojo (também recorrentes em toda literatura sobre o tema), quando descrevem a origem do termo "Letramento", e procuram "decifrá-lo", em razão das confusões com o termo "alfabetização", que já foram aludidas por nós. Assim, vamos à origem.

> Certamente, pois, não fomos buscar no "letramento" dicionarizado por *Caldas Aulete*, e já por ele considerado vocábulo antigo, antiquado, o termo ***letramento*** com o sentido que hoje lhe damos. Onde fomos buscá-lo? Trata-se, sem dúvida, da versão para o Português da palavra da língua inglesa *literacy* (Soares, 2020, p. 17)

Conforme ainda nos informa Soares (2020), o termo "letramento" foi mencionado pela primeira vez no livro de Mary Kato, de 1986: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*.

Vimos, então, que o surgimento do termo data de 1986. Mas, em recorte de texto de Mary Kato, citada por Soares, podemos entender que ele não corresponde ao que se concebe hoje como "letramento": "Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é consequência do *letramento*, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita" (Kato *apud* Soares, 2020, p. 32, *grifo nosso*).

A própria autora, no entanto, leva-nos a um momento bem mais antigo da história (há um século) e nos faz ver que o termo já mereceu outro significado no *Dicionário Caldas Aulete*.[(6)] Ainda hoje, se pode confundir o conceito de "letramento" com a ideia preconceituosa ou preconcebida no imaginário social, de que é uma qualidade específica do cidadão ou da cidadã entendidos como "letrados" ou especialista em Letras, talvez até erudito ou com hábitos de leitura da literatura.

Tal pensamento poderia fazer crer aos incautos que o cidadão ou cidadã "iletrado", "iletrada", ou seja, que não tivesse o domínio e a prática das habilidades

---

[(6)] "É interessante verificar que a palavra *letramento* aparece há um século atrás, no *Dicionário Caldas Aulete*, já ali indicada como palavra antiga ou antiquada, palavra fora de uso, e com um sentido que não é o que a palavra *letramento* tem hoje; segundo o *Dicionário Caldas Aulete*, *letramento* significava o mesmo que escrita, substantivo do verbo letrar, que significava o que hoje chamamos de soletrar. Estamos, pois, diante do caso de uma palavra que 'morreu' e 'ressuscitou' em 1986… É este um belíssimo exemplo de como a língua é algo realmente vivo, de como as palavras vão morrendo e nascendo conforme fenômenos sociais e culturais vão ocorrendo" (Soares, 2020, p. 33).

mencionadas anteriormente, também não poderia ser entendido(a) como possuidor(a) da qualidade "letramento" em seu perfil social.

Vale ressaltar que tal concepção mostra-se como um equívoco, pois "letramento", como é posto por Soares (2020), não corresponde especificamente aos domínios literários/ eruditos. "Letramento" corresponderia ao comportamento desse(a) cidadão(ã) na sociedade, como ele(a) lê o mundo, informa-se, como percebe os acontecimentos diários lendo jornais, revistas e até mesmo as placas de trânsito, os anúncios, como destacam Garcia; Silva; Felício:

> Se, inicialmente, o letramento oscilava entre a abordagem das capacidades (alfabetismos) e as práticas sociais, referido sempre no singular, o termo passou a ser designado no plural – letramentos – a partir do nascimento dos "novos estudos do letramento", em que o nome de Brian Street é o mais representativo. Street evidenciou que os letramentos são múltiplos, variando no tempo, espaço, situações, e estritamente determinados por relações de poder (Street, 1993; 2003) (Garcia; Silva; Felício, 2012, p. 130).

Também, ainda fundamentados em Soares (2020) está, no arcabouço do conceito "letramento", a capacidade de ler e ter prazer com a leitura, aquela que não foi demandada pelos afazeres escolares/trabalho, e, sim, por uma vontade espontânea, veremos que, no capítulo de análise, são recorrentes alusões a esse tipo de leitura nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa. Ainda podemos conceber como pertencentes à concepção de "letramento" os *e-mails*, mensagens, cartas, bilhetes que enviamos, as receitas que lemos e executamos, e tantas outras atividades de trabalho, lazer, novelas, filmes, *shows* e peças de teatro a que assistimos, os *cartoons*, a informação política/social e nossos posicionamentos sobre eles.

O estar atento a esses movimentos ou dinâmicas sociais requer, portanto, muito mais do cidadão ou da cidadã do que apenas saber ler e escrever. Evidentemente, são requisitos básicos para se alcançar o que seria a condição ou o estado de "letramento", ou, retomando sua origem, *literacy*,[7] em inglês.

---

[7] "Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como, por exemplo, em *innocency*, a qualidade ou condição de ser inocente). No *Webster's Dictionary, literacy* tem a acepção de 'the condition of being literate', a condição de ser *literate*, e *literate* é definido como *'educated, especially able to read and write'*, educado, especialmente, capaz de ler e escrever. Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabet*o, tornar-se *alfabetizado*, adquirir a 'tecnologia' do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu *estado* ou *condição* em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos, do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O 'estado' ou a 'condição' que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy*" (Soares, 2020, p. 17).

Obviamente, a sociedade não é estática, e seus movimentos aconteceram/ acontecem espontaneamente ao longo da história e no, cada vez mais fugaz presente, em uma dinâmica progressivamente acentuada/acelerada, dada a velocidade imposta pelas tecnologias (comunicação, internet, aplicativos e inovações digitais), com a globalização, que visou reduzir distâncias, novas manifestações são engendradas pelas variantes influências culturais, promovendo outros modos de se relacionar e de viver. "É este um belíssimo exemplo de como a língua é algo realmente vivo, de como as palavras vão morrendo e nascendo conforme fenômenos sociais e culturais vão ocorrendo" (Soares, 2020, p. 33). Ou seja, linguagens diversas se atravessam em dialogismos, que, acreditamos, hoje frenéticos.

Procuramos, com esta seção, trazer nossa visão sobre o conceito que a intitula. Com nossas assertivas e reflexões, procuramos ressaltar a necessidade de um melhor entendimento sobre o que seria de fato "letramento". Justificamos sua abordagem em nossa dissertação por entendermos que, entre os "letramentos" requisitados estaria o da leitura crítica do/no uso das tecnologias, e talvez a literatura possa despertar essa leitura.

Acreditamos agora ser necessária uma abordagem, em nossa pesquisa, de outro conceito que surgiu no contexto tecnológico/educacional. Trata-se do "multiletramento", que abordaremos na próxima seção.

1.2. Multiletramento e as novas tecnologias

Entendemos que o conceito de "multiletramento"[(8)] foi importante para refletirmos e analisarmos os Imaginários sociodiscursivos que os sujeitos da pesquisa mobilizaram, dadas a diversidade cultural e as inúmeras linguagens utilizadas em suas manifestações. Seja no trabalho, seja em nossas atividades de estudos, escolares, afetivas, lazer e sociais, acreditamos: irreversivelmente, temos a presença da tecnologia digital. E, como já afirmamos no início desta dissertação, tomar consciência de determinadas práticas saudáveis e lidar criticamente com as linguagens e dispositivos digitais tornou-se imperativo para uma sociedade midiatizada, e talvez a escola seja o ambiente fundamental para ações que vislumbrem esse entendimento.

[(8)] "Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursivos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho)" (Rojo, 2012, p. 8).

O que a princípio poderia sugerir se tratar de um conceito ou uma concepção de educação em que se consideram somente as possibilidades proporcionadas pelas mídias digitais e tecnologias de comunicação, ao estudarmos um pouco mais sobre o que seria "multiletramento", verificamos um universo bem mais abrangente e que se apresenta como um desafio ao estudo e ao conhecimento. Por outro lado, também encontraremos propostas surpreendentes e realmente inovadoras. As linguagens são imensuráveis e carregam uma diversidade de marcas identitárias de um social bem mais próximo do real, que tem propriamente, na metalinguagem, uma forma de expressão em razão dos múltiplos atravessamentos e dialogismos, proporcionando exponenciais interações entre a sociedade e os saberes.

Poderíamos traçar um paralelo com outro conceito inovador denominado "educação transmídia"[(9)]. Esse conceito ganhou espaço em alguns meios educacionais, inclusive em outros países mais desenvolvidos. Preconceituosamente, poder-se-ia pensar, inicialmente, que a ideia seria de, no ambiente escolar tradicional, permitir mais acessibilidade às tecnologias digitais, a fim de promover o protagonismo dos alunos, garantindo-lhes maior liberdade de utilização das diversas mídias, de suas ferramentas e, como consequência, manter o vínculo presencial do estudante com a escola. No entanto, a proposta vai muito além do espaço escolar. O que nos faz lembrar de princípios do "multiletramento", conceito que abordamos aqui.

Destacamos que, nesse processo em que se considera o "multiletramento" e nos faz pensar em "educação transmídia", caberá ao professor uma adaptação às mídias e uma readaptação na forma de ensinar, tendo sempre em mente a ciência da interação (e que nos faz pensar no dialogismo *bakhtiniano*) na construção conjunta de sentidos aluno/professor/ mídias/culturas.

Como vimos, a essência da proposta da "educação transmídia" é uma interação da vida escolar com a cultura (vida e cultura dentro e fora da escola) dos estudantes. Acreditamos que caberia uma analogia com as metodologias de alfabetização de Paulo Freire, uma de nossas maiores referências na Educação, e que também tem reconhecimento mundial.

Ainda vendo um paralelo entre os conceitos de "multiletramento" e "educação transmídia", nós os entendemos como temas emergentes na sociedade. Existem, portanto, várias

---

[(9)] Conceito estudado na disciplina Linguagens, Mídias e Processos Discursivos, ofertada pela professora Carla Moreira, no Posling do Cefet-MG.

vertentes de argumentação dando explicações sobre seus conceitos. Encontramos correntes de pensamento que veem, na inserção da cultura dos *games* (tão usados pelos jovens, ao que chamam de "geração Z"), como uma linguagem a ser considerada nos ambientes educacionais, para além de um entretenimento. Certo é que, já há muito, existe uma indústria de jogos que fez surgir até mesmo cursos em universidades para atender à demanda de profissionais voltados para essa área.

Depois da exposição desta nossa visão panorâmica do que seria, na realidade, alguns princípios e ideias a serem considerados em nossa pesquisa, cabe ressaltar que, logicamente, não se trata, nesta dissertação, de uma análise mais aprofundada das condições atuais dos conceitos "Letramento" e "Multiletramento" em nossa sociedade, pois, se tal pretensão fosse considerada, certamente nos desviaríamos de nosso foco de pesquisa.

Mas certo é também que as transformações tecnológicas, principalmente no que se refere à comunicação digital, fazem presumir, a nosso ver, a necessidade de um cidadão/cidadã ao menos minimamente competente[(10)] naquilo que seria o básico/fundamental: ler, entender, escrever e, a partir dessas premissas, interpretar, para poder exercer plenamente seu papel, seja no trabalho, seja na educação, seja na política, em uma sociedade cada vez mais midiatizada.

É evidente, no cotidiano escolar, a presença e utilização dos aparelhos *smartphones* em salas de aula, não apenas para o lazer, pois se trata de uma tecnologia que abre inúmeras portas para o desenvolvimento do aprendizado, por meio da interação e comunicação proporcionadas. Aplicativos de cálculos matemáticos, produção e veiculação de imagens e sons, filmagens elaboradas para produção de conteúdo são apenas algumas possibilidades que podemos elencar para exemplificar como esses dispositivos eletrônicos podem ter inúmeras aplicabilidades no processo de educação, evidenciando-se, assim, também a multimodalidade como a comunicação lexicográfica como ferramenta poderosa de comunicação e interação, compreendida, dessa forma, no arcabouço dos multiletramentos.

Como veremos, na apresentação de nossas análises, foram recorrentes a mobilização de diversos imaginários acerca dos usos das "NTICs" no cotidiano dos sujeitos entrevistados. Os sujeitos entrevistados reconstroem lembranças acerca de seus processos de letramento, desde a infância até a idade adulta; nesse sentido, em suas narrativas, eles avaliam

---

(10) "Quando utilizamos os termos de 'competência comunicativa', 'competência situacional', 'competência pragmática' ou 'competência situacional', 'competência pragmática' ou 'competência dialógica' (no sentido Bakhtiniano), trata-se de assinalar o que acaba de ser dito, ou seja, que a competência de produção/interpretação ultrapassa o simples conhecimento das palavras e de suas regras de combinação e requer um saber bem mais global, que compreende outros elementos da interação social e que, não obstante, fazem parte do processo de enunciação" (Charaudeau, 1999, p. 30).

quais foram as experiências de leitura e de escrita que mais foram significativas, mais prazerosas, além disso, avaliam, também, quais foram os impactos do uso dos smartphones em suas práticas de leitura, produzindo efeitos de sentido e imaginários ora positivos, ora negativos. Tais avaliações, como pretendemos mostrar, podem ser compreendidas à luz de algumas reflexões que fizemos acerca dos conceitos de alfabetização, de letramento, de multiletramento, bem como de midiatização.

Assim sendo, como anunciamos na Introdução, utilizamos os pressupostos teóricos-metodológicos da Teoria Semiolinguística para empreender nossas análises acerca dos Imaginários sociodiscursivos mobilizados pelos sujeitos da pesquisa sobre o impacto do uso do *smartphone*. Portanto, dedicamos o próximo capítulo à apresentação dessa teoria.

2. TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA E IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Com este capítulo pretendemos expor os fundamentos teóricos e os conceitos que foram essenciais para a análise de nossos dados. Como já exposto, a Análise do Discurso foi a disciplina ou caminho que escolhemos para interpretar o *corpus* de nossa pesquisa, qual seja, as respostas dos entrevistados ao questionário que enviamos por e-mail, conforme descrevemos mais precisamente no subitem "3.2. Sobre o instrumento de coleta", do Capítulo 3 - Metodologia.

Analisar, elucidar, trazer à superfície, enumerar os imaginários sociodiscursivos que os enunciados nas respostas às entrevistas – (in) conscientemente/intuitivamente –, deixaram fluir e nos permitiram *traduzir*, foram o nosso procedimento de busca para, em um segundo momento avaliarmos, e tirarmos conclusões, constatarmos ou não, a questão relacionada aos nossos objetivos gerais que aqui relembramos: investigar quais são os imaginários socio-discursivos que sujeitos leitores constroem e mobilizam sobre suas novas práticas de Leitura da Literatura a partir da presença e utilização do *smartphone* no dia a dia e no momento em que começaram a fazer o uso massivo dessa tecnologia, devido ao processo acelerado da midiatização no cotidiano.

2.1. Teoria Semiolinguística

Neste capítulo, apresentamos a Teoria Semiolinguística e seus postulados, que se imbricam no processo de Análise do Discurso e na leitura dos Imaginários sociodiscursivos, conforme nossas interpretações e leituras. Linguagem, ato de linguagem, sujeito, contrato comunicacional, estratégias, modos de organização

e os Imaginários sociodiscursivos constroem esta *teia* teórico-metodológica da Semiolinguística que também é semiótica, pois como vimos, em Patrick Charaudeau, "uma análise semiolinguística do discurso é semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade" que "depende dos sujeitos de linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes" (Charaudeau, 2019, p. 21).

Ao enunciarmos, no parágrafo anterior, o substantivo feminino *teia*, sem que nos déssemos conta ou mesmo intuitivamente, já apresentávamos uma metáfora, uma figura de linguagem que, a nosso ver, descreve bem o emaranhado constituído por linhas tênues no qual nos envolvemos quando nos propomos a analisar, no discurso dos sujeitos, os imaginários sociodiscursivos presentes nos enunciados das respostas às entrevistas.

Para iniciar nossa tarefa, foi imprescindível retomarmos a leitura de "Linguagem e Discurso"[11] de Patrick Charaudeau (2019), para, com isso, buscarmos, nos fundamentos teóricos, constituirmos a base para nossas análises, como prescreve o próprio autor logo no início: "os territórios acabam por se confundir pela impossibilidade de se definir fronteiras com exatidão, então torna-se necessário que o explorador-linguista comece por esboçar uma ideia das características e dos limites que determinam o território que quer explorar" (Charaudeau, 2019, p. 13).

O excerto que trouxemos, por um lado, nos deu a dimensão da complexidade de nossa missão, e por outro lado, também nos deu o *insight* para iniciarmos o desenvolvimento de nossas considerações acerca da Semiolinguística como norte para análises/interpretações do *corpus* de nossa dissertação, pois, como vimos, no recorte, do texto de Charaudeau, temos nos substantivos "territórios", "fronteiras" e no adjetivo-substantivo "explorador" termos que poderiam muito bem remeter nosso pensamento a questões relacionadas a campos semânticos das disciplinas de Geografia, História ou mesmo a Geologia, mas não é o caso, pois como já enunciamos, o contexto no qual nos atemos é o campo da linguagem, da linguística, da Análise do Discurso.

Por estarmos dialogando no contexto onde o emissor (Charaudeau) é o nosso referencial teórico e quem produziu o ato de linguagem, e nós os receptores interpretantes,

---

(11) Esta obra foi organizada pelas professoras Ida Lúcia Machado e Aparecida Lino Pauliukonis, a partir das obras seminais de *Charaudeau*, *Langage et Discours*, de 1983, e *Grammaire du sens et de l'éxpression*, de 1992. "É o resultado de um trabalho conjunto de alguns pesquisadores de três Laboratórios de Pesquisa em Análise do Discurso: o CIAD-Rio (Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso), da Faculdade de Letras da UFRJ, e o NAD (Núcleo de Análise do Discurso) da Faculdade de Letras da UFMG, no Brasil; e o CAD (*Centre d'Analyse du Discours*) de Paris XIII, na França". Aparecida Lino Pauliukonis (CIAD-Rio) é "doutora em Língua Portuguesa, professora associada de Língua Portuguesa da UFRJ. Atua na linha de pesquisa 'Discurso e ensino de língua', sobre os processos enunciativos do discurso midiático." Ida Lúcia Machado (NAD-UFMG) é "Mestre e doutora em Letras, coordenou com o professor *Patrick Charaudeau* dois projetos no âmbito dos acordos Capes/Cofecub. Atualmente coordena um projeto de Análise do Discurso entre a UFMG e a Universidade de Paris XII."

conseguimos entender se tratar de metalinguagem, e podemos concluir perfeitamente, considerando a circunstância de comunicação específica (sujeito emissor - sujeito interpretante) que o "território" não se trata aqui, por exemplo, da área da Amazônia ocupada pela população indígena *Yanomami,* que a "fronteira", neste caso, não é a Venezuela, e que, muito menos, o "explorador" seria um garimpeiro ou invasor, afinal neste contexto o nosso universo é a Linguagem, o "território" é a Análise do Discurso, e sabemos ser impossível conhecer todas as "fronteiras" da Semiolinguística dada a dinâmica dialética entre emissor-receptor no ato de linguagem, portanto reiteramos que, em nossa "exploração", nos dedicamos às análises e interpretações dos Imaginários sociodiscursivos mobilizados pelos sujeitos das narrativas que constituem o *corpus* de nossa pesquisa, cientes de que "o ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita" ou seja, ele é "um objeto duplo, constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação)" (Charaudeau, 2019, p. 17).

Além das circunstâncias de comunicação que devem sempre ser consideradas na análise dos textos, fez-se necessário termos em mente o que mencionamos *en passant* no parágrafo anterior, que é preciso levar em conta a dinâmica da dialética emissor-receptor, na qual o sujeito não está restrito ao âmbito do enunciado inicial como único, pois o ato interpretativo produz outros sujeitos, o que torna complexo o processo de análise, portanto ressalvamos que não tivemos a pretensão de termos a "fiabilidade das ciências exatas", nossas análises não se apresentam como uma constatação, pois, como vimos em Charaudeau (2019), em razão das peculiaridades dos estudos linguísticos, "não sabemos *colocar o objeto de estudo à distância*", entre outras razões porque, na linguística muitas vezes, "linguagem-objeto", "linguagem-instrumento de análise" e "linguagem-instrumento de interpretação" se interpelam e se atravessam, assim nos fiamos na teoria para acreditar na análise e interpretação de um dado enunciado como um ato de abstração dialógica, como explica Charaudeau no seguinte excerto:

> A análise que produzimos não é mais do que um novo texto a respeito de um outro texto, que depende, por sua vez, de um outro texto, que depende, por sua vez, de um outro texto, etc. O sujeito que faz a exegese jamais está seguro de falar pelo (no lugar) do outro. *Ele nunca acabará com esta intertextualidade que se interpõe entre a linguagem e ele*. [...] Nosso ponto de vista é que podemos sempre falar sobre o texto de um outro, mas sem pretender fazer sua exegese" (Charaudeau, 2019, p. 15).

Portanto, na análise que fizemos no *corpus* de nossa pesquisa, procuramos ter sempre em mente que os enunciados das respostas surgiram a partir de *provocações* contidas nas perguntas propostas por um emissor (entrevistador-pesquisador), e que foram enviadas a um interpretante (entrevistado), e que estes sabiam do que se tratava a entrevista e o seu

propósito principal, qual seja, investigar como era e como passou a ser a leitura da Literatura depois do advento das tecnologias digitais, no caso específico o *smartphone*, afinal este conhecimento prévio do nosso objetivo pelo entrevistado – uma forma de interdiscursividade –, poderia induzir o desenvolvimento de uma resposta tangenciada por referenciais não só histórico-pessoais, mas também culturais.

Por sabermos que questões relacionadas às tecnologias digitais e à cultura da Literatura, contidas nas perguntas do emissor (entrevistador), poderiam proporcionar ou mesmo despertar imaginários vinculados a um tipo de *ethos cultural-axiológico*, e que este, certamente, poderia influenciar a narrativa do interpretante (entrevistado), concluímos que seria complexa a tarefa de interpretar fielmente os enunciados das respostas, ou seja, seria impossível "fazer uma exegese" como assevera Charaudeau, e ainda é importante considerar que os sujeitos do ato de comunicação (emissor-interpretante) estão envolvidos em uma dinâmica dialética em que os papéis se invertem e os discursos se intertextualizam.

Assim sendo, partimos da premissa de que nossas análises e interpretações não esgotam os sentidos, e por outro lado, sabemos também que seria impossível definir a "fronteira" exata entre o meu pensamento (sujeito emissor) e o do entrevistado (sujeito interpretante). Dessa forma, desenvolvemos a pesquisa cientes de que nossas conclusões estão atreladas às nossas experiências, nossas relações, nossos estudos-leituras e nossa história de vida, constituintes de nossas subjetividades e pensamento.

Pensamento meu, nosso, do outro, de tempos e do mundo se atravessam constituindo também a *teia* imaginária à qual nos referimos no início deste capítulo. Charaudeau (2019), de alguma maneira, atenua em nós uma possível e compreensível sensação de frustração por concluirmos que não serão possíveis pareceres conclusivos, quando declara em seu livro "Linguagem e Discurso":

> Vamos então fazer uma confissão bem sincera: o território do qual falávamos ao começar este capítulo será apenas o *território-lugar-do-meu-pensamento, lugar no qual vou me construir*. É por isso que o *nós* que utilizaremos será somente uma máscara colocada convencionalmente sobre o rosto do *eu*" (Charaudeau, 2019, p. 16, *grifos do autor*).

Se procuramos investigar, nas respostas dos(as) entrevistados(as), os imaginários sociodiscursivos, é importante estarmos cientes de que, o que investigamos está no campo do simbólico, vinculado às representações sociais, ou seja, de objetos *não transparentes*, do que não é explícito e que buscamos analisar os discursos, interpretando segundo o nosso pensamento, entendimento e fundamentados na teoria de Charaudeau (2017): "esse imaginário pode ser qualificado de sociodiscursivo na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma

de um imaginário é a fala". Portanto, como nos encontramos no universo da Linguagem e no "território" da Análise do Discurso, procuramos os imaginários no pensamento representado nas respostas escritas, e nos valemos dos conceitos da Semiolinguística sobre os quais aqui procuraremos trazer nossa visão.

2.2. O que é Semiolinguística

Procuramos, nos escritos de Patrick Charaudeau, uma definição clara e objetiva da Teoria Semiolinguística, e para tentar explicar o que entendemos, procuramos fazer uma analogia dentro de um outro campo ou linguagem, que é a do futebol. Assim sendo, para que a partida ocorra, deve existir um *Contrato de Comunicação*, que a depender da *situação de comunicação* (situação de jogo) colocará em campo as *subjetividades* do *sujeito falante* ou *comunicante*, que também pode ser um *enunciador* ou *sujeito receptor*, este que, muito bem pode vir a se tornar *destinatário* ou *interpretante*.

É importante também dizer que o sujeito de fala ou mesmo o sujeito enunciador necessariamente não guarda posição, pois na *interdiscursividade*, às vezes ele é polivalente, porque pode muito bem ser deslocado, e por momentos, a depender das *visadas discursivas*, passar a ocupar outra posição, lembrando sempre que quem define o jogo e coloca o time ou, como queiram, os sujeitos do discurso em campo é a *Situação de Comunicação*.

Mas tudo isso dependerá das *estratégias discursivas* elencadas pelos sujeitos que na dinâmica, nada simétrica da *Semiolinguística*, poderão, como dissemos, às vezes ocupar outras posições na Análise do Discurso. No entanto procurando apresentar o resultado ao fim da partida, interpretamos que a *Semiolinguística* seria o encontro da Semiótica com a Linguística.

Agora saindo do campo lúdico, mas sem deixar de lado os imaginários, podemos dizer que, do encontro da Linguística com a Semiótica surgiu a Semiolinguística. Charaudeau, deu à luz este conceito em sua tese de doutorado, na qual relacionou os "fatos da língua aos fatos semióticos do discurso". Segundo verbete do Dicionário da Análise do Discurso de Charaudeau e Mangueneau (2016) *Semiolinguística*:

> lugar das escolhas linguísticas que configuram o texto em que são ordenadas "as formas dos signos, suas regras de combinação e seus sentidos, sabendo que estes são empregados para exprimir uma intenção de comunicação, em relação com os dados do quadro situacional e as coerções da organização discursiva" (2000b: 49). [...] Desse modo, todo enunciado deve construir o objeto, para análise, como uma tripla interrogação: quais são as condições situacionais do ato de linguagem? Qual(is) procedimento(s) discursivo(s) ele aciona? Em que consiste sua configuração textual? (Charaudeau, 2016, p. 453)

No livro “O que é e o que faz a Semiolinguística” (2023), encontrarmos uma entrevista com Patrick Charaudeau que, ao nosso ver esclareceu que a *Semiolinguística* é uma Ciência que estuda o que está por traz do que dizem na superfície, as palavras, as frases, sintagmas, períodos, preposições, verbos, advérbios, predicados, preposições, artigos e demais elementos da língua, que podem ser lidos e interpretados por meio dos signos linguísticos que indiciam as *Subjetividades* por traz dos sujeitos falantes, convertidos, no processo, em sujeitos comunicantes (EUc) e enunciadores (EUe) do *ato de linguagem* que chegará até ao sujeito destinatário (TUd) que também, nesse dialogismo, se transmutará em sujeito interpretante (TUi).

Vale lembrar que, neste jogo, temos de considerar o implícito e o explícito, e que não se trata também de um “duplo processo simétrico” ou estático no qual o Emissor e Receptor guardam sempre as mesmas posições. É como num jogo, em que, às vezes, um time avança e outro defende, mas, no transcorrer das situações, as posições, muitas vezes, se invertem, quem era Emissor (atacante) pode se desdobrar em Receptor (defensor), e vice-versa.

2.3. A noção de ato de linguagem e os possíveis interpretativos

A Teoria Semiolinguística define o ato de linguagem como resultante de um jogo entre as dimensões: explícita e implícita, sendo que as condições de produção são determinantes para a produção dos sentidos. Dessa forma, a interpretação de todo ato de linguagem baseia-se em uma atividade de abstração, que visa, a partir da análise de signos, de intertextualidades, elucidar as significações. Charaudeau (2019) “uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade.”

Traremos, a seguir, um excerto da explicação inicial de Charaudeau (2019) sobre Semiolinguística de onde retiraremos novos exemplos, de seu próprio enunciado, demonstrando assim como a *teoria* aqui se torna *objeto* e *método*, e depois, de como a palavra adquire outra conotação a depender de quem empreende o discurso. Ou seja, o sujeito individual convertido em sujeito coletivo constituído no decurso do processo dialético que se compreende na relação de intercompreensão, que é, via de regra, marcada pela polêmica, pela diversidade, pela discordância na polêmica, na discordância/concordância para elucidação, como explica o autor:

> Discordância que institui o sujeito falante como sujeito individual; concordância que o institui como sujeito coletivo. Discordância/ concordância,

> concordância/ discordância cujos traços são encontrados na função polêmica e na função de elucidação da linguagem (funções não são acessórias, mas fundadoras da linguagem); no mecanismo que preside à formação dos falares (gíria, dialetos) e que explica a diversidade; o fenômeno de criação dos signos que nascem em um uso e se constituem ao mesmo tempo em uma soma de relações de intercompreensão. Em suma, no jogo *de agressão e de cumplicidade* jogado pelos atores da linguagem, na afirmação de uma *especificidade* e de um *consenso* que se interpelam de forma dialética no mesmo ato linguageiro (Charaudeau, 2019, p. 20, *grifos do autor*).

Palavras destacadas nesse texto tais como *agressão* e *cumplicidade* estariam mais vinculadas ao campo semântico das narrativas sobre violência, embates e crimes, mas que nesse contexto ganham sentidos tais como *opinião*, *debate*, *diálogo* que se relacionam à promoção ou à busca de um *consenso*, é o que se pode inferir quando consideramos as circunstâncias do discurso de Charaudeau (2019).

Poderíamos alcançar um entendimento indiciado também nas escolhas lexicais do autor do texto, *objeto* de análise, de que talvez não tenha sido por acaso que o linguista tenha se utilizado de palavras e expressões fora do *habitat* no qual elas ganhariam *transparência*, justamente para promover uma espécie de provocação a instigar a busca pela elucidação. Seria o *método*: Tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante é crucial, no ato de linguagem, não se ater apenas à "configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem" (Charaudeau, 2019, p. 24).

A fim de exemplificar essas reflexões teóricas, propomos breves apontamentos sobre o filme "Ainda Estou Aqui"[12], destacando as relações entre o implícito e o explícito de um ato de linguagem.

Não foi por acaso que trouxemos entre aspas o título de um filme, com isso, quase ultrapassamos a fronteira entre o explícito/implícito, afinal trata-se de uma produção cinematográfica brasileira de muito sucesso e que está ganhando evidência internacional. Ao enunciarmos *ainda estou aqui*, proporcionamos, a busca de sentidos múltiplos tais como: ainda estou aqui seguindo com minhas explicações; ou mesmo, ainda estou aqui longe de terminar com minhas explicações; ou ainda, uma provocação ao sujeito interpretante por meio do recurso da uma intertextualidade, remetendo seu imaginário ao filme ao qual já nos referimos, deixando sob sua incumbência complementar com uma paráfrase o que está

---

(12) Filme de 2024, dirigido por *Walter Salles*, com roteiro de *Murilo Hauser* e *Heitor Lorega*, e inspirado no livro "Ainda Estou Aqui" (2015) de *Marcelo Rubens Paiva*. Filme vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional.

implícito, mas que as aspas indiciam que, este estar aqui não seria aleatório, dadas as circunstâncias (estudos do Discurso e da Semiolinguística), e porque não, a percepção do *ethos*[13] do sujeito enunciador, imanente em sua discursivização ao longo desta dissertação. Charaudeau (2019) classifica este exercício como "jogo de remissões".

São as circunstâncias do discurso que permitem ao sujeito interpretante construir os sentidos por meio do jogo entre a produção e as paráfrases estruturais e seriais/intertextuais, pois neste jogo que envolve os protagonistas (sujeito enunciador e sujeito interpretante) em um ato de linguagem o que delimita uma possível interpretação pretendida pelo sujeito enunciador são as circunstâncias discursivas, do contrário, variadas interpretações seriam proporcionadas ao sujeito interpretante. Segundo Charaudeau, aos dois atores deste jogo do ato de linguagem cabem não se ater tão somente "apenas à sua configuração verbal", há que se considerar que, a partir dela, outro jogo de significação se inicia, desta vez, estabelecido entre o verbal e o que está implícito, são as circunstâncias do discurso que permitirão inferir e produzir sentidos por meio das paráfrases.

> A produção dessas paráfrases permite que se efetue, na linguagem, um jogo de remissões constantes a alguma coisa além do enunciado explícito, que se encontra antes e depois do ato de proferição da fala. É um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas por essa totalidade discursiva que os ultrapassa: vamos, pois, nomeá-la *Significação* (Charaudeau, 2019, p. 25).

Como vimos no exemplo do nome do filme que citamos, o que estava implícito no dêitico (índice de ostensão), *aqui, ali, lá, acolá, este, esse, aquele* "Aqui" vai muito além do que o que estava explícito. O Discurso, em "Ainda Estou Aqui", não está na *transparência*, ele exige uma análise dedicada baseada na Semiolinguística.

> Isto nos leva a pensar que não se pode determinar de forma apriorística o paradigma de um signo, já que é o ato de linguagem, em sua totalidade discursiva, que o constitui a cada momento de forma específica. Em outras palavras, longe de conceber que o sentido se constituiria primeiro de forma explícita em uma atividade estrutural e, em seguida, seria portador de um implícito suplementar no momento de seu emprego, dizemos que é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para constituir a significação de uma totalidade discursiva. Assim, questionamos a ideia de uma definição primeira e fora de contexto dos signos da linguagem (Charaudeau, 2019, p. 26).

---

(13) "O e*thos* designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alucotório. O *ethos* faz parte, como o *"logos"* e o *"páthos"*, da trilogia aristotélica dos meios de prova (Retórica I: 1356a). Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado, designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência (Retórica II: 1378a); por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social (*Eggs*, 1999: 32)" (Amossy, 2016, p. 220) (Charaudeau, Maingueneal, 2016, p. 220).

Ao concluirmos o parágrafo anterior à última citação de *Charaudeau* que aqui trouxemos, nos veio alguns questionamentos: como se dá no leitor/leitora comum/leigo (sujeito Interpretante) o processamento e reflexão em relação à Teoria Semiolinguística sobre o(s) discurso(s) contido(s) no enunciado que exemplificamos? Como o enunciador (sujeito emissor) pode tornar possível a leitura e a significação dos signos pela leitora/leitor e vislumbrar a sua ou suas interpretações? Procuraremos responder a estas questões sempre fiados nos argumentos de *Charaudeau*: "As constatações que efetuamos sobre o Implícito, o Explícito e suas interações nos levam a definir o fenômeno linguageiro como algo que se constitui em um duplo movimento. [...] é o exocêntrico [...] e endocêntrico" (Charaudeau, 2019, p. 27).

Ao enunciar "Ainda Estou Aqui", o autor (emissor) do livro que inspirou o filme contou com uma série de relações e contextualizações sócio-históricas que permitissem a quem lesse o livro (receptor) fazer intuitivamente a combinação dos signos advindos do que *Charaudeau* denominou forças "centrífugas" e "centrípetas".

No nosso entendimento, a força centrífuga está ligada ao movimento "exocêntrico" que faz com que, em todo ato de linguagem, os signos deixem o espaço do explícito e, entre si, promovam uma espécie de *simbiose* intertextual e contextual proporcionando assim a significação do discurso. Por outro lado, a força centrípeta está vinculada a um movimento "endocêntrico" que impõe ao ato de linguagem produzir uma significação referenciada e simbolizada, processo por meio do qual o signo, na interação com outros signos, converte-se em "valor de diferença" proporcionando a "simbolização referencial".

Como exemplificamos com o objeto livro, podemos dizer que os signos podem ter características textuais ou imagéticas e que os paratextos (capa, contracapa, orelhas), carregam outros signos a dar sentidos ao discurso e "significação ao ato de linguagem".

Ao assistirmos ao filme "Ainda Estou Aqui", somos expostos a inúmeros signos (explícitos-implícitos) que, de forma subliminar, nos fazem sentir e interpretar sem que nos demos conta da presença daquilo que está implícito no signo explícito e que nos levam a dar a "significação desse ato de linguagem", involuntariamente, no todo da cena. Alguns enunciados tais como as cenas da janela sempre aberta por onde entra o Sol clareando toda a casa evidenciando a vida, e, depois, o fechamento das cortinas da mesma janela deixando o ambiente fechado numa penumbra dando origem ao sentimento de tristeza, medo e apreensão, descortinam os tons do discurso. Possivelmente Charaudeau clareará o entendimento:

> Se, agora, considerarmos o ato de linguagem em seu resultado, diremos que ele se apresenta sob o duplo aspecto de um Explícito incompleto, do ponto de vista da significação desse ato e de um Implícito que, tratando das condições de

> produção/interpretação da linguagem, determinaria a significação desse ato de linguagem (Charaudeau, 2019, p. 27).

As "condições de produção/interpretação" estão postas ao sujeito interpretante: como é do conhecimento da grande maioria das pessoas que assistiram ou assistirão ao filme, os referenciais simbólicos são o período de exceção que o País viveu nas décadas de 1960-1970, a opressão, as prisões, a tortura, o desaparecimento e os assassinatos de brasileiros e brasileiras. São fatos sócio-históricos que permeiam o imaginário, transmutados pelas circunstâncias do discurso em ambiente que permite significar. Os signos Implícitos por meio da intertextualidade deram significação discursiva aos signos Explícitos, o que seria a força exocêntrica.

Ainda sobre as circunstâncias do discurso, procuramos exemplificar/ilustrar com alguns excertos do livro "Ainda Estou Aqui", de *Marcelo Rubens Paiva*, para depois buscarmos desenvolver uma explicação.

> Como não encontraria a resposta, já que a ***tempestade*** cerebral impediria a clareza dos pensamentos, ela diria a frase que marcou a parte inicial do ***Alzheimer***: – Quero ir embora. Ou: – Quero ir pra casa. Às vezes sorridente. Às vezes furiosa. Sempre surpreendente. [...] (Paiva, 2015, p. 19, *grifos nossos*).
> Virou-se para a minha mãe e perguntou de surpresa:
> – Em que ano estamos?
> Ela me olhou em ***desespero***. Era aquela expressão, a nova expressão, adquirida havia poucos anos, como se tentasse lembrar algo banal e não conseguisse, a data!, que dia é hoje!, data!, dia/mês/ano!, ***humilhada*** pelas conexões do cérebro, proteínas que faltavam a cada dia, mais e mais, eles querem a data!, o que a deixava num ***branco*** incomum, onde está o ***facho***? Olhou para nós como se estivesse sendo ***arrastada pela correnteza*** para o ***vazio do oceano, iria afogar, afogar-se no esquecimento***. Assustada, surpresa por não se lembrar, coisa simples. Era um exercício sobre-humano ***remar de volta***. (Paiva, 2015, p. 24, *grifos nossos*).

Este excerto que apresentamos do livro poderia levar o leitor ou leitora a acreditar tratar-se da narrativa de um naufrágio em meio a uma *tempestade* em alto mar, se nos ativéssemos às frases e expressões destacadas. Mas as circunstâncias discursivas nos levam para um ambiente do judiciário, no qual Eunice Paiva e seu filho Marcelo estão diante de um juiz. Ela, acometida pelo *Alzheimer*, é submetida a uma entrevista junto à autoridade judiciária para que seja atribuída a sua tutela a alguém de sua família. A pergunta ("Em que ano estamos?") proferida pelo juiz, deixa *Eunice* atordoada, ou sendo mais preciso (mantendo o léxico para não fugirmos do campo semântico escolhido pelo autor), à deriva. Pode parecer paradoxal, mas a escolha da expressão, *à deriva*, segue a linha metafórica desenvolvida por Marcelo.

Toda esta situação descrita nos leva ao que Charaudeau (2019) classifica como "*conjunto de possíveis interpretativos*" que "nos são sugeridos pelo contexto e não pelo dicionário". Desde o momento em que embarcamos na leitura do livro, e à medida em que

imergimos nos contextos sócio-histórico pessoal e coletivo, propostos, descritos e criados pelo autor, somos absorvidos por uma espécie de comunidade social, somos atravessados pela experiência e a compartilhamos num processo interacional das "condições de Produção/ Interpretação do ato de linguagem."

Assim, ao lermos *tempestade* cerebral, conseguimos inferir o sentido de uma confusão mental; ao nos depararmos com o *desespero*, nossa empatia não nos faz surpreender com o motivo deste (não saber o ano) fazê-la sentir-se *humilhada*, pelo *branco* de um vazio que nos diz muito. O *facho* seria o farol a indicar para onde *remar de volta,* mas contra a *correnteza* das conexões*,* para alcançar a terra firme do pensamento, a lucidez, para fugir do *oceano vazio do esquecimento*. Toda esta interpretação nos foi proporcionada pela menção inicial à doença de *Alzheimer*, transtorno neurodegenerativo. Esses exemplos ilustram a seguinte reflexão de Charaudeau:

> Ora, uma vez mais, o que está semanticamente em questão, nessas representações coletivas, não nos foi fornecido por um saber absoluto, fixado definitivamente em um dicionário. Não, esse saber nos foi dado pelo fato de pertencermos a uma comunidade social e partilharmos com seus membros experiências dos mais variados tipos (física, intelectual, afetiva, etc.). [...] Assim, as denominadas *Circunstâncias do Discurso* intervêm na partilha do saber dos protagonistas da linguagem, no que diz respeito a suas práticas sociais, na condição de sujeitos coletivos (Charaudeau, 2019, p. 29-30).

Além das Circunstâncias do Discurso, interferem na produção e interpretação dos sentidos os "saberes do Enunciador e do Interpretante" o que Charaudeau também classifica como "filtro construtor de sentido". Como vimos nos exemplos que apresentamos, o autor do livro (Enunciador) se fia nos saberes, mesmo que superficiais, do leitor (Interpretante) sobre o que ocorre no cérebro de uma pessoa acometida pela doença de *Alzheimer*, este seria o filtro interpretativo, meio que o Enunciador encontrou de proporcionar ao Interpretante a leitura e entendimento de se tratar de metáforas menções de expressões como *correnteza*, *tempestade* e *vazio do oceano*.

No entanto ele, o Sujeito-comunicante/autor, conta também com os saberes do leitor/Interpretante sobre o que ocorre em uma *correnteza*, uma *tempestade* ou *oceano*, que precedido do substantivo *vazio* (outro filtro de sentido metafórico) ganha ainda mais força e expressão. Como se observa, Marcelo Rubens Paiva, com seus filtros construtores de sentido, procura dar uma espécie de bússola ou norte ao leitor. Logicamente, não se pode esperar que o Interpretante tenha experimentado a doença de *Alzheimer* – o que só seria possível se tivesse ocorrido algum caso na família ou no círculo de relacionamentos –, ou mesmo ter sido um náufrago no oceano, uma vez que, como explica Charaudeau:

> O saber que os protagonistas da linguagem constroem sobre os diferentes propósitos contidos nas trocas comunicativas não é ligado apenas às referências ou experiências vividas por cada um deles. Esse saber depende igualmente dos saberes que tais sujeitos comunicantes supõem existir entre eles e que constituem os *filtros construtores de sentido*. (Charaudeau, 2019, p. 31)

Por mais que nos sejam fornecidos indícios, signos, que conheçamos as condições de produção do ato de linguagem, os contextos sócio-históricos, situação de comunicação e os filtros construtores de sentido, na análise do discurso, sempre trabalhamos com hipóteses, cientes de que toda interpretação é uma "suposição de intenção" feitas pelo sujeito Interpretante em relação ao que pretendeu dizer o sujeito Enunciador, que por sua vez, ao enunciar, cria hipóteses sobre os conhecimentos do sujeito Interpretante.

Portanto é um jogo de hipóteses e suposições que constituem as Circunstâncias do discurso, como exemplificamos com os enunciados de Marcelo Rubens Paiva em seu livro "Ainda Estou Aqui" e também com o enunciado da cena da sala da casa (contexto extralinguístico), do filme inspirado no mesmo livro.

Mas neste caso da cena da sala da casa, onde se ambienta boa parte do filme, também temos os filtros criadores de sentido que, neste caso, são criados pelo diretor de cinema/fotografia que, por meio de escolhas de signos como a luz, a cortina e as cores, produz o enunciado e, dentro dele, o discurso, em um processo de transformação de imagens em palavras e texto, aqui temos o movimento endocêntrico vinculado à força centrípeta aludida por Charaudeau (2019): "um ato de simbolização; nesse ato o signo se instala dentro de uma rede de relações com outros signos" [...] "e se constitui como valor de diferença. Corresponde a esse movimento a atividade estrutural que garante a construção do sentido da Simbolização referencial."

Todos estes elementos da Semiolinguística que apresentamos até aqui (*signos, significação, filtros interpretantes, implícito-explícito, transparente, não transparente*) nos darão subsídios para analisarmos e interpretarmos, nos enunciados das respostas das entrevistas (*corpus* de nossa pesquisa), os imaginários socio-discursivos, sobre os quais procuraremos desenvolver algumas considerações mais à frente.

2.4. O Ato de Linguagem e as Circunstâncias de Discurso

O discurso só se constitui pela linguagem, seja ela verbal, oral, imagética, ou seja, se utiliza de outros "códigos semiológicos" (Charaudeau, 2001). Assim sendo, entendemos que a linguagem verbal ou textual não delimita as formas de "encenação da significação" discursiva, existem inúmeras outras linguagens que nos permitem encenar o discurso que vão além dos códigos verbais/textuais.

Nas linguagens do teatro, da dança ou do cinema, muitas vezes, sem que se verbalize, sem qualquer texto, apenas com luzes, imagens, movimentos corporais, sons e até silêncios, assistimos a um ato enunciativo que traz consigo um discurso dentro de um contexto e gênero em circunstâncias específicas. Esse exemplo, parece ilustrar a diferença que Charaudeau estabelece:

> Não se deve confundir discurso com texto. É preciso considerar texto como o objeto que representa a materialização do ato de linguagem. O texto é o resultado singular de um processo que depende de um sujeito falante particular e de circunstâncias de produção particulares. Cada texto é, assim, atravessado por vários discursos ligados a gêneros ou a situações diferentes. Por exemplo, o gênero político pode ser entrecruzado por um discurso didático ou por um discurso de humor. (Charaudeau, 2001, p. 25)

Trataremos, inicialmente, do ato de linguagem na forma textual a fim de procurar identificar os elementos que o constituem em uma determinada *Circunstância de discurso*. Sabemos que, para acontecer o ato de linguagem, é essencial para a interpretação a ciência dos conhecimentos/ saberes comuns aos atores, um EU (produtor do ato de linguagem) e um TU (sujeito-interlocutor), ou interpretante. Como dissemos, o ato de linguagem requisita saberes mútuos em relação às dimensões explícita e implícita no enunciado, assim vimos em Charaudeau (2019).

No entanto, no ato de linguagem, pode acontecer uma dinâmica dialógica a depender da *Circunstância do discurso*, onde TU, se torna um TU-interpretante que faz conjecturas sobre as intenções do EU que produziu o enunciado também imaginando um TU-destinatário ideal que não se constitui exatamente dessa forma, e que não necessariamente poderá vir a interpretar como imaginado pelo EU-enunciador inicial. Portanto o ato de linguagem não se restringe à emissão de um enunciado pelo EU a um TU-destinatário (TUd) idealizado, ou seja, este ato somente será concretizado quando recebido por um TUi (Tu interpretante).

Conclui-se que: "O ato de linguagem torna-se então um ato *interenunciativo* entre *quatro sujeitos* (e não 2), lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos" (Charaudeau, 2019, p. 45).

Traremos a seguir um exemplo de nossa pesquisa, que possivelmente nos possibilitará compreender melhor esta dialética, pela qual a *Circunstância do discurso* se dá a partir de uma pergunta enviada por um EU-enunciador (entrevistador) a um TU-destinatário (entrevistado) que vem a se tornar um TU-interpretante que interpreta e enuncia sua resposta ao EU que agora vem a ocupar a posição de sujeito interpretante. O contexto trata-se de uma pesquisa sobre a cultura da leitura da Literatura. Eis o enunciado inicial:

Pergunta de EU-enunciador:

Quais as suas lembranças de leituras de literatura na adolescência (no ensino médio)? Quem ou o que lhe incentivou?

Excerto da Resposta de TUi (Tu interpretante) que, por seu turno, projeta, no dizer, um EUe (Eu-enunciador-respondente) **Ent. 1**:

> Leitura na adolescência: Comecei a trabalhar com 11 anos. Meu dia não tinha a mesma visão e ambições que minha mãe e na cultura machista, prevalece: manda quem pode, e…
> Leitura na Juventude: Comecei a trabalhar na indústria com 19 anos. Era trabalho, trabalho e trabalho. Três turnos e muita hora extra. Casei com 21 anos. DESPERTEI PARA LEITURA DE LIVROS, por ver um amigo, **já com aproximadamente 35 anos**. Trabalhávamos na CEMIG e nos turnos na Noite ficávamos mais era tomando conta de Instrumentos de Leitura e assim, na maioria dos dias e nos finais de semana e feriados tínhamos muitas horas vagas. Ele lia livros bem grossos, mais de 500 páginas e eu mal lia colunas de jornais e revistas de Gibi. TV não podíamos ver. Ele me emprestou um livro chamado: O VOO DA ÁGUIA, *Ken Follett*. [...] **Talvez eu tenha devaneado e perdido o rumo devido a minha prolixidade, mas espero que você acerte isto por mim.**

Ao destacarmos em negrito os trechos, optamos por iniciar a análise pelo fim, com aspas imaginárias bem destacadas, afinal o leitor que iniciou sua trajetória de leitura aos 35 anos, certamente terá muitas leituras e vidas pela frente. Não que tenha lido pouco, está longe disso, ele foi e ainda vai longe demais. Em seu diálogo com o EUc - entrevistador-pesquisador ele espera que este dê um "rumo" ou "acerte".

O entrevistado parece formular um ato de desculpas por possíveis "devaneios" e "prolixidades", deixando evidenciar um imaginário de uma distância intelectual e cultural entre o *sujeito enunciador* e o *sujeito interpretante*, espaço imaginado que, definitivamente, não existe. No campo do *ato de linguagem*, somos iguais e singulares em inúmeros aspectos e, portanto, nos completamos e nos vemos envolvidos "por uma relação contratual", assim como num jogo visto e narrado por Patrick Charaudeau (2001) somos "Parceiros: de uma maneira geral, reteremos do dicionário [...] a noção de 'pessoas associadas', em uma relação de *fazer-valer* recíproca: tais 'pessoas' se consideram, por isso mesmo, *dignas* umas das outras (reconhecimento mútuo)" (Charaudeau, 2001, p. 30). Lançada a bola na área do discurso, alguém procura interpretar e tenta definir o lance ou devolver a bola.

Esse dialogismo de imaginários proporciona uma interação entre o *sujeito comunicante* (EUc) e o *sujeito interpretante* (TU') que pode ir além dos objetivos que nos propomos. No entanto, voltamos ao início da resposta a partir da qual devemos procurar identificar alguns índices discursivos que podem nos levar a elucidar imaginários.

O TU-entrevistado enumera, em sua narrativa, uma realidade que era muito comum nas gerações que nasceram ao final da década de 1950 e início dos anos 1960, quando crianças de famílias pobres já eram requeridas para o trabalho e, muitas vezes, afastadas dos estudos fundamentais. Pensamos que imaginar a leitura da literatura, neste cenário, seria uma utopia. Pois destaquemos os enunciados que o sujeito produz: "trabalhar com 11 anos", "cultura machista", "manda quem pode, e...", "trabalhar na indústria com 19 anos", "trabalho, trabalho", "Três turnos", "muita hora extra" e "casei com 21 anos".

Trouxemos entre aspas vários trechos da resposta do entrevistado nos quais ele procura justificar-se ao inicialmente EU-enunciador – convertido pela resposta em TU-destinatário –, com argumentos para não ter desenvolvido a cultura da leitura na adolescência. Todas as razões apresentadas demonstram que as questões econômicas e de sobrevivência prevaleceram.

No que se refere a essa complexidade subjacente ao ato interlocutivo, Charaudeau salienta que, nesse processo, atua uma imagem idealizada de um estereótipo intelectual-cultural.

> Assim, o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor. Tal ato deve ser visto como um encontro dialético (encontro esse que fundamenta a atividade metalinguística de elucidação dos sujeitos da linguagem) entre dois processos: – processo de Produção, criado por um EU e dirigido a um TU-destinatário; – processo de Interpretação, criado por um TU'-interpretante, que constrói uma imagem EU' do locutor (Charaudeau, 2019, p. 44).

Acreditamos que este exemplo possa ter demonstrado claramente como se deu a dinâmica dialógica entre um inicialmente EU-enunciador que em razão da *Circunstância do discurso*, interpelado pela narrativa do entrevistado, se converteu em EU-interpretante (EU'). Como podemos ver o TU-destinatário (TUd), nesta dialética se tornou TU-interpretante (TU') e logo convertido em EU-enunciador.

Antes de passarmos para o próximo tópico torna-se imperativo uma objetiva explicação sobre os princípios que governam o ato de linguagem, quais sejam: alteridade, pertinência, regulação e influência.

Todo *ato de linguagem* é regido por quatro princípios dentro de *um contrato de comunicação*, quais sejam: alteridade, pertinência, regulação e influência – que estão relacionadas às questões psicossociais, em que deve ser considerado o perfil do TUd-destinatário, ao qual o EUc-comunicante pretende empreender a comunicação, pois o TUi-interpretante só reconhecerá o EUe-enunciador a partir dos saberes compartilhados de notada

representatividade do EUc-comunicante diante do TUd-destinatário. Em síntese, é preciso que o TUi-interpretante reconheça a "autoridade" do EUe-enunciador, a posição que ocupa. Exemplo: não basta que qualquer cidadão suba ao púlpito da Câmara dos Deputados Federais e pronuncie, está aberta a sessão, para que ela tenha início. Só o presidente da Câmara conseguirá de fato efetuar este ato de linguagem e obter êxito em seu projeto de fala. Temos então: a **alteridade** atribuída ao presidente da Câmara; a **pertinência** que seria o início dos trabalhos legislativos e o local onde se votam leis; as regras da casa que conferem prerrogativas/e obrigações seriam a **regulação**, e por fim, a **influência** exercida pelo presidente. Para que este ato de linguagem tenha êxito dentro do contrato de comunicação é preciso que o EUc-comunicante tenha em mente os saberes compartilhados e os rituais linguageiros.

2.5. O Contrato de Comunicação

Charaudeau (2019) acredita que o ato de linguagem pode ser visto como uma "expedição e uma aventura". Sem dúvida, ao nos propormos a entrevistar 30 pessoas como fizemos, sabíamos o que pesquisávamos, mas não tínhamos a dimensão de que, em cada entrevistada(o), encontraríamos sempre um novo território, com cultura, experiência e história singulares a desafiar nosso entendimento, sensibilidade e competências para conseguir extrair imaginários dos recônditos de cada narrativa, sem ignorar as fronteiras da ética, ou seja, "levando em conta a margem de liberdade e de restrições de ordem relacional", é o que sugere Charaudeau (2019) para se estabelecer esta espécie de contrato de comunicação.

Este contrato ao qual nos referimos também é descrito por Charaudeau como *contrato de fala*, e segundo o linguista, é no seu contexto que encontramos o *sujeito de fala* que efetua uma *mise-en-scène* discursiva que envolve as estratégias de legitimação, credibilidade e captação. *"A identidade dos sujeitos, as visadas discursivas e as circunstâncias de comunicação"* (Charaudeau, 2023, p. 15) fazem parte do arcabouço do *contrato de comunicação* que é fundamental para a Análise do Discurso, por ser ele a conceber o *ato de comunicação* dando-lhe sentido e orientação.

No, entanto, para se firmar este *Contrato de comunicação*, ainda que se atendo às singularidades mencionadas, é necessário que os protagonistas deste contrato tenham vínculos com o que Charaudeau classifica como "corpo de práticas sociais". No caso de nossa pesquisa, para que ocorresse este diálogo, esta comunicação entre entrevistador (EUc) e entrevistado (TUd), e que este fosse capaz de se tornar um interpretante (TUi), procuramos indicações de indivíduos com práticas sociais relacionadas à cultura da Leitura da Literatura.

Pensando na relação entre Tu-destinatário e Tu-interpretante, buscamos elaborar perguntas para nosso questionário a partir de hipóteses quanto ao Tu-destinatário-idealizado que poderiam ser os potenciais convidados para nossa entrevista; assim, formulamos nosso instrumento de coleta, um questionário, acompanhado de um convite preliminar e dos termos de livre consentimento, exigido pelo Comitê de Ética do CEFET-MG.

Podemos entender que todas estas etapas e procedimentos estão no arcabouço do que Charaudeau classifica como *estratégias de persuasão ou sedução*, pois foi o que permitiu que constituíssemos o *corpus* de nossa pesquisa que são as respostas às nossas perguntas, como a que exemplificamos neste mesmo capítulo do TU-destinatário (TUd) 1. Recorremos a uma explicação de Patrick Charaudeau que certamente tornará mais clara a analogia que fizemos de todo o nosso processo de pesquisa, com o que ele conceitua como *Contrato de comunicação*.

> Para fazê-lo, o EUc poderá utilizar contratos de reconhecimento, como os que acabamos de definir, mas poderá também recorrer a outros procedimentos, que oscilam entre dois polos: – a fabricação de uma *imagem de real* como lugar de uma *verdade* exterior ao sujeito que teria força de lei; – a fabricação de uma *imagem de ficção* como lugar de *identificação* do sujeito com um outro, imagem esta que constitui um lugar de projeção do imaginário desse sujeito (Charaudeau, 2019, p. 57).

Mas como foi dito logo no início, o ato de linguagem pode ser visto também como uma aventura, pois é possível que o (TUi) venha a captar no discurso do (EUc), que, em tese, é "senhor da encenação", algo que por ele mesmo passou desapercebido, uma manifestação espontânea, involuntária do seu inconsciente pode ganhar evidência no ato de linguagem, produzindo efeitos de interpretação imprevisíveis ou mesmo indesejáveis no (TUi).

Podemos retomar o exemplo do entrevistado (TUi) 1, pois o início de sua resposta sugere um certo desconforto ou constrangimento ao se ver, de certa forma, interpelado com a pergunta que propusemos (EUc): **Quais as suas lembranças de leituras de literatura na adolescência (no ensino médio)? Quem ou o que lhe incentivo**u?

Vejamos o início da resposta de TU-interpretante (TUi) 1: "Leitura na adolescência: Comecei a trabalhar com 11 anos. Meu dia não tinha a mesma visão e ambições que minha mãe e na cultura machista, prevalece: manda quem pode, e…" [...] "Leitura na Juventude: Comecei a trabalhar na indústria com 19 anos. Era trabalho, trabalho e trabalho. Três turnos e muita hora extra. Casei com 21 anos."

Vimos, neste recorte de sua resposta que nossa pergunta extraiu uma grande variedade de informações que não estavam no *contrato* ou que buscávamos com nossas *estratégias*. Devemos ter em mente que a leitura da Literatura ainda está entre as práticas sociais que indicia certa erudição, o que não deveria, pois deveria estar sim, contemplada no arcabouço

dos Direitos Humanos, acessível a todos e todas, como defendia Antonio Candido. No entanto, como dissemos, nossa pergunta levou o entrevistado a se justificar por não ter lido na adolescência e juventude, contando quase que uma história de um período longo de sua vida, mas que apesar de não estar no nosso contrato de comunicação, nos deu algumas pistas.

Após ter refletido sobre aspectos situacionais relativos ao *contrato subjacente* à situação de entrevista acadêmica, a próxima seção visa apresentar alguns conceitos acerca dos modos de organização do discurso, responsáveis pela criação do texto, resultante da encenação do ato de linguagem.

2.6. Modos de Organização do Discurso

Enunciar, Descrever, Contar e Argumentar são ações comunicativas que o sujeito falante pode empreender por meio do Discurso, seja se utilizando da fala, da escrita, do gesto, de imagens ou mesmo de outras formas de expressão discursiva compostas por signos que podem ser ou não ser verbais. O Pensamento chegará ao destinatário, a depender da competência no desenvolvimento do texto e da linguagem escolhida para comunicar, ou melhor, para *encenar* como propõe Charaudeau:

> "Comunicar" é proceder a uma *encenação*. Assim como, na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir efeitos de sentido visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor (Charaudeau, 2019, p. 68).

Tudo isso pode ser o texto constituinte de um Discurso, independente do seu tamanho. Até mesmo uma placa de trânsito impositiva como "Pare" traz consigo um discurso que vai muito além do texto "Pare", ato de linguagem que também se constitui por meio do sentido, da forma e da cor. Uma definição de texto de Halliday e Hasan que encontramos no dicionário de Charaudeau & Mangueneau (2016) talvez ilustre melhor: "Um texto é mais bem pensado não como uma unidade gramatical, mas antes como uma unidade de tipo diferente: uma unidade semântica. A unidade que o texto tem é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que expressa o fato de que ele se relaciona como um todo com o ambiente no qual está inserido" (Halliday e Hasan, 1976, p. 293 *apud* Charaudeau & Mangueneau, 2016, p. 467).

A comunicação não consiste apenas em informação, é no processo de produção da linguagem que se vislumbra e se concebe a compreensão, o que não é tão simples, como já demonstramos anteriormente exemplificando como um EU-comunicante pode trair-se no ato de comunicação levando TU-interpretante a um entendimento que não seria o esperado.

Para produzir o texto, o discurso, Charaudeau postula que o sujeito comunicante lança mão do que ele chama de Modos de Organização do Discurso, são eles o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Para nossas análises, ativemo-nos aos dois primeiros. Eles nos permitiram, a partir de suas categorias de base, inferir os possíveis interpretativos quanto às avaliações (positivas ou negativas) que os sujeitos fizeram sobre os impactos do uso do *smartphone* em suas práticas de leitura, especificamente, de leitura literária.

2.6.1. Modo de Organização Enunciativo

Em Charaudeau (2019), veremos que o Modo Enunciativo *comanda* os *Modos Descritivo, Narrativo e Argumentativo*. Como dissemos aqui, trataremos além do *Modo Enunciativo*, também do *Modo Descritivo*.

Para iniciarmos nossa busca de entendimento/explicação do *Modo de Organização Enunciativo*, procuramos, a princípio, nos situar dentro de uma *Situação de comunicação*, e nos interrogar: O que se pretende comunicar? A partir desta, interrogação, temos o que seria o nosso *Propósito referencial* no ato de linguagem. Ou seja, o que queremos *enunciar* no contexto do *ato de enunciação*. Qual é o nosso *Ponto de vista enunciativo*? Nesta *Situação de Comunicação*, procuramos dar uma explicação de como se dá o *Modo de Organização Enunciativo*.

Traremos agora uma explicação de Charaudeau (2019) sobre os "componentes da construção enunciativa", que acreditamos irá nos guiar:

> Enunciar se refere ao fenômeno que consiste em organizar as *categorias da língua*, ordenando-as de forma a que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao *interlocutor*, em relação ao *que ele diz* e em relação ao *que o outro diz*. Isso permite distinguir as três funções do Modo Enunciativo: – Estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor num comportamento ALOCUTIVO; – Revelar o ponto de vista do locutor, num comportamento ELOCUTIVO; – Retornar a fala de um terceiro, num comportamento DELOCUTIVO. (Charaudeau, 2019, p. 82)

Comportamento Alocutivo

Podemos exemplificar este fenômeno descrito por *Charaudeau*, relembramos o processo de pesquisa que utilizamos, cuja estratégia se baseou em um questionário que enviamos por e-mail com perguntas relacionadas à cultura da leitura da Literatura no contexto inexorável da cultura Digital. Entendemos que, ao formularmos as perguntas, procuramos enunciar nosso *Propósito referencial* (o teor de nossa pergunta), constituindo assim o *ato de enunciação* ao enviarmos a pergunta por e-mail ao interlocutor (entrevistado), quando o implicamos "(ponto de vista *acional*)" provocando nele uma reação. No momento em que enviamos a pergunta exercemos o comportamento ALOCUTIVO.

As respostas que recebemos às perguntas são frutos da *"relação de influência"* que o locutor (sujeito falante) exerceu sobre o interlocutor, pois responder, reagir são consequências da iniciativa do locutor que exerceu, nesse processo, uma "posição de superioridade", "relação de força" caracterizada pela "Injunção" e "Interpelação".

Logicamente este processo ou esta "construção enunciativa" não se encerra na resposta inicial dada pelo interlocutor. Nesse jogo, há, um momento em que o sujeito falante (que propôs a pergunta inicial), passa a exercer uma *posição de inferioridade* em relação ao interlocutor. Ao enviarmos o pedido para que o pretenso entrevistado confirme o recebimento do questionário e nos dê uma previsão de resposta, estamos à mercê de sua disponibilidade e interesse, aí se dá a *relação de petição*, caracterizada pela "Interrogação" e "Petição".

Exemplificamos esta função ALOCUTIVA do *Modo Enunciativo* com alguns recortes do *corpus* de nossa pesquisa. Apresentamos primeiro a pergunta (efeitos de "Injunção" e "Interpelação"), que foi precedida do convite e autorização por parte da Instituição de Ensino e dos entrevistados, deu-se assim uma "relação de força".

Pergunta do entrevistador - EU-enunciador (EUc):

Você prefere ler livros de Literatura impressos ou digitais, ou independe para você? Por quê?

Respostas dos entrevistados - Interlocutores:

> **Ent. 2**
> A minha preferência é por livros impressos, gosto de abraçar e cheirar o livro, fazer comentários, sublinhar uma frase e usar marcadores de livros.
>
> **Ent. 6**
> Nunca li um livro digital até o final, já tentei, mas fico com a sensação de que falta alguma coisa. Sinto prazer em folhear as páginas de um livro, ou mesmo apreciar a capa. Gosto de ter livros impressos.
>
> **Ent. 9**
> Prefiro livros impressos. Aliás, não consigo ler no celular e não gosto do e-book no computador. Minhas experiências mostram que não devo gostar de ler também em qualquer outra mídia digital. Tinha a assinatura da Cielo, com um livro para ler de graça por mês. Comecei dois e não consegui terminar nenhum deles. Gosto de pegar no livro, pegar no papel.

Identificamos, nas três respostas que trouxemos, demonstrações do sentimento de rejeição pela leitura nos suportes digitais, algumas trazem certa ironia, outras trazem críticas subliminares e várias são enfáticas: "não precisa emitir uma luz"; "visão cansada"; "Nunca li um livro digital até o final"; "já tentei"; "falta alguma coisa"; "Não tenho e-book, nem pretendo ter"; "não consigo ler no celular"; "não gosto do e-book"; "Comecei dois e não consegui terminar nenhum deles".

Por outro lado, majoritariamente aparece o sentimento de prazer explícito e apreço pela leitura no suporte impresso ou papel, e ainda algumas manifestações de lamento por nem sempre ser possível ler neste suporte tradicional que é o livro como sinalizam os seguintes enunciados: “gosto de abraçar e cheirar o livro”; “sublinhar uma frase, usar marcadores”; “Prefiro, utilizo, não há meio melhor para a leitura”; “nem tudo que quero”, “sensação de pegar”; “sempre”; “quantidade de páginas que leu”; “textura do papel”; “Sinto prazer em folhear páginas de um livro”, “Sou analógica, leio em papel”; “Prefiro livros impressos”; “Gosto de pegar no livro, pegar no papel”.

Logicamente, todos os entrevistados, antes mesmo de receberem o questionário, sabiam do teor da pesquisa e de nossos objetivos que foram manifestados antecipadamente quando do envio preliminar do convite e o formulário do CEP (Conselho de Ética em Pesquisa com Humanos). Portanto, ao enviarmos tanto o convite quanto o questionário, acreditamos ter exercido no imaginário das(os) entrevistadas(os) certa influência e porque não dizer, lhes permitimos externar sentimentos retidos.

Possivelmente, o respaldo de uma respeitada Instituição de Ensino que é o CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais), e de uma autorização de pesquisa concedida por um órgão sabidamente competente e independente, que é o CEP (Comitê de Ética em Pesquisas), exerceram a “relação de força” e a “posição de autoridade”, que nos permitiram o envio das perguntas que promoveram a “Interpelação” e “Injunção”, características do Comportamento ALOCUTIVO.

Comportamento Elocutivo

Elaborarmos o questionário que proporcionou o *corpus* de nossa pesquisa não foi uma tarefa corriqueira, para tanto, tivemos inúmeros questionamentos internos: O que perguntar? Como perguntar? Quais as palavras usar? Quantas perguntas fazer? Tentando nos cercar de qualquer risco de incompreensão ou mal entendido do interlocutor. Afinal, como já vimos, ao longo deste capítulo, ao nos propormos a exercer o papel de um entrevistador (EUc), queremos crer que do outro lado teremos um destinatário (TUd) ideal quando este vir a se tornar um TU-interpretante. *Charaudeau* assim define o conceito de ato ELOCUTIVO:

> O sujeito falante enuncia *seu ponto de vista* sobre o mundo (o Propósito referencial), sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição. O resultado é uma enunciação que tem como efeito *modalizar* subjetivamente a verdade do Propósito enunciado, *revelando* o ponto de vista interno do sujeito falante. Desse modo, o Propósito referencial é situado no universo de discurso do sujeito falante (Charaudeau, 2019, p. 83).

Ou seja, o *modo de saber*, a *avaliação*, *motivação*, *engajamento* e *decisão*, todo esse processo se deu em diálogo interno e solitário, antes mesmo que tivéssemos conhecimento do interlocutor ao qual enviaríamos o questionário com nossas perguntas. Apenas tínhamos em mente o perfil sócio-cultural. Depois da *decisão*, antes mesmo do envio, foi necessário um contato preliminar no sentido de captar, conhecer, provocar e solicitar a autorização para envolver este interlocutor em nossa pesquisa.

Dentro deste processo ELOCUTIVO que pressupõe a busca do nosso entendimento interno sobre o nosso *Modo de Saber*, ou seja, a maneira como *conhecemos* um dado Propósito referencial podem ser mobilizados atos tais como os de Constatação, Saber/Ignorância, Apreciação (favorável/desfavorável), Opinião/Convicção, Opinião/Suposição, Obrigação, Possibilidade (de fazer), Querer/Anseio, Querer/Exigência, Aceitação (recusa), Declaração/Confissão e Afirmação/Confirmação que procuraremos trazer alguns exemplos.

Resposta do **entrevistado 24**: "Acho que o *smartphone* afeta negativamente toda a minha vida". O entrevistado nos traz um exemplo da modalidade "Opinião/suposição", mas assevera expandindo o alcance da interferência negativa com o enfático "em toda minha vida".

A "Constatação" está relacionada ao reconhecimento de um fato, a manifestação do conhecimento da existência dele mesmo sem julgamento ou avaliação, somente constata-se. Temos também o ato de "Obrigação" vinculado à necessidade de determinada leitura. Exemplificamos com excerto da resposta do **entrevistado 4** de nosso *corpus* que traz no mesmo trecho os dois exemplos, "Constatação", "Obrigação" e na sequência novamente a "Constatação": "No entanto, nem tudo que quero ou **preciso ler** está facilmente disponível em livros". Afirma Charaudeau que: "Qualquer enunciado na forma afirmativa, descrevendo um fato objetivo, sem verbo de modalidade, é suscetível de corresponder à Modalidade de Constatação."

A categoria do "Saber/Ignorância" trata-se de quando uma informação referente pode ou não ser do conhecimento do locutor. "Saber" implica no entendimento de que determinada informação é verdadeira, logo a "Ignorância" sobre ela mesma implica no não reconhecimento como verdade.

O ponto de vista vinculado à *Avaliação* ("Opinião/Apreciação"), está relacionado a como *julgamos* nosso propósito enunciado. Ela pode ser do tipo positiva ou negativa, como vimos nos três excertos anteriormente citados, os EU-e (sujeitos enunciadores entrevistados) avaliam diferentemente suas experiências de leitura com o impresso e com o digital.

Na categoria "Opinião", há um posicionamento explícito sobre uma informação ou fato por parte do locutor, posição esta relacionada ao seu "universo de crenças". Para

exemplificar, traremos a seguir uma determinada pergunta e na sequência uma resposta do *corpus* de nossa pesquisa. Pergunta: "Como você vê a utilização do aparelho *smartphone* no seu dia a dia (trabalho, estudo e relações interpessoais)?" Resposta do **entrevistado 3**: "Uma grande fonte de informação, enquanto bem filtrada e não à mercê de algoritmos."

Sobre a categoria da "Apreciação", podemos dizer que prevalece uma percepção vinculada a um tipo de sentimento do locutor, ou seja, sua *avaliação* não é necessariamente a verdade, e sim o seu sentimento. Exemplificamos com o complemento da resposta do **entrevistado 3**: "Naturalmente interfere de forma negativa, há necessidade de um desligamento na hora do estudo..."

Sobre nossa visão sobre a *Motivação,* ou seja, aquilo ou a *razão* pela qual elaboramos o Propósito referencial, se levados pela "Obrigação/Possibilidade/Querer", buscamos ilustrar a seguir.

Na categoria "Obrigação", vemos a presença de uma característica impositiva, seja ela interna/externa ao próprio locutor, uma espécie de coerção que ele mesmo se impõe ou mesmo se vendo submetido por uma instância que exerce sobre ele algum tipo de autoridade. Apresentamos mais uma pergunta do questionário que nos proporcionou o *corpus* de nossa pesquisa: "Se você usa, quando começou a utilizar os meios digitais para leitura, e qual dispositivo utiliza ou prefere (*Kindle*, *Ipad*, PC, Notebook etc)? Por quê?" Resposta do **entrevistado 22:** "Só uma vez li um livro pelo celular porque estava na praia e não tinha outra opção." Vimos aí uma espécie de imposição externa que é a falta de opção, e interna que seria a própria necessidade/vontade de acesso à leitura.

Parece-nos que se trata de um ato elocutivo, modalidade obrigação realizado no modo implícito. É preciso frisar que parece haver aí uma obrigação, um dever que o sujeito impôs a si mesmo.

Na categoria "Possibilidade", o locutor enuncia sua autonomia para realizar algo, ou seja, sua ação independe de fatores externos e é proporcionada pela sua *aptidão*, *capacidade* ou *poder de fazer* que independem de outra pessoa ou fatores. A "Possibilidade" ou disposição é inerente ao seu ser e só depende de seu querer. Apresentamos trecho de resposta do **entrevistado 24:** "No mais tento viver permitindo que o celular me afete o mínimo possível, preferindo a leitura, e, mais recentemente, o esporte do que a tela do celular." Apresentamos uma resposta da **entrevistada 29** que exemplifica, de forma mais evidente, a categoria da "Possibilidade"/autonomia: "Quando não quero ler, vejo outras coisas, mas sou eu que decido. O celular não me usa, eu uso o celular."

Ainda vinculado à modalidade Elocutiva temos o "Querer" que, na verdade, pode expressar uma *carência* ou necessidade do locutor que só pode ser provida pela ação que lhe trará o benefício pretendido, portanto depende assim de agentes externos para realização de determinada ação. O **entrevistado 6** apresenta uma resposta que demonstra *carência* relacionada à falta de alternativa, um "Anseio"/"Querer" por algo de que tem ciência que não se concretizará, ciência esta, definida pelo locutor ao fim, com uma explícita demonstração de impotência: "Tudo em volta acaba levando ao uso do *smartphone*, mesmo tentando o equilíbrio. O melhor seria não precisar dele. Infelizmente não dá mais".

Parece tratar-se de um ato elocutivo na modalidade do querer/desejo que se realiza de forma implícita, pois o entrevistado não se utiliza de verbos como querer, gostar, desejar, ambicionar ou mesmo demonstra fazer questão.

Dentro do modo Elocutivo, ainda temos as categorias que dizem respeito ao *engajamento*, por meio dele, expressamos até onde estamos dispostos a ir em busca do Propósito referencial inicial, nossa adesão/vínculo com a "Promessa/Aceitação/Recusa", "Acordo/Desacordo/Declaração"; e por fim, a visão que nos leva à *decisão* e àquilo que nos referenda nas tomadas de *decisão*, as consequências do ato de enunciação, é a "Proclamação".

A "Promessa" é uma categoria presente no enunciado do locutor quando este se imputa uma ação que deverá ser *"executada por ele mesmo"*. A "Promessa" traz, subliminarmente, a ideia de que existe uma dúvida sobre a possibilidade da realização desta ação prometida. Firma-se um compromisso respaldado por uma espécie de juramento.

Já nas categorias "Aceitação/Recusa" pressupõe-se uma solicitação feita ao locutor que pode respondê-la de forma positiva caracterizando assim a "Aceitação", ou mesmo de forma negativa que indica a "Recusa". Podemos exemplificar com a nossa proposta de pesquisa feita por e-mail, quando procuramos os possíveis entrevistados e solicitamos a autorização para envio do questionário. Muitos aceitaram responder ao questionário e autorizaram o seu envio, muitos outros recusaram o convite ou mesmo nem responderam.

"Concordância/Discordância" trata-se de uma adesão ou não do locutor à determinada proposição que se quer apresentar como verdade, caracterizando assim como uma validação seja ela de teor negativo ou positivo. Exemplificamos com trecho da última pergunta do questionário de nossa pesquisa: "Você percebeu alguma mudança no tempo dedicado à leitura da literatura?". Segue a resposta da **entrevistada 2** que concorda: "Sim, houve muita mudança no tempo dedicado à leitura depois dos meios digitais." Já o **entrevistado 4** discorda, mas ainda assim faz considerações: "Acredito que não tenha diminuído o tempo que dedico à

leitura, mas, certamente, ter o celular por perto diminui minha concentração e frequentemente atrapalha minha leitura."

A categoria "Declaração" denota a ideia de que o interlocutor ignora/duvida do saber exposto pelo locutor. Dentro da categoria "Declaração" temos ainda as variantes: "Confissão" que é a expressão de um saber que se reteve em detrimento do conhecimento do interlocutor, e indicia a existência de culpa; "Afirmação" é a confirmação de ser verdade um determinado saber, que o locutor pressupõe ser dúvida para o interlocutor, denotando autoridade a partir de sua "Afirmação"; "Confirmação" caracteriza-se pela informação pré-existente, ou seja, do saber de outros, com o qual o locutor se alinha e dá o seu aval como verdadeiro.

Temos aqui um exemplo de "Confirmação" narrada pelo **entrevistado 6** em resposta ao trecho final da **pergunta 10** sobre o uso do *smartphone* – "Você o desliga para leitura ou não? Por quê?: "De fato, não posso negar que o *smartphone* ocupa uma boa parte do meu tempo". Já para a mesma pergunta, o **entrevistado 20** traz uma "Afirmação", que se inicia com um "não": "Não, ultimamente tenho aumentado o tempo de leitura". A **entrevistada 20** proporciona, em sua resposta, o exemplo da "Declaração" e ao fim de sua narrativa, uma "Confissão": "Ah, teve períodos que li menos e outros mais, mas não necessariamente por conta do celular, mas por conta do meu cronograma, faculdade... mas claro, acabava que quando eu tinha um tempinho, eu usava o celular ao invés de ler um livro."

Por fim temos a categoria da "Proclamação" quando o locutor produz um "ato performativo", movimento vinculado à pragmática. Esta categoria do modo elocutivo está presente nas narrativas institucionais e proporciona uma conotação de autoridade e solenidade. Não identificamos o uso desse tipo de ato elocutivo em nosso *corpus*.

Comportamento Delocutivo

Como o próprio Patrick Charaudeau observou, essa Modalidade não é comum, em suas próprias palavras temos: "O ato de enunciação que descreve a 'relação com um terceiro' é de fato peculiar. Sabemos que todo ato de linguagem depende, de um modo ou de outro, do sujeito falante e dos seus diferentes pontos de vista". (Charaudeau, 2019, p. 84)

Na Modalidade DELOCUTIVA o Propósito se impõe aos interlocutores, numa espécie de "Asserção", algo que independe da relação entre o sujeito falante e o interlocutor. A "Asserção" pode também ser entendida como uma forma de "afirmação ou asseveração" que pode estar vinculada também a uma ideia de lógica, que venha a suscitar uma declaração de verdade em relação a "um juízo ou proposição" independente deste se apresentar de uma forma

"afirmativa ou negativa". Ou seja, o que se assevera, necessariamente, não está relacionado à "verdade do Propósito" e sim ao "modo de dizer" da Enunciação.

Exemplificamos, a seguir, com a parte final da **pergunta 9** do questionário que originou o *corpus* da pesquisa, quando se interroga o entrevistado sobre a interferência do uso do *smartphone* na sua cultura da leitura da literatura: "Você acredita que interfere positivamente ou negativamente na leitura da literatura?". Resposta do **entrevistado 3**: "Naturalmente interfere de forma negativa, há necessidade de um desligamento na hora do estudo...". O entrevistado se utiliza de sua "Opinião-convicção" de saber.

É importante destacar que a Modalidade de "Asserção", em seus desdobramentos, pode, muitas vezes, encontrar correspondência com boa parte das modalidades ELOCUTIVAS.

Outra Modalidade DELOCUTIVA é o "Discurso relatado", ou seja, que não é atribuído ao locutor que apenas relata, e que por outro lado, não espera qualquer parecer do interlocutor. A leitura de uma declaração objetiva proferida por um porta-voz de uma determinada personalidade se enquadraria nesta modalidade. Charaudeau apresenta o "Discurso relatado" como uma "modalidade complexa" e que depende "da *posição dos interlocutores*, das *maneiras de relatar* um discurso já enunciado, e da *descrição dos modos de enunciação* de origem" (Charaudeau, 2019, p. 102), mas procuraremos elucidar a mecânica desta modalidade. Para tanto, teremos de nos ater e reproduzir aqui a lógica exposta por Charaudeau, pois ela apresenta-se quase que como uma equação/fórmula.

> A "posição" dos interlocutores: Um locutor relator (L.R.) se dirige a um Interlocutor (I.R.) num determinado Tempo (T.R.) e num determinado Espaço (E.R.) para relatar o Discurso enunciado anteriormente (D.0) por um Locutor de origem (L.0) que se dirigira a um Interlocutor (I.0) num determinado Tempo (T.0) e num determinado Espaço (E.0). Muitos tipos de relações podem configurar-se entre esses diferentes interlocutores (Charaudeau, 2019, p. 103).

Por se tratar de respostas ao questionário proposto/entrevistas, foi difícil encontrar casos de "Discurso relatado" no *corpus* de nossa pesquisa. Encontramos apenas um caso onde a **entrevistada 9** traz este relato: "não por acaso o slogan já virou 'tudo na palma da sua mão'." Neste caso, a entrevistada ocupa a posição de (L.R.) que se dirige ao (I.R.) aqui o entrevistador e proponente da pesquisa, neste (T.R.) que é o momento de sua resposta, no (E.R) é o Espaço da entrevista, onde (D.0) "locutor" profere o Discurso enunciado "tudo na palma da mão" por ocasião da propaganda do (L.0) fabricante do *smartphone*, que se dirige ao (I.0) possível comprador do aparelho, em algum momento a nossa entrevistada, em um determinado Espaço (E.0) que poderia ser um veículo de comunicação no qual ela acessa a propaganda.

Segundo Charaudeau o "Discurso relatado" poderá ser transformado, reproduzido apenas em sua forma ou mesmo objetivado. Ou seja, ele poderá ser relatado fora de seu contexto inicial e até mesmo diferentemente do imaginado pelo Locutor-relator (L.R.).

Portanto de acordo com nosso entendimento, acreditamos que memorandos, comunicados, algum relato que pode ser demonstrado cientificamente ou até mesmo um parecer de determinada autoridade sobre um fato irrefutável, pode ser visto como um comportamento DELOCUTIVO. O Dicionário da Análise do Discurso de Charaudeau & Mangueneau assim define tal ato: "o *delocutivo* caracteriza-se pelo fato de que 'o locutor deixa que o propósito se imponha como tal, como se ele não fosse responsável por ele' (1992; 575)." (Charaudeau, Mangueneau, 2015, p. 310).

2.6.2. Modo de Organização Descritivo

O que seria Descrever? O que seria Contar? O que seria Narrar? A princípio, tenderíamos a acreditar que apenas uma resposta seria suficiente ou 'daria conta' de apresentar uma definição para as três perguntas. De fato, os três verbos podem oferecer certa ambiguidade de interpretação. No entanto *Charaudeau* defende que, mesmo com os indícios de similaridades interpretativas nos modos propostos, é possível demonstrar que cada um tem seu modo próprio de organização, o que se evidencia mais nos modos Descritivos e Narrativos. Pois vemos que:

> De fato, "**Conte...**" (ou "Narre...") pode referir-se *ao que foi visto* (ordem do *descritivo*) ou *ao que foi vivido ou feito* (ordem do *narrativo*). Ora, às vezes se pede "**Conte** como é a praia no verão", o que corresponderia mais a **descrever**; e às vezes: "**Descreva** o seu dia de domingo", o que corresponderia mais a **contar.** Grifos do autor (Charaudeau, 2019, p. 107).

Mas esta questão é somente um dos problemas, pois existem outros. Um segundo problema seria, diríamos a confusão, que também exigirá uma análise, que é quando se confunde a "*finalidade"* com o *"modo de organização"* do texto. A esta questão temos a premissa a que temos de nos ater de que "um texto é sempre *heterogêneo*" no que se refere à sua organização. Prevalece o entendimento de que o que o definirá como um determinado gênero se estabelece será a *situação de comunicação* e as diversas *ordens de organização do discurso*.

Temos ainda um terceiro problema exposto assim por Charaudeau (2019): "Será que a simples acumulação, num texto, das marcas de uma mesma categoria de língua (no caso, a Qualificação) permite determinar um modo de discurso (no caso, o Descritivo)?" O linguista ainda cita estudos que propõem se ater a algumas marcas linguísticas como a semântica dos **verbos**, emprego de **tempos**, semântica do **agente** de uma ação, **lugares** e certas **categorias**

gramaticais, entre outras evidências que poderiam vir a proporcionar a definição de um texto como descritivo, no entanto Charaudeau não assevera esta conceituação, deixando ainda margem para dúvidas, pois veja:

> Há nisso uma parte de verdade, pois existe uma afinidade entre *categorias de língua* e *modos discursivos*, mas não se pode ir além dessa noção de afinidade. De fato, uma mesma categoria de língua, repetida ao longo de um texto, não pode por si só determinar uma *ordem discursiva* e, muito menos, caracterizar um *texto* (que depende da Situação de comunicação). (Charaudeau, 2019, p. 109)

Portanto, vamos considerar o que foi proposto inicialmente pelo autor que nos referenda, e seguir procurando elucidar o *Modo de organização descritivo*, nos atendo a *Situação de comunicação*, *Modo de organização do discurso* e o *Gênero de texto.*

O autor, em seu livro, lança a seguinte questão: descritivo ou descrição? Ele explica que: "A ***descrição*** é um resultado, o ***Descritivo*** é um processo – este detém, então, o mesmo estatuto que o ***Narrativo*** e o ***Argumentativo***." O *Descritivo* é um "Modo de organização do discurso" e a *descrição* um texto em sua totalidade ou mesmo um fragmento explícito dentro do procedimento discursivo. Mas ainda assim não é sempre que algumas fronteiras ou limites se interponham a impedir que o *Descritivo* venha a conviver se combinando com o *Narrativo* e o *Argumentativo* no mesmo território textual, seja ele do gênero literário ou não literário.

Descrever se vincula ao ato de contar e argumentar, o que também vem a ser falar das identidades, suas qualificações e classificações, assim proporcionando sentido e emoção à narrativa, ou seja, o *Descritivo* é essencial para o *Narrativo*. Resume assim Charaudeau (2019): "Em resumo, diremos que os três modos de organização contribuem igualmente para construir textos, ***contar*** o fato *testemunhando* uma experiência, ***argumentar*** *demonstrando* relações, ***descrever*** *identificando* e *qualificando* os seres."

Charaudeau explica o modo descritivo definindo: i) os componentes da construção descritiva; ii) os procedimentos de configuração da descrição; iii) a encenação descritiva. Para nossas análises, utilizamos as categorias dos componentes da construção descritiva e os procedimentos de configuração da descrição, definidos por Charaudeau como ato de *nomear*, *qualificar* e *localizar-situar*.

Ato de NOMEAR

É dar vida a um ser por meio de um processo de identificação da diferença e, ao mesmo tempo, vinculá-la a uma semelhança, dando assim origem a uma classificação.

No entanto essa classificação não está posta no mundo, quem a constitui ou lhe dá existência, segundo Charaudeau "é o sujeito que constrói e estrutura a visão do mundo". NOMEAR não é rotular a partir de um paradigma ou referência já estabelecida, e sim, ao classificar um ser significante, concebê-lo fazendo-o existir.

Exemplificaremos a seguir com recortes das respostas dos entrevistados ao questionário, procuraremos identificar o Ato de NOMEAR. Neste caso procuramos buscar respostas à mesma pergunta, contudo de um outro grupo de entrevistados.

Pergunta do entrevistador - EU-enunciador (EUc):

Você prefere ler livros de Literatura impressos ou digitais, ou independe para você? Por quê?

Respostas dos entrevistados - Interlocutores:

> **Ent. 12**
> Tenho preferência por leitura de livros impressos, talvez por todo processo envolvido, desde a compra ou recebimento, até seu folhear. Não me adaptei à leitura de livros digitais pela sensação de "cansar as vistas" devido a luminosidade e dificuldade de concentração desse modo.
>
> **Ent. 14**
> Como disse logo a cima, não vejo problemas em ler no impresso ou digital, mas ainda gosto muito do físico, e com certeza aos poucos vou me acostumar a ler no digital temos que nos adaptar não só por questão de gosto e sim de uma necessidade enorme para salvarmos o nosso planeta.
>
> **Ent. 15**
> Confesso que gosto de ler impresso. Digital cansa minha vista e esqueço também o arquivo, fica perdido o arquivo. Livro é mais acessível e posso levar em qualquer lugar, o tamanho é bom da letra, posso ler em qualquer lugar sem ficar com medo de ser roubada (rsrs). Inclusive, os artigos que li ano passado, muitos deles eu imprimi, porque assim posso grifar e rabiscar.

Na análise, foram feitas inferências sobre os possíveis atos elocutivos de apreciação utilizados pelos sujeitos a fim de qualificar positiva ou negativamente a leitura tanto no impresso quanto no digital. Nesta parte, a título de ilustração das categorias, serão feitas análises sobre os possíveis efeitos de sentido que as categorias da língua usadas para nomear podem produzir. São elas: nomes comuns, nomes próprios, ressaltarmos que elas podem ser acompanhadas de qualidades, que também podem ser identificatórias, como buscamos sublinhar nos excertos acima.

Nas respostas, encontramos vários indícios que não estão necessariamente vinculados ao Ato de NOMEAR na concepção de Charaudeau, no entanto acreditamos que temos marcas que indiciam nomeações predicativas que estão mais relacionadas ao modo ou à cultura de ler, pois vejamos: "todo processo envolvido"; "do físico"; "fica perdido"; "qualquer lugar".

Ou seja, as escolhas lexicais podem produzir efeitos positivos de um envolvimento afetivo, de prazer, do coletivo, de liberdade, de possibilidade e mobilidade em relação ao impresso, quanto negativos que denunciam alguma rejeição ao livro digital em razão da necessidade de adaptação, cansaço provocado, esquecimento e perda.

Destacamos que todas as nossas perguntas estão relacionadas à cultura da Literatura no contexto da Era Digital. Portanto todas as respostas também estão relacionadas ao objetivo central de nossa pesquisa.

Ato de Localizar-situar

Este componente da construção descritiva é um instrumento linguístico que nos proporciona definir o lugar do ser, dar sentido a sua existência no *espaço* e no *tempo*, o que por conseguinte lhe atribui a função, o porquê de ser e existir em determinado contexto socio-cultural, tendo em mente que essa definição não se estabelece apenas pela conceituação impositiva ou arbitrária do sujeito que descreve, ou seja, este lugar ou ambiente social onde se procura localizar-situar um ser deve existir no modo de ver de um determinado grupo cultural que também o habita e que lhe faz existir no *espaço* e no *tempo*.

Exemplificaremos a seguir com recortes das respostas dos entrevistados ao questionário, por meio dos quais procuraremos identificar o Ato de LOCALIZAR-SITUAR. Neste caso, procuramos buscar respostas à mesma pergunta, contudo de um outro grupo de entrevistados.

Pergunta do entrevistador - EU-enunciador (EUc):

Você prefere ler livros de Literatura impressos ou digitais, ou independe para você? Por quê?

Respostas dos entrevistados - Interlocutores:

> **Ent. 10**
> Em minha casa tinha uma estante de livros que meus pais montaram pra mim desde infantis a acadêmicos, eu mexia neles por curiosidade usava mais para pesquisa de trabalhos escolares, porém o incentivo maior e aguçado para leitura espontânea foi na escola através dos professores a partir da 4ª série do E.F.
>
> **Ent. 21**
> Prefiro ler livros digitais pela praticidade, pois é possível ler em qualquer local, mas também adoro ler os livros impressos.
>
> **Ent. 17**
> Prefiro os impressos, a leitura é mais confortável e você acompanha visualmente o percurso com as marcações das páginas, além de desenvolver um afeto emocional pelo objeto o colocando na estante da casa.

> **Ent. 19**
> Prefiro impressas porque primeiramente, você pode levar para qualquer lugar, independe de internet e é mais saudável para visão e memoriza mais.
>
> **Ent. 29**
> Em casa, bem no início da minha alfabetização, eu me lembro de livros de contos de fadas. Era uma coleção com vários contos e eles vinham com um disco para eu ouvir as histórias. Minha mãe foi minha maior incentivadora.
> Na escola, minha primeira lembrança é dos livros da Coleção Vaga-Lume (Vagalume, na época), como O mistério do cinco estrelas, O rapto do garoto de ouro, O escaravelho do diabo, entre outros. Líamos as obras e fazíamos apresentações em sala de aula. Como muitos eram livros de mistério, isso acabava chamando a atenção dos alunos e foi uma das coisas que me fez despertar para a leitura de literatura.

Aqui, nestes recortes que apresentamos, entendemos que ao manifestar suas preferências, gostos, percepções e cultura, os sujeitos dos enunciados, a(o) entrevistada(o), demarcam uma posição, um lugar e modo de localizar-se, situar-se e existir na sociedade, e também situar-se no tempo e lugares, sobre a importância da "casa", da "escola", das "apresentações" na "sala de aula", como referências determinantes para a presença da Leitura da Literatura em suas vidas.

Ato de Qualificar

Ao descrevermos um ser em um texto, damos a ele um nome (ato de nomear) e para traçar o seu perfil e localizá-lo em um determinado subgrupo específico, procuramos identificar nele uma qualidade relevante e explícita. Este é o ato de qualificar que se atribui ao ser que nomeamos ou denominamos. Esta é a fórmula que temos para dar singularidade a um ser depois de nomeá-lo, afinal quando damos o nome ao ser, sem definir explicitamente sua qualidade, ele é só mais um ser em uma "constelação de seres" como definiu bem *Charaudeau*.

QUALIFICAR o que já nomeamos, poderíamos dizer, coloca o ser no mundo de forma objetiva. Logicamente ao qualificarmos um ser, partimos de nossas percepções que são referendadas, a princípio pela nossa visão particular, que, necessariamente, não condiz com o modo com que os outros o enxergam e o percebem no mundo.

No entanto, estamos no mundo onde existem outros sujeitos falantes, cada qual com sua visão, portanto, por mais que tenhamos nossa própria percepção, estamos submetidos e implicados no arcabouço das "*normas* de prática social". O autor assim define esse ato:

> ***Qualificar*** é, então, uma atividade que permite ao sujeito falante manifestar o seu imaginário, individual e/ou coletivo, imaginário da construção e da apropriação do mundo (outros dirão "predação") num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias ao sujeito. (Charaudeau, 2019, p. 116)

Dessa forma, é preciso ter em mente que além do racional, lidamos aqui com "sentidos e sentimentos", a subjetividade, nosso mundo particular.

Exemplificaremos, a seguir, com recortes das respostas dos entrevistados ao questionário, por meio dos quais procuraremos identificar o Ato de QUALIFICAR. Neste caso, procuramos buscar respostas à mesma pergunta, contudo de um outro grupo de entrevistados.

Pergunta do entrevistador - EU-enunciador (EUc):

Você prefere ler livros de Literatura impressos ou digitais, ou independe para você? Por quê?

Respostas dos entrevistados - Interlocutores:

> **Ent. 15**
> Confesso que gosto de ler impresso. Digital cansa minha vista e esqueço também o arquivo, fica perdido o arquivo. Livro é mais acessível e posso levar em qualquer lugar, o tamanho é bom da letra, posso ler em qualquer lugar sem ficar com medo de ser roubada (rsrs). Inclusive, os artigos que li ano passado, muitos deles eu imprimi, porque assim posso grifar e rabiscar.
>
> **Ent. 17**
> Prefiro os impressos, a leitura é mais confortável e você acompanha visualmente o percurso com as marcações das páginas, além de desenvolver um afeto emocional pelo objeto o colocando na estante da casa.
>
> **Ent. 22**
> Impressos. Os digitais me cansam e só os leio se não tiver opção. Gosto de passar as páginas, de observar meu progresso, de sentir o cheiro do livro.
>
> **Ent. 24**
> Prefiro ler material impresso, pois é mais agradável. Ler na tela cansa a visão. Mas às vezes utilizo meios digitais para obter obras menos acessíveis. Porém o cheiro do livro (novo ou velho) e a sensação de virar as páginas são insubstituíveis.

Os recortes trazem inúmeras Qualificações que não são necessariamente em todos os casos, adjetivações positivas, pois vejamos: "praticidade"; "possibilidade". Temos também o *ato de localizar* que apresentamos no primeiro exemplo. Eles foram analisados a fim de inferir quais foram os atos elocutivos realizados, sobretudo, os atos de apreciação.

A partir de sua escolha (impresso ou digital) cada entrevistada(o) apresentou seus argumentos para justificar, e dentro de cada justificativa, enumerou as qualidades percebidas e limitações de cada suporte de leitura.

O que apresentamos aqui foram apenas alguns exemplos, por intermédio dos quais procuramos identificar os modalizadores discursivos dos *Modos de Organização Enunciativo* e *Descritivos*. Para este fim, trouxemos alguns recortes do *corpus* de nossa pesquisa, que são respostas às entrevistas que propusemos por meio de um questionário enviado por e-mail. No capítulo de análise, mostramos as recorrências quanto ao uso desses tipos de procedimentos dos

modos enunciativo e descritivo e explicamos como eles podem ser considerados signos-sintoma de Imaginários sociodiscursivos que constroem sentidos sobre a leitura da literatura nos *smartphones*, objetivo principal de nossa investigação.

2.7. Representações Sociais e Imaginários sociodiscursivos

Nossas estratégias, no sentido de buscar uma melhor elucidação do discurso do entrevistado, foram regidas pela fundamentação teórica em Patrick Charaudeau, nos atendo a um de seus conceitos, os Imaginários sociodiscursivos, como já mencionamos ao longo desta dissertação. Nesta seção, nos propomos a definir com a melhor clareza possível o que seria o conceito de Imaginários dentro da disciplina da Análise do Discurso.

Inicialmente nos atemos ao texto do autor *"Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux"*[14], que nos proporcionou um entendimento objetivo do sentido de "Imaginários" no campo da AD, afinal esta palavra suscita interpretações com outras conotações em diferentes disciplinas, universos culturais e na sociedade, entendimentos que são diferentes, contudo, não são necessariamente equivocados, a depender dos contextos específicos.

É verdade que o termo imaginário pode levar a leitura do interpretante para o campo da imaginação, do que não é plausível ou possível no plano do real. Pode levá-lo também ao lugar dos sonhos, ou mesmo das lendas, mitos e contos ficcionais. Interpretações estas que também seriam legítimas, mas claro, sempre quando vinculadas aos seus 'mundos' originais, os das representações e invenções.

Temos no teatro, no cinema, na música, nas artes plásticas, em várias manifestações artísticas e na Literatura, a onipresença do imaginário, essência da criação, que concebe o que às vezes, é imponderável em um determinado momento, mas que poderá se realizar em outro tempo histórico. Charaudeau buscou em André Breton a definição de imaginário no contexto artístico: "O imaginário é o que tende a se tornar real" e completou: "Todo artista é um visionário".

Antes de entrarmos no campo dos Imaginários sociodiscursivos no âmbito da Análise do Discurso, é preciso primeiro procurarmos um entendimento das representações sociais que estão intimamente ligadas ao nosso propósito central, a análise dos Imaginários nas respostas dos entrevistados ao questionário/entrevista proposto, *corpus* de nossa pesquisa.

---

(14) Tradução: *Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor.* Texto de *Patrick Charaudeau*, traduzido por *André Luiz Silva* e *Rafael Magalhães Angrisano*.

Ao nosso ver, as representações sociais estão presentes nos discursos, nas narrativas de vida, na história de cada um de nós. Mas entendemos também que muitas de nossas ideias e leituras sobre nós mesmos, que imaginamos particulares ou individuais, fazem parte de um universo social compartilhado no qual também estamos inseridos, por ele, somos influenciados e também o influenciamos. Charaudeau, em seu texto, cita Sperber e Wilson e a teoria da pertinência, a partir da qual estes dois pesquisadores "falam de 'representações partilhadas', noção fundadora da atividade da linguagem, que repousa sobre a ideia da adesão de membros de um grupo aos valores comuns, que seriam consenso para que pudessem se comunicar" (Doise, 1985).

Charaudeau ressalta que embora, esta ideia venha da disciplina da Psicologia, amplamente debatida pelos profissionais desta área, ainda assim entende que sua retomada aqui, no âmbito da Análise do Discurso pode funcionar como um "mecanismo de construção do sentido" que por sua vez estabelece o "real significante" nos levando ao entendimento da "realidade social". A partir do que lemos em Charaudeau,

> Nessa perspectiva, as representações sociais não são um subconjunto dos imaginários ou das ideologias como outros propõem (Boyer, 2003, p. 19), mas uma mecânica de engendramento dos saberes e dos imaginários (Charaudeau, 2017, p. 576).

Segundo o linguista, as representações sociais são construídas a partir da percepção do sujeito do seu meio, do espaço em que vive, e das condições e saberes precedentes, conhecimentos adquiridos ao longo da vida que influenciam suas interpretações, leituras e julgamentos do seu meio social.

Ao nosso ver, o que o sujeito potencialmente consegue representar hoje sobre sua visão de mundo tende a não representar no futuro, pois estamos sempre em processo dinâmico de subjetivação, afinal são nas práticas sociais, no decorrer da vida, que se processam também as "trocas com outros". Somos afetados pelo meio e, portanto, o que reproduzimos como discurso é fruto não só de nossa essência ou alteridade, mas também de nossas interações. Constituem também nossas representações sociais aspectos relativos aos nossos desejos sobre as coisas do mundo, nossa racionalidade fundamentada na história da vida real, a que experenciamos, e de nossas interações afetivas, profissionais, políticas e culturais.

Temos o sujeito em sua individualidade observando, ouvindo, percebendo, sentindo, interpretando e representando o que vê, ouve e percebe. Mas temos também o sujeito coletivo influenciado pelo seu meio, grupo social a que pertence ou na busca de pertencimento. Vejamos, como Charaudeau define essa noção:

> As representações têm por função "interpretar a realidade que nos cerca, por um lado mantendo com ela relações de simbolização; por outro, atribuindo-lhe significações". Elas são constituídas pelo 'conjunto das crenças, dos conhecimentos e das opiniões *produzidos* e *partilhados* pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social. [...] Assim, as representações sociais organizam os esquemas de classificação e de julgamento de um grupo social e lhe permitem *exibir-se* através de rituais, de estilizações de vida, de signos simbólicos (Charaudeau, 2008, p. 193, *grifos do autor*).

Ao procedermos as análises das respostas ao nosso questionário/entrevista, tendo como objetivo a identificação dos Imaginários, estas representações sociais foram identificadas nas narrativas de vários discursos dos(as) entrevistados(as), às vezes de forma explícita e outras vezes os recursos da semiolinguística nos permitiram identificar, nos enunciados das respostas, sintomas da presença destas representações. Podemos observá-las na resposta a seguir do **Entrevistado 1** à **Pergunta 10** que buscamos no *corpus* de nossa pesquisa: "Você percebeu alguma mudança no tempo dedicado à leitura da Literatura (passou a ler mais, ou mesmo reduziu), ou até mesmo comportamentais, a partir da utilização do *smartphone* no seu dia a dia. Você o desliga para leitura ou não? Por quê?" Segue a resposta:

> Não sou contra os *Smarts*, estou até fazendo um curso de Inglês e teclado e hoje é tudo pela internet. Tenho 66, mas não posso me acomodar. Enquanto estiver com vida e saúde sigo lutando. Fiquei mais de 10 anos fora de Exercícios em Academia, mas nunca fui sedentário. Ando o dia todo a pé. Gosto de futebol, mas não tenho onde jogar e nem minha coluna ajuda (tenho parafusos na lombar). Gosto demais de nadar, mas é muito caro. Moro em frente ao Clube do Cruzeiro, mas é muito caro, pra mim.

Afinal, do que trata a proposta de nossa pesquisa? Da leitura da Literatura, e de como este leitor ou leitora vê as interferências dos meios digitais, mais especificamente o do *smartphone*, na sua cultura da leitura. Logicamente esta leitora ou leitor sentem-se pertencentes ou querem, como vimos em Charaudeau (2008), pertencer a um grupo social que lhe permita "*exibir-se* através de rituais, de estilizações de vida, de signos simbólicos".

São os Imaginários sociodiscursivos influenciados também pelas representações sociais que nos permitiram interpretar e tirar conclusões sobre se a leitura da Literatura, de fato, ganhou ou perdeu relevância com a ubiquidade dos *smartphones* na vida dos entrevistados. No entanto, a pergunta suscitou inúmeras manifestações do **Entrevistado 1**, que talvez não prevíamos, apresentamos algumas: a demonstração de pertencer a um grupo que está conectado ("Não sou contra", "estou até" e "hoje é tudo") afirmações que parecem sinalizar a mobilização de um imaginário de Modernidade, no caso relacionado às evoluções tecnológicas digitais; no mesmo excerto, é possível inferir a representação de pertencer a um determinado grupo social cujas características físicas e psicológicas são representadas pelo imaginário da velhice que se atribui culturalmente a partir de certa faixa etária; temos também o sintoma de um imaginário

da resignação, mas que, ao mesmo tempo, o discurso procura apagar procurando demonstrar resiliência como indicam os seguintes *signo-sintoma*: ("Tenho 66", "não posso me acomodar", "Enquanto", "com vida e saúde", "sigo lutando") e até mesmo aludiu questões econômicas ("mas é muito caro").

Acreditamos que este relato também poderia nos levar ao entendimento dos *saberes de crença*, muitas vezes fundadores de preconceitos, neste caso o etarismo, e de como, por mais que façamos parte de um determinado grupo social, não gostaríamos de nos entender como pertencentes a ele, o que se torna compreensível em razão dos estigmas e classificações recorrentes e evidentes disseminados na e pela sociedade. Vale um pequeno desvio de nosso caminho para realçar que temos, no País, um Presidente com quase 80 anos a pretender outro mandato e artistas ativos politicamente e protagonistas da Cultura como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e Ney Matogrosso acima dos 80 anos a contrariar algumas *crenças.*

"O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo". Esta definição de Charaudeau (2017) cauciona a escolha que fizemos ao termos dado ênfase às representações sociais pois se seus mecanismos são, por assim dizer, essenciais para a constituição dos Imaginários, entendemos ser pertinente a abordagem, e é na realidade das relações e das trocas entre os sujeitos em seus grupos sociais que se constroem significações sobre os acontecimentos na sociedade, dos modos de como os vê, de fazer e de agir "transformando a realidade em real significante", portanto ao Imaginário não se pode atribuir a ideia de inverdade ou daquilo que foi inventado, mito, lenda ou fábula como já dissemos no início deste capítulo. O Imaginário, na verdade, ilustra o que seria a realidade atribuindo a ela significações no mundo, significações estas que são constitutivas da experiência do indivíduo e de suas relações com o mundo e com os outros. Assim, os Imaginários são engendrados a partir do consenso e conhecimento do homem ou da "percepção significante". Nem verdadeiro e nem falso, constituído pelas percepções do homem sobre o entendimento do outro homem sobre os acontecimentos e fenômenos do mundo, e suas relações com ele, o imaginário na concepção de Charaudeau, não é lenda, mito, produto da imaginação, invenção e também não é verdade ou mesmo mentira, como afirma o autor, o imaginário:

> não pode pretender testemunhar uma verdade e que, consequentemente, todo imaginário é um *imaginário de verdade* que essencializa a percepção do mundo em um saber (provisoriamente) absoluto. O imaginário resulta de uma dupla interação: do homem com o mundo, do homem com o homem. [...] No cruzamento dessa dupla interação, produzem-se "implicações complexas em que os gestos, as pulsões, as práticas, os atos, as representações se misturam e se instruem mutuamente (Charaudeau, 2008, p. 205, *grifos do autor*).

Muitos outros Imaginários foram constituídos ao longo da história e estão, às vezes, impregnados na sociedade, são do campo do inconsciente coletivo e embora, sejam altamente nocivos ao bem comum e limitadores até para o convívio e para as boas práticas sociais, persistem nos discursos, pois mesmo aquele ou aquela que tem conhecimento de sua inadequação no contexto social, muitas vezes sem que perceba, os deixa emergir em seus enunciados, afinal trata-se daquilo que está no inconsciente, que denuncia a presença das crenças e Imaginários entranhados e insuperáveis ou indeléveis.

O imaginário da *"pureza de raça"*, contra o qual a sociedade muito lutou e luta, ainda está muito presente. Há também os atos falhos, que, muitas vezes, traem os parâmetros, protocolos ou paradigmas do discurso político, ou mesmo do cidadão comum, de onde emergem às vezes, imaginários incompatíveis com o cenário e o personagem representado, como veremos:

> No espaço político, por exemplo, circulam imaginários sobre o comportamento que o político deve adotar, conforme a situação em que se encontre: campanha eleitoral, alocução televisiva, debate, reunião etc., imaginários relativos ao *ethos* que ele deve construir para si em função de uma expectativa coletiva dos cidadãos, imaginários de opinião que sustentam os programas eleitorais, as profissões de fé ou os escritos analíticos. Frequentemente, esses imaginários se sobrepõem e constroem espécies de arquétipos coletivos inconscientes (Charaudeau, 2008, p. 207).

Não só nas atividades políticas, mas também nas religiosas, ou às vezes, até mesmo artísticas, percebemos nos discursos, sejam eles narrativos ou argumentativos, sintomas de Imaginários que estão a serviço da projeção não só do *ethos*, mas também do *pathos* e do *logos* que são, respectivamente, o apelo aos afetos e o saber da racionalidade, pois dessa forma o sujeito comunicante busca fazer com o que o sujeito interpretante idenfique-se com a imagem construída no discurso.

Após exemplificarmos e buscarmos explicações para o nosso entendimento sobre os Imaginários sociodiscursivos, acreditamos que, nas análises das respostas ao questionário/ entrevista (*corpus* de nossa pesquisa), que apresentam o agenciamento de diversos imaginários que ganharam vida e intepretações, foi possível constituirmos conclusões que levarão a futuras reflexões. Consideramos, pois, a "intencionalidade" como marca da linguagem, e foi importante também nos ater ao conceito de *mise en discours* (discursivização), que constitui os imaginários sociodiscursivos pressupostos no *contrato comunicativo* que se estabelece no caso, entre o enunciador (entrevistado) e o receptor (entrevistador) (Charaudeau, 2017).

A "intersubjetividade" assim como a "subjetividade", abordados pelo linguista em seus textos, a nosso ver, estão no contexto das entrevistas (entrevistador/entrevistado), inseridas

em um processo de dialogismo entre as duas partes aqui mencionadas (enunciador/receptor), e estão nas dinâmicas ou processos engendrados e nas narrativas dos sujeitos da linguagem.

Tornou-se importante vincular aqui o que pretendemos ao ressaltar com o subtítulo "Imaginário sociodiscursivo". Sabemos que o discurso é construído pelo sujeito de linguagem segundo os seus preceitos/requisitos de existência em sociedade. Ao que poderíamos atribuir, assim simplificadamente, a conotação de parâmetros das relações sociais. A partir de tais pressupostos, não ignoramos, no processo de construção das perguntas que elaboramos para as entrevistas (*corpus* de projeto de pesquisa), o que Charaudeau classificou como "mecânica das representações sociais".

Ou seja, das narrativas contidas nas respostas emergiram os Imaginários socio-discursivos de nossas(os) entrevistadas(os), proporcionando-nos identificar nos argumentos a presença subjetiva das requisições de uma sociedade cada dia mais absorvida pelas tecnologias digitais, seus usos e imperativos para a convivência e nas relações mais diversas, em contextos de trabalhos, estudos, afetividades e sociabilidades. Dessa forma e diante deste contexto social,

> o sujeito é, pois, um sujeito de comunicação definido por sua identidade psicológica e social, por um comportamento finalizado e pelas restrições que ele sofre se ele quer se inserir na interação (nessa perspectiva, ele é um "isso"). Ele se define também por suas próprias intenções para com o outro (e nessa perspectiva, ele é um "eu") (Charaudeau, 1999, p. 34).

Ao entrevistarmos aqueles que já tiveram ou ainda desenvolvem a cultura da leitura da Literatura, identificamos, nas respostas Imaginários sociodiscursivos que revelaram, marcas referenciais de um sujeito, fundadas na sua subjetividade, indiciando a intencionalidade de um discurso alinhado a valores positivos relativos a uma cultura difundida sobre a importância da leitura da Literatura.

2.8. Sobre o uso das entrevistas como método de pesquisa em Ciências Humanas

A partir do início da década de 1980, viu-se ganhar força uma tendência que foi, e ainda continua presente nas pesquisas e disciplinas relacionadas às Ciências Humanas e publicações literárias, que são os escritos e estudos autobiográficos. Vimos, em Cavalcante (2003), que histórias de vidas de pessoas anônimas ganharam relevância em publicações e abordagens, o que até então era um privilégio de sujeitos/pessoas de classes sociais de maior visibilidade e *status* social.

Esta tendência de abordagens das memórias de pessoas comuns possibilitou uma percepção de como se refletia, no sujeito, as questões da sociedade. Tais enfoques permitem-

nos entender como a subjetividade ganha um entendimento de um circuito sujeito-sociedade-outro em processo de significação e subjetivação, tendo nas *narrativas de si* uma argumentação atravessada pelos referenciais sociais, constituindo, dessa forma, um sujeito de singularidades, em busca de afirmação perante si mesmo e diante da sociedade.

É neste contexto que ganham força e espaço e legitimidade os relatos autobiográficos, entrevistas "um testemunho da própria existência", uma forma de se inscrever e de se eternizar no mundo. Poderíamos questionar sobre a existência deste ser autobiografado, se não seria uma ilusão, muitas vezes é escrito a quatro mãos e ainda tangenciado por subjetividades outras, por inscrições e descrições ficcionais, elaborações de memórias, edições de histórias e a presença de imaginários. Cavalcante (2003) traz uma asserção com a qual concordamos,

> a história de vida, como concebida e trabalhada pelas Ciências Humanas, não se põe com a mesma significação para a pesquisa psicanalítica, já que parte do pressuposto de que a narrativa (auto)biográfica revela o sujeito e a coletividade personificada nele, redimensionando a relação individual-social. (Cavalcante, 2003).

Inspirados no livro *Espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (Arfuch, 2010), entendemos que o gênero entrevista poderia vir a ser substantivo para nossas intenções analíticas. Dedicamo-nos mais profundamente ao capítulo 7 da obra da autora, *Travessias da identidade: uma leitura de relatos de vida* (Arfuch, 2020, p. 277-337), no qual ela destinou espaço para narrar o processo de entrevistas e depoimentos de cidadãos e cidadãs argentinos que emigraram para a Itália na década de 1980 e também para sua análise dos relatos daqueles que ficaram, os parentes desses emigrantes, como vemos a autora afirma que:

> Dessa ótica, a ideia de uma "memória biográfica", operando em algum nível da decisão de partida, se impôs como um norte para nossa indagação, assinalando a necessidade de estabelecer contato com a estrutura familiar do emigrante – que é a que acumula uma experiência comum em torno de certos tópicos – e, consequentemente, a pertinência de utilizar a entrevista extensa a partir de um questionário semidiretivo (Arfuch, 2010, p. 283).

Apresentamos essa citação apenas para exemplificar como se deu o processo de pesquisa da autora. No entanto, em nosso trabalho, não nos dedicamos a entrevistar parentes, e sim pessoas que costumavam ler somente em textos impressos Literatura e passaram a usar sistematicamente os meios digitais (*smartphones*) em inúmeras atividades do dia a dia.

Poderá surgir o questionamento: da metodologia de Arfuch, o que nos interessa e o que podemos usar? Para responder, vamos nos utilizar do relato da própria autora, declinando da possibilidade de parafrasear seu texto, pois não se justifica, visto que se trata de uma metodologia narrada e não de um texto dissertativo, ou seja, meramente descritivo, como veremos:

> Durante o encontro, a ênfase, a partir do entrevistador, foi colocada em certas **ancoragens temáticas arquetípicas**, na forma que adotavam os relatos, nos **índices valorativos**, no **modo de envolvimento do narrador com seu discurso**, nas figuras que se delineavam como protagonistas, **nas reiterações**, **estereótipos**, **silêncios**, **marcas emocionais**, na **evocação de diálogos** ou sua **reprodução por meio do discurso direto** (Arfuch, 2010, p. 284, *grifos nossos*).

Para nossa pesquisa, dedicamos atenção especial, nos relatos dos entrevistados, para princípios elencados pela autora, os quais foram considerados também em nosso trabalho, como "atenção flutuante", "campo de regularidade", "particularidade discursivo-narrativa". No trecho a seguir, Arfuch (2010) sintetiza, de forma objetiva, ainda assim elucidativa, as concepções metodológicas que nos atraíram:

> O projeto, o trabalho de campo e a análise posterior foram inspirados, por sua vez, em nossa indagação sobre a configuração do espaço biográfico e sobre os usos da entrevista nas ciências sociais; indagação que guardava relação com o estudo do gênero de entrevista midiática. A problemática e os objetivos da pesquisa constituíram, assim, um terreno apropriado para o desenvolvimento e a colocação em prática de nossa perspectiva teórico-metodológica, que articula enfoques **semiótico-narrativos, etnológicos, da análise cultural** e **do discurso** (Arfuch, 2010, p. 285, *grifos nossos*).

Como já destacamos desde o início desta pesquisa, nosso objetivo não foi o de chegar a uma conclusão com a qual previamente nos alinhamos, e sim procurar, por meio das entrevistas, pesquisar como vem se desenvolvendo a relação dos sujeitos de pesquisa que tinham a cultura da leitura, antes da adoção sistemática em seus cotidianos, dos dispositivos digitais (celulares/*smartphones*), em uma análise comparativa com o momento atual, ou seja, após a adesão desses sujeitos à utilização dos mencionados dispositivos móveis. Entendemos que os princípios e metodologias elencados pela autora e descritos aqui foram importantes para nosso propósito, mas buscamos amparo nas teorias e conceitos de Charaudeau.

No sentido de darmos mais consistência e referendarmos nossa pesquisa, voltamos nosso olhar para trabalhos já constituídos e ainda buscamos, em outros estudos e publicações, as metodologias de interpretação, como as que estão no livro *Memória, fragmentos de memória: de leituras e de vidas,* do linguista, pesquisador e professor doutor Cláudio Humberto Lessa (2012), que nos orientou nesta dissertação e ainda nos ofereceu fundamentação, como vemos neste fragmento de seu livro que traremos a seguir, e que muito nos disse sobre importantes marcas e índices aos quais devíamos nos ater ao nos propor entrevistar e interpretar narrativas:

> Dizem alguns estudiosos que, quando o sujeito se engaja na escrita de si, de sua vida, ele realiza uma (re)construção, uma seleção de eventos marcantes, geralmente, associados às mudanças repentinas em sua vida, na vida da família; além disso, busca projetar uma imagem de si; ao mesmo tempo que traz à tona certos fatos, silencia outros; busca mostrar que foi coerente com suas

> convicções e que superou os obstáculos; realiza também uma avaliação ética do mundo social onde viveu e vive; nossos alunos confirmam esses estudos; assim, seus relatos adquirem uma dimensão argumentativa, um caráter de denúncia (Lessa, 2012, p. 6).

Em suas diversas análises dos relatos de vida de alunos e alunas da EJA (educação de jovens e adultos), na Prefeitura de Belo Horizonte e, mais recentemente, do corpo discente do Cefet-MG, esse autor tem buscado descrever e analisar, entre outros aspectos, os Imaginários sociodiscursivos desses sujeitos sobre os hábitos de leitura adquiridos ao longo de seus percursos de vida, sobre as atividades didático-pedagógicas que mais têm motivado ou não os(as) educandos(as), sobre a gramática normativa e sobre as aulas de gramática, entre outros temas relacionados ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Foi, portanto, a partir da Teoria Semiolinguística, das categorias dos modos enunciativo e descritivo que se buscou inferir os possíveis Imaginários sociodiscursivos dos sujeitos sobre a leitura nos *smartphones*, a partir do uso de entrevistas de caráter autobiográfico tal como preconiza Arfuch e tal como foi realizado por Lessa (2012).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa buscou compreender como os leitores entrevistados avaliam a evolução de suas práticas de leitura literária com base na utilização cotidiana de dispositivos digitais, especificamente os *smartphones*.

Destacamos ainda que, entre nossos objetivos com a pesquisa, estava o da verificação de nossa percepção sobre a necessidade do Letramento Digital, visto que não apenas os *smartphones*, mas também uma vasta gama de artefatos e aplicativos relacionados com a internet e com as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes em nossas vidas. Afinal, na sociedade, seus hábitos e culturas estão em constante mudança, e pequenas/grandes revoluções, cada vez mais frequentes e velozes, exigem nossa constante adaptação e também nos fazem perguntar, possivelmente com algum grau de ansiedade: o que virá depois da revolução digital?

Como já enunciamos, importaram muito, nesse debate e em nosso trabalho de pesquisa, questões tais como: qual o modo de ler? O que e onde se busca ler? Quais as relações dessas escolhas/ações/induções com o uso dos aparatos tecnológicos (dispositivos digitais, aplicativos, *links*, redes)? Quais as nossas reações/adaptações aos modos de vida no contexto da era digital? Tais indagações se justificaram por acreditarmos que nossas leituras (onde, o que e como lemos) podem estar relacionadas ao nosso modo de ver, e pensar, nossas afetividades e ao nosso comportamento no mundo e na sociedade, podendo chegar até mesmo a alterar essa percepção e esse comportamento.

3.1. Caracterização dos sujeitos de pesquisa

Para nos cientificarmos, optamos por fazer uma pesquisa na qual nos referendamos em entrevistas com leitores acima de 21 anos. Desse modo, buscamos atingir os objetivos supramencionados. Ao definirmos a idade inicial mencionada acima, o fizemos por entendermos que o sujeito, a partir dessa faixa etária, já poderia ter um histórico referencial de leitura suficiente para nossa análise/comparação/avaliação.

Em nossas entrevistas, focalizamos os sujeitos com histórico de leitura e usuário de *smartphones* no dia a dia. Não houve observação sobre questões de gênero, nem separamos grupos distinguidos por questões econômicas/realidades financeiras e sociais. Utilizamo-nos do banco de dados que detemos, constituído por frequentadores do projeto de incentivo à leitura "Café como Pretexto" que promovíamos em praça pública e por indicações de outros frequentadores deste evento.

Como são 30 entrevistados(as), por uma questão de ética na pesquisa, daremos a cada um(a) deles(as) um número seguido da indicação da idade e da profissão.

Entrevistadas(os):

1. 66 anos. Eletricitário Aposentado.
2. 42 anos. Advogada.
3. 33 anos. Tecnologia da Informação.
4. 38 anos. Analista de Sistemas.
5. 31 anos. Diretor de Arte.
6. 60 anos. Fisioterapeuta.
7. 71 anos. Aposentado
8. 72 anos e 11 meses. Jornalista.
9. 70 anos. Jornalista aposentada.
10. 37 anos.
11. 33 anos. Psicóloga.
12. 34 anos. Policial Penal.
13. 42 anos. Pedagoga.
14. 48 anos. Advogada e Professora.
15. 26 anos. Bióloga.
16. 54 anos.
17. 27 anos. Professora.
18. 33 anos. Advogada.
19. 57 anos. Psicóloga.
20. 56 anos. Analista de Infraestrutura de T.I.
21. 31 anos. Servidora Pública.
22. 55 anos. Empresário.

23. 44 anos. Profissional de Educação Física.
24. 26 anos. Professor.
25. 25 anos. Estudante de Filosofia.
26. 65 anos. Aposentado.
27. 32 anos. Professora Particular e Estudante.
28. 48 anos. Artes Plásticas.
29. 52 anos. Professora.
30. 32 anos. Engenheiro de Software.

Faixas etárias:

Em nossa pesquisa não procuramos nos ater à questão relacionada à idade, colocamos como única condição que o entrevistado ou entrevistada tivesse mais de 21 anos. No entanto, apenas para demonstrar a heterogeneidade no grupo de entrevistados(as), relacionamos a seguir os grupos por faixa etária. Podemos observar que temos **cinco** entrevistados(as) entre 22 e 30 anos; **dez** entre 31 e 40 anos; **cinco** entre 41 e 50 anos; **cinco** entre 51 e 60 anos; **três** entre 61 e 70 anos; **dois** entre 71 e 72 anos.

Foram entrevistadas(os) 17 mulheres e 13 homens.

3.2. Sobre o instrumento de coleta

Nossa pesquisa se utilizou de questionário/entrevista estruturado com perguntas (vide Apêndice II) que foi enviado por e-mail (internet). Antes do envio, o questionário passou por um criterioso e longo processo de validação/autorização feita pelo CONSELHO DE ÉTICA DO CEFET-MG, o que nos conferiu segurança para buscar a autorização das(os) possíveis entrevistadas(os) para o encaminhamento posterior do questionário. Mesmo com a autorização do CONSELHO DE ÉTICA, ainda assim, antes do envio dos questionários enviamos convite por e-mail para cada um das(os) entrevistadas(os), e só depois da resposta por e-mail com autorização, enviamos o questionário e o formulário do CEP (Conselho de Ética em Pesquisas com Humanos).

3.3. Sobre a natureza da pesquisa: análise discursiva representacional-interpretativa baseada em Patrick Charaudeau

Como já colocamos, nos ancoramos essencialmente em conceitos da Análise do Discurso, tendo como principais referenciais teóricos para nossas análises algumas reflexões

e conceitos do linguista Patrick Charaudeau. Conforme Charaudeau (1999, p. 30), a competência enunciativa pressupõe um sujeito da linguagem que necessita de teorização, o que reforça a importância de se investigar a "intencionalidade" e a "intersubjetividade" nas narrativas.

Enfatizamos, em nossa pesquisa, portanto, a presença dos "modalizadores discursivos", das "subjetividades" e a concepção dos "imaginários sociodiscursivos".

Justificamos ainda nossa escolha ao elegermos o linguista como um dos autores que fundamentaram nossa pesquisa por esse pesquisador francês dedicar parte de sua literatura às questões relacionadas aos estudos da mídia, conceito que mereceu destaque em nosso trabalho por entendermos que ele está intimamente ligado aos processos de construção dos discursos dos protagonistas de nosso *corpus*, ou seja, as entrevistas/os entrevistados, seus "imaginários socio-discursivos" e suas relações com as mídias digitais, neste caso específico os *smartphones*.

Do livro *O discurso das mídias*, de Charaudeau, apresentamos excerto que sinaliza a importância deste autor para nossa pesquisa e proporciona o entendimento daquilo que procuramos interpretar, ou seja, o que está além do que se apresenta e aparenta como "verdadeiro" na superfície do discurso:

> Sendo o papel do pesquisador em ciências humanas e sociais o de descrever os mecanismos que presidem a esse simbólico e as diferentes configurações que o tornam visível, estudos como o que ora apresentamos se justificam sob a condição precisamente de não cair na armadilha das falsas aparências. Isso porque é próprio de uma comunidade social produzir discursos para justificar seus atos, mas não está dito que tais discursos revelam o verdadeiro teor simbólico desses atos: muitas vezes o mascaram (de maneira inconsciente, até mesmo de boa-fé), por vezes o pervertem, ou mesmo o revelam em parte (Charaudeau, 2019, p. 17).

Como vimos em Charaudeau, é natural em "uma comunidade social", em seus discursos, mascarar ou dissimular "o verdadeiro teor simbólico", no sentido de "justificar seus atos" (Charaudeau, 2019). Portanto, em nossa pesquisa, buscamos mecanismos para desvendar, nas entrevistas, as marcas ou indícios do teor simbólico que constituem as representações dos sujeitos entrevistados sobre seus hábitos de leitura em meios digitais e a relação destes com a sua cultura da Leitura da Literatura.

4. ANÁLISES DOS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS ACERCA DA LEITURA

Foram propostas 10 (dez) perguntas, para as quais obtivemos respostas de todas e todos entrevistadas(os) para todas. No entanto, para cumprir nosso objetivo de análise, optamos por deixar de lado as perguntas 4, 5 e 6 e demos ênfase em nossa pesquisa para as respostas às perguntas 1, 2, 3, 7, 8, 9 e 10, por entendermos que nas que deixamos de lado, muitas narrativas se repetiam em relação às que escolhemos para análise, o que acarretaria em redundâncias que obviamente não acrescentariam evidências importantes para a pesquisa. Ressaltamos que a pergunta número 1 procurou informações pessoais como nome, idade e profissão, portanto as respostas a ela não serão objeto de análise, mas serão consideradas nas Conclusões.

Buscamos inferir, a partir das respostas, os possíveis Imaginários sociodiscursivos relacionados à questão central de nossa pesquisa, que é a percepção do leitor de Literatura sobre a interferência das tecnologias, mais especificamente os *smartphones*, na sua cultura da Leitura da Literatura. Ativemo-nos também às narrativas relacionadas ao histórico de leitura na infância, fase adulta e pós-tecnologia inserida em suas vidas. Isso porque só assim foi possível chegarmos a conclusões fundamentadas sobre os efeitos das tecnologias digitais no cotidiano do leitor e leitora, ou seja, a partir dos seus referenciais históricos.

A seguir, então, apresentamos 7 subseções, cada uma delas dedicada às análises de cada tipo de imaginários que inferimos a partir de interpretações dos elementos dos modos enunciativo e descritivo; cada uma inicia-se com um texto explicativo que antecede a exposição de algumas respostas mais elucidativas que selecionamos, extraídas do *corpus* de nossa pesquisa, e que suscitaram as interpretações. Utilizaremos a abreviatura **Ent.** para referir-nos às nomeações Entrevistada e Entrevistado.

No sentido de contextualizar o leitor e facilitar o seu entendimento, retomamos abaixo as perguntas que deram origem às respostas das(os) entrevistadas(os) que mais proporcionaram à nossa análise a identificação dos Imaginários sociodiscursivos descritos a partir da **subseção 4.1.1**.

- Quais as suas lembranças de leituras de literatura na infância (no ensino fundamental)? Quem ou o que lhe incentivou?
- Quais as suas lembranças de leituras de literatura na adolescência (no ensino médio)? Quem ou o que lhe incentivou?
- Você prefere ler livros de literatura, impressos ou digitais? Porquê?
- Quando você começou a utilizar os meios digitais para leitura, e qual dispositivo utiliza ou prefere (Kindle, Ipad, PC, Notebook etc)? Porque?

- Como você vê a utilização do aparelho *smartphone* no seu dia a dia (trabalho, estudo e relações interpessoais)? Você acredita que interfere positivamente ou negativamente?
- Você percebeu alguma mudança nos modos de leitura, ou até mesmo comportamentais, a partir da utilização do *smartphone* no seu dia a dia. Você o desliga para leitura ou não? Porquê?

4.1. Análise dos Imaginários sociodiscursivos sobre a interferência das novas tecnologias na cultura da leitura

4.1.1. Imaginário dos pais e/ou de outros familiares (como primeiros incentivadores da leitura).

O imaginário dos pais e outros familiares como incentivadores da leitura é muito recorrente no *corpus*, tendo aparecido em 25 respostas. Apresentamos, a seguir, excertos de narrativas que podem representar o modo como ele se apresentou nos enunciados, demonstrando também as semelhanças e incidência de determinados índices, *signos-sintoma*, *verbos axiológicos*, *atos elocutivos*, *delocutivos, designações, qualificações e elementos linguísticos* voltados à operação de localizar/situar, que se repetem demonstrando como as histórias de leitura na infância se repetem e indicam uma lógica quase sistêmica de influências diversas e da aquisição da cultura da Leitura.

Observamos, nos excertos das três narrativas seguintes que os sujeitos: que os sujeitos narram e descrevem como seus pais ou outros adultos influenciaram seus hábitos de leitura durante seu processo de formação de subjetividade como indicam os predicados seguintes: "comprava livros infantis", "compravam revistas em quadrinhos e livros infantis" e "comprado várias coleções de livros de histórias infantis".

> **Ent. 2:**
> Tenho ótimas lembranças de leituras na infância. Minha mãe sempre incentivou a leitura e sempre que oportuno comprava livros infantis (ainda tenho coleções do Monteiro Lobato, e uma pasta com os contos de fadas da Disney).
>
> **Ent. 4:**
> Tive contato com o universo da leitura desde antes da alfabetização, sempre estimulado por meus pais, que compravam revistas em quadrinhos e livros infantis para mim desde sempre. Nunca aban donei, em nenhum momento da vida, o hábito da leitura. Li muito Monteiro Lobato e Turma da Mônica nesta época.
>
> **Ent. 6:**
> Comecei muito cedo a me interessar pelos livros. Recordo de uma pequena estante na casa da minha avó cheia de livros de histórias infantis. Os livros sempre chamaram muito a minha atenção, e eu ainda não sabia ler. Não lembro ao certo dos títulos, só sei que eu criava as minhas próprias histórias ao folhear as páginas e observar as gravuras. Eu acredito que minha avó tenha me incentivado, só pelo fato de ter comprado várias coleções de livros de histórias infantis.

Este *'Imaginário da influência/incentivo dos pais'* é mobilizado em inúmeras narrativas que descrevem os primeiros passos no universo da leitura, podemos identificar facilmente nestes relatos os signos-sintomas que indicializam a presença destes referenciais familiares na infância. Enunciados que contêm verbos como "incentivou", "estimulado" e "incentivado" e que contêm o ato de nomear/qualificar como "cheia de livros", proporcionam esta leitura.

Como se observa os enunciadores utilizam atos elocutivos que sinalizam apreciações positivas acerca do processo de formação do ser sujeito leitor, revelando, assim, traços de suas subjetividades que dão uma conotação pessoal também de força, como revelam o uso dos termos "ótimas", "sempre", "ainda", "muito", "Nunca" ou "nenhum".

Ainda encontramos a presença de verbos axiológicos a presença de verbos e termos que, no contexto, adquirem conotação axiológica tais como "Recordo" e termos como "lembranças" que trazem uma modalização que remete a valores e afetos que ainda reforçam a ideia das reminiscências familiares como referência.

A **Ent. 2** tem, em sua mãe, o referencial de incentivo. Ela claramente se atém a narrativas sócio-históricas, utiliza um ato elocutivo de apreciação positiva acerca de suas primeiras experiências de leitura, como vimos no excerto: "ótimas lembranças de leituras na infância". Seu enunciado não nos permite afirmar de que se trata de uma realidade ou de uma construção discursiva atrelada a "sistemas de valores" de determinado grupo social, segundo *Charaudeau* "o imaginário social não é [...] aquilo que se opõe à realidade, que é completamente inventado"(Charaudeau, 2008, p. 203).

Por outro lado, podemos observar, em sua resposta, também a reincidência da palavra <u>sempre</u>, que pode indiciar uma carga de afirmação ou mesmo de autoafirmação. Não questionamos aqui se verdadeiro ou falso, podemos inferir que se trata de "símbolo da identificação, a ponto de nela se confundirem o ser e o parecer, a pessoa e a personagem" (Charaudeau, p. 8, 2008). Identificamos "sempre" como um *modalizador discursivo* presente assim como em muitas outras respostas, não só desta(e) entrevistada(o) como também de várias(os) outras(os).

Outra referência marcante feita pelos entrevistados é à figura do autor Monteiro Lobato e da revista em quadrinhos da "Turma da Mônica" de Maurício de Souza. Denota-se a importância destes autores e destas publicações na inicialização do letramento literário dos leitores e leitoras. Os enunciadores salientam a importância desse escritor em suas formações antes mesmo antes de serem alfabetizados, como parecem indicar as seguintes afirmações: "Tive contato com o universo da leitura desde antes da alfabetização", "ainda não sabia ler",

“criava minhas próprias histórias”. Observamos que, mesmo antes de se saber ler, a criança se aventura em algum modo de leitura se exposta às possibilidades.

Percebemos também, em vários relatos, que a discursividade neles presente produzem sintomas do Imaginário sociodiscursivo de um ideal ambiente social que abarca os conceitos que se convencionam no *sistema de crenças* como propícios para subjetivação e formação de um(a) leitor/leitora, da pessoa e suas singularidades.

Aqui a temática é a cultura da leitura da Literatura. Sabemos que a questão da leitura ativa imaginários estabelecidos socialmente vinculados à ideia de que o sujeito leitor(a) goza de reconhecimento e *status* social, dado o discurso presente no espaço midiático que enaltece a importância desta cultura para a construção de nossa *persona*.

Portanto vemos que a **Ent. 6** mobiliza, em sua resposta, a memória afetiva de sua avó. Para tanto, ela utiliza o verbo “recordar”, os procedimentos de localizar-situar e nomear em “a estante na casa de minha avó” e o de qualificar “cheia de livros”. Por fim, ela explicita a influência positiva da figura parental, produzindo um ato elocutivo de opiniao, por meio da lexicalização do verbo “acreditar” em: “acredito que minha avó tenha me incentivado” para validar outros enunciados contidos em seu discurso como: “Comecei muito cedo a me interessar pelos livros”; “Os livros sempre chamaram muito a minha atenção, e eu ainda não sabia ler”; “eu criava as minhas próprias histórias ao folhear as páginas e observar as gravuras”. Suas respostas nos fazem refletir sobre a questão do letramento que pode preceder a alfabetização despertando e estimulando inclusive a criatividade.

Observemos o excerto de texto de Magda Soares que apresentamos no Cap. 3 – Letramentos, e que resgatamos para ilustrar: “A criança, mesmo não alfabetizada, já pode ser inserida em processos de *letramento*, pois ela já faz a leitura incidental de rótulos, imagens, gestos, emoções. O contato com o mundo letrado acontece muito antes das letras e vai além delas.” (Soares, 2020, p. 25).

4.1.2. Imaginário da leitura prazerosa (feita, exclusivamente, pela fruição que provoca)

Este Imaginário que identificamos nos enunciados de 22 respostas, tem, entre suas características, uma que se evidencia que é a descrição da leitura feita sem obrigação ou imposição de qualquer ordem, ligada apenas ao prazer e ao conhecimento proporcionados. Entre os gêneros de leitura descritos que remetem nosso entendimento a este Imaginário, estão HQs (quadrinhos), os livros coloridos e ilustrados, que podem ser vistos como uma semente a despertar o interesse para a leitura e que poderá se desenvolver ao longo da vida, talvez expandindo este interesse para outros gêneros.

Esse Imaginário é mobilizado em várias narrativas e muito presente nas respostas à pergunta 2 **(Quais as suas lembranças de leituras de literatura na infância (no ensino fundamental)? Quem ou o que lhe incentivou?)** que, em essência, procurou provocar o(a) entrevistado(a) a reconstruir as memórias afetivas vinculadas ao modo como se envolveu ou foi envolvido pela leitura, visto que, no nosso entendimento, recuperar a lembrança do período em que se foi criança normalmente, nos trará a imagem de nós mesmos em nossa memória, de certa inocência e da espontaneidade que nos moveu a escolhas mais originais, relacionadas especialmente à fruição, e ao prazer pela leitura, portanto evidencia as escolhas naturais vinculadas ao prazer, o que procuramos exemplificar com os relatos a seguir.

> **Ent. 05:**
> Basicamente a minha iniciação na leitura se deu pelas HQs, as famosas revistas em quadrinhos, era o que me interessava, mas não somente as aventuras das grandes editoras como, Marvel e DC, mas quadrinhos nacionais, como, Turma da Mônica e Celton.
>
> **Ent. 09:**
> O mundo da criança ou Mundo da Criança, não me lembro mais, era uma coleção de livros infantis que tínhamos em casa, por incentivo do meu pai, que não estudou e priorizou nossa educação desde que éramos muito pequenos. Na adolescência, tínhamos à mão a coleção Tesouro da Juventude e daí em diante diversas enciclopédias, a exemplo da Barsa e da Delta-Larousse. Era uma verdadeira biblioteca e nunca faltava dinheiro para comprar o livro que quiséssemos. No colégio, pelo que me lembro, o estímulo era mais para a poesia, que deveríamos decorar, quando ainda pequenos. Eu preferia brincar, mas esse ambiente foi me transformando com o tempo. Eu gostava dos livros muito ilustrados e coloridos.
>
> **Ent. 13:**
> Tenho ótimas lembranças. Não sei como adquiri o gosto e hábito pela leitura, no entanto, "desde que me entendo por gente" gosto de ler. Lembro que minha mãe possuía livros na estante de variadas modalidades, mas lembro em especial de uma coletânea Walt Disney em que tinham histórias das personagens do Mickey e sua turma. Lembro que gostava muito dos que apresentavam histórias do Tio Patinhas e seus sobrinhos. Então, penso, que talvez, a existência de livros de literatura em casa, à disposição para livre demanda da minha inteira vontade incentivou o hábito. Assim, na escola, no Ensino Fundamental, foi tranquilo realizar as atividades que envolviam leitura e literatura. Sempre gostei muito.
>
> **Ent. 14:**
> As lembranças de quando comecei a ler na escola são as melhores, aprendi a ler na 1ª série com 6 anos de idade, o mundo dos livros me conquistava na época. Minha mãe é uma grande leitora, por isso me incentivava muito, comprando livros e gibis da turma da Mônica, e adorava esses presentes que ganhava, o mundo das letras eram a minha diversão, lia qualquer papel que aparecesse em minha frente e não só isso, tinha que escrever também, amava uma caneta e papel e parede também rs rs, tanto que meu pai teve que providenciar rapidamente uma tábua grande e vermelha bem lisinha para eu escrever, como já sabia ler e escrever aos 6 anos, já queria dar aulas para minhas amiguinhas e com isso o gosto pela leitura, escrita e a docência, nasceu

> assim de uma simples diversão e compromisso com a escola, pois, quem não soubesse ler não iria para a 2ª série.

O *'Imaginário da leitura prazerosa'* (feita, exclusivamente, pela fruição que provoca), emerge nos enunciados com muita naturalidade, assim como sugere a espontaneidade da escolha relacionada ao um interesse pessoal, isso vemos evidente no enunciado "era o que me interessava", **Ent. 5**, em "Eu gostava dos livros muito ilustrados e coloridos", **Ent. 9**, e ainda em "da minha inteira vontade", **Ent. 13**. Em "livre demanda" identificamos o *signo-sintoma* que demonstra a autonomia do leitor na escolha de suas leituras vinculadas ao desejo, também sugerindo uma espécie preparação para o ingresso no ensino formal.

Na resposta do(a) **Ent. 5,** não temos como identificar muitas marcas dada a objetividade de sua narrativa. Ainda assim seu enunciado nos permite extrair *signos-sintomas* como o excerto que segue: "era o que me interessava" – que sua iniciação com a leitura estaria mais ligada ao seu interesse específico, o que denota mais do que uma resposta à pergunta, uma resposta a si mesmo, ou seja, assim como entende Charaudeau (2008): "no que é dito, há sempre o que é dito e o que não o é, um não-dito que, entretanto, também se diz".

Outro recorte que destacamos é o seguinte: "mas não somente as aventuras das grandes editoras" – Acreditamos, ou podemos inferir que não seria possível que uma criança tivesse essa consciência, podendo então tratar-se da construção socio-simbólica de seu imaginário. O uso dos procedimentos de nomear e qualificar nesse *sintagma*, estão a serviço de um ato elocutivo de apreciação.

Por outro lado, podemos também avaliar que a diversidade de leituras reforça a ideia de que ela pode ser fundamental para o desenvolvimento do(a) leitor(a).

No relato do **Ent. 9**, observamos a ênfase inicial que dá ao fato de seu pai "que não estudou", ter sido o incentivador de suas leituras e talvez o responsável pela sua transformação e aquisição do gosto pela leitura. Temos, em toda a sua narrativa, a presença da discursivização com teor patêmico e uma carga axiológica enredada claramente também no *Imaginário socio-discursivo da influência dos pais*, que emergem por exemplo nos excertos cujos predicados relacionam-se a um sujeito do enunciado que exerce o papel de agente, representado, neste contexto, como protagonista, incentivador dos hábitos de leitura de seus filhos: "priorizou nossa educação" e "nunca faltava dinheiro para comprar o livro que quiséssemos". Temos ainda evidentes sistemas de crenças que remetem o imaginário ao *signo sintoma* da figura heróica do pai discursivado.

As lembranças reconstruídas pela(o) **Ent. 14**, evidenciam uma memória discursiva tomada por uma progressiva narrativa eloquente e coesa na busca por uma conclusão coerente.

Tal narrativapoderia nos levar à identificação da utilização inconsciente de um discurso *pathêmico*, no entanto podemos presumir sinceridade, talvez algum uso da retórica muito marcante na discursividade dos advogados, no entanto vemos aqui evidentes marcas da *Anáfora*: "Fala-se, por vezes, de memória discursiva para explicar o aumento progressivo dos saberes compartilhados pelos interlocutores no decorrer de uma troca. Isso passa de maneira privilegiada pela anáfora"(Charaudeau, Mangueneau, 2016, p. 325). Essa troca se dá aqui entre entrevistador e entrevistada(o), na(o) qual podemos identificar certa "obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições" de seu *ethos*, de sua "singularidade" (Arfuch, 2010, p. 11). Mais uma vez, verificamos a presença inspiradora da figura materna e dos quadrinhos na iniciação de uma leitora.

O *"Imaginário da leitura prazerosa"* fica evidente em períodos marcados pela *pathemização* nos quais os enunciadores parecem utilizar atos elocutivos de apreciação positiva acerca das primeiras experiências de letramento, como vemos em: "As lembranças de quando comecei a ler na escola são as melhores"; "Minha mãe é uma grande leitora, por isso me incentivava muito, comprando livros e gibis da turma da Mônica, e adorava esses presentes que ganhava"; o gosto pela leitura, escrita e a docência, nasceu assim de uma simples diversão; "o mundo dos livros me conquistava na época" e "mundo das letras eram a minha diversão". Também podemos identificar os atos elocutivos nas modalidades da obrigação (motivação interna) e do querer, respectivamente, pelos quais o locutor procura afirmar que quando criança, motivado pela leitura, sentia um desejo, um anseio por estar participando de atividades que envolviam o letramento: "tinha que escrever também, amava uma caneta e papel" e "já queria dar aulas para minhas amiguinhas".

"Escutar, ler, colocar o corpo. A célebre tríade *barthesiana* inspira o caminho 'deste lado' da pesquisa, ao abordar, com as precauções que marcam a teoria, um *corpus* construído – neste caso, o de entrevistas biográficas" (Arfuch, 20, p. 277). A ilustração é um elemento gráfico essencial nos textos infantis e assim como o áudio e a música transportam o corpo para outros lugares e tempos e suscitam imaginários. Neste relato, assim como no anterior e outros, vemos como muitos referenciais se repetem e parecem fazer parte do universo da infância de diferentes gerações, acreditamos que a atemporalidade de determinados gêneros possa explicar a reincidência nas narrativas que trazem características de formato, cor e tamanho semelhantes aos descritos em outros relatos.

Nas narrativas, é quase uma constante a presença dos *modalizadores discursivos*, pois os entrevistados (EUe) por vezes se deixam envolver por um tom emocional provocando o efeito *pathêmico* que parece ser indiciado pelo uso de procedimentos de

qualificação, presentes nos seguintes termos e sintagmas: “famosas”, “ótimas”, “muito pequenos”; “diversas”, “verdadeira”, “variadas”, “especial”, “minha inteira”, “tranquilo”, “são as melhores”.

Faz-se recorrente o uso de procedimentos de situar-localizar, neste contexto, chamamos atenção para o uso do adjunto adverbial “sempre”, a serviço do procedimento de situar a narrativa em um tempo que parecem possuir o potencial de afetar a sensibilidade do (TUi), pois é do conhecimento do enunciador e sujeito interpretante da existência de um “contrato de comunicação”, em que a situação de comunicação envolve uma pergunta/resposta sobre a cultura da leitura na infância, condições de comunicação que mobilizam emoções e outros imaginários. Também, nestas respostas, podemos identificar novamente o *‘Imaginário dos pais e/ou de outros familiares’ (como primeiros incentivadores da leitura)*.

4.1.3. Imaginário da leitura coletiva (quer no seio familiar, quer na escola, como meio de incentivar a prática de leitura)

O *Imaginário da leitura coletiva* aparece em 22 respostas, e acreditamos que ele se constitui por meio das significações construídas nos encontros em que a leitura vai muito além do texto, transcende a Literatura, envolvendo as vidas, afetos, subjetividades e porque não um certo mistério, o “não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria. A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso” (Rosa, 1968, p. 4 *apud* Goulart, 2017, p. 305).

Acreditamos que este *Imaginário da leitura coletiva* pode atuar como fator de aproximação entre as pessoas e aproximar mais do que leitores as pessoas, quando situações de leitura ocorrem em família, podemos imaginar que seja até mais efetiva no sentido de agregar mais adeptos à cultura da leitura e a leitura do(a) outro(a), mas talvez, até mais importante, seria a possibilidade de se tornar um elo a proporcionar um maior vínculo, identificação e envolvimento de um grupo social que pode ser a família ou os amigos(as), da escola talvez. Charaudeau sinaliza nessa direção e sustenta sua argumentação em Castoriadis (2000): “O imaginário social é um universo de significações fundador da identidade do grupo na medida em que é ‘o que mantém uma sociedade unida, é o que cimenta seu mundo de significações’” (Charaudeau, 2008, p. 204).

A seguir, traremos apenas duas respostas para pesquisarmos este imaginário, afinal as narrativas são longas, principalmente a da(o) **Ent. 15**, no entanto ricas em possibilidades de análises, o que nos fez trazê-las na íntegra.

> **Ent. 11:**
> Quando tinha seis anos, aprendi a ler e fiquei curiosa para conhecer as histórias. Fiz ficha na biblioteca da escola e desde então passei a pegar um livro todos os dias para eu ler à noite em voz alta para o meu pai e irmão, antes de dormir. Passei um tempo assim, pegando um livro todos os dias na biblioteca. Depois, a partir dos sete anos, comecei a ganhar livros e fazer coleções. A maior influência foi a própria escola, mas meu pai e meu irmão, que é dois anos e meio mais velho, também tiveram uma participação importante, pois me ouviram pacientemente todos os dias ler histórias para eles antes de dormir.
>
> **Ent. 15:**
> Há Muitas lembranças. Lembro que tínhamos vários livros em casa, minha mãe assinava a *Reader's Digest/Seleções* e recebíamos umas revistinhas que tinham uma seção de "Ossos do Ofício" ou algo assim, que tinham piadas. Tinha uns quadrinhos também. Uns artigos que as vezes eu lia. Também recebíamos livros grandes de capa dura cheios de imagens da natureza e animais, com curiosidades e informações interessantes. Nossa, e duas vezes veio livros que tinha exercícios e desafios para fazer, de memorização, matemática, não lembro o que mais. Mas lembro que juntávamos – eu e meus irmãos, e minha mãe às vezes – para fazer os desafios. Eu tinha uma coleção de livros que chamava "Os Segredos das Fadas" da *Emily Rodda*, que eu adorava ler. Lembro também que íamos muito na Leitura, inclusive era o ponto de espera caso não quiséssemos ir a algum lugar ou se nos **perdêssemos** quando íamos no shopping. Lembro de ter lido o livro "Anjos e Demônios" praticamente todo na livraria, até enfim comprar o livro, mas isso foi só depois quando eu tinha uns 15 anos. Além disso, li partes do livro *Eragon* também na livraria, mas esse não cheguei a adquirir.
> Outra lembrança que tenho é de um livro de poesias e contos que tínhamos que eu adorava abrir aleatoriamente e ler. *Aaah*, tinha um de cantigas infantis que vinha com um CD, lia e ouvia várias vezes. Inclusive, minha mãe também recebia CDs das Seleções, eu lia todos os folders, inclusive foi uma forma que aprendi inglês, porque eu lia as letras e ia cantando e identificando as palavras que eu conhecia, pegava dicionário para tentar traduzir. Tanto isso quanto o livro "Segredos das fadas" me inspiraram muito a escrever músicas e poemas em inglês e historinhas, respectivamente. Tudo isso que falei são memórias de 2002 a 2010 mais ou menos.
> Lembro também que tínhamos muitas revistas tais como Caras, Veja, Recreio, National Geographic e jornais de vez em quando. Lembro de folhear e ler aquilo que me chamava atenção. E eu cortava as revistas também para fazer colagem, e para escola também. Na escola lembro de que na 3ª série do Ensino fundamental a gente estudou sexualidade com uma coleção da *Cida Lopes*, li todos os livrinhos e lembro de ter gostado bastante e ter clareada muitas dúvidas, tanto que na puberdade não teve nenhuma surpresa, nada que aconteceu fiquei sem saber o que era ou porque, se era ou não normal.
> Para finalizar, meu pai também comprou uma coleção de livros infantis em inglês uma vez, e ele ensinava pra gente, lembro de ler direto esses livros entre 2004 e 2007. Portanto, meu pai e minha mãe, principalmente foram quem me incentivou a ler.

A(o) **Ent. 11**, curiosamente, contraria o imaginário que é referendado apenas nos *saberes de crença* de que são sempre os pais que leem para as filhas e filhos quando estes vão dormir, relatando que era ela quem fazia a leitura para o pai e irmão. É razoável acreditar que talvez essa mudança de paradigma também seja uma boa estratégia de estimular os filhos e

filhas para leitura, o protagonismo exercido pela(o) **Ent. 11** na infância, acreditamos, foi um estímulo para o desenvolvimento de aptidões literárias, imaginemos que significações e simbologias foram construídas no imaginário daquela criança ao ler para o pai e o irmão um pouco mais velho, e ainda quais as leituras que eles fizeram e fazem daqueles momentos.

A presença da biblioteca na escola foi determinante, segundo ela mesma para sua cultura da leitura, no entanto a audição paterna e do irmão foi crucial para sua formação leitora, pois vejamos: "mas meu pai e meu irmão, que é dois anos e meio mais velho, também tiveram uma participação importante, pois me ouviram pacientemente todos os dias ler histórias para eles antes de dormir." Como se observa, a enunciadora mobiliza para os procedimentos de *localizar-situar* que parecem sinalizar o quanto o hábito de frequentar a biblioteca e de ler tornaram-se frequentes no seu cotidiano, naquele contexto: "na biblioteca"; "todos os dias"; "à noite"; "antes de dormir"; "a partir dos sete anos".

Na narrativa da **Ent. 15**, podemos observar uma abrangência social mais ampla e que vai além do espaço familiar, no entanto vemos na resposta, que sua identidade de grupo se baseou na família (mãe, pai e irmãos) e que suas referências e memórias estão intimamente ligadas às *significações* proporcionadas por estas interações de mundos individuais, que em si (na sua individualidade) se integram e constituem sua subjetividade, assim sendo, além do ambiente doméstico, a enunciadora refere-se, por meios de procedimentos de localizar e situar, a espaços públicos que parecem ter atuado na formação do sujeito leitor como vemos: "praticamente todo na livraria", "quando eu tinha uns 15 anos"; "li partes do livro *Eragon* também".

A **Ent. 15** se utiliza também do *ato elocutivo de apreciação positiva*: "que eu adorava ler"; "Outra lembrança que tenho é de um livro de poesias e contos que tínhamos que eu adorava abrir aleatoriamente e ler"; "li todos os livrinhos e lembro de ter gostado bastante e ter clareada muitas dúvidas". Muito significativo, neste relato, é a reiterada utilização da primeira pessoa: "eu e meus irmãos"; "minha mãe às vezes"; "Eu tinha uma coleção"; "Nossa"; "eu e meus irmãos"; "e minha mãe"; "eu adorava"; "eu tinha uns 15 anos"; "eu lia as letras"; "meu pai". Estes enunciados demonstram o prazer do sujeito enunciador em se envolver em práticas de letramento diversas, e como tal envolvimento foi decisivo para a formação do sujeito leitor ao longo da trajetória de vida, e como a reconstrói aqui.

Identificamos, em seu enunciado, o Imaginário sociodiscursivo que procura evidenciar a construção de uma relação sempre fundamentada na leitura, dada a percepção de inúmeros índices discursivos, a partir dos quais verificamos que até mesmo uma livraria (Leitura) era de certa forma um imaginário de porto seguro, um ponto de encontro para que ela,

seus irmãos e mãe não se perdessem ou não se desencontrassem. Um encontro literal e metafórico na Leitura.

Os "livros grandes de capa dura" citados, nos levam a crer fortemente na possibilidade da importância da materialidade visual e física para construção e consolidação no *universo das significações*. Assim também vemos a lembrança dos livros de poesias acompanhados de CDs com cantigas que inspiraram a entrevistada à busca da interpretação das letras em outro idioma. A reconstrução da lembrança sobre a utilização das revistas para recortes e colagens e a menção dos livros sobre educação sexual, da autora *Cida Lopes*, citada pela entrevistada, indiciam imaginários dos valores imanentes da leitura presentes na discursividade do relato biográfico descrevendo experiências e tangenciando afetividades. Como não estamos à procura das verdades, o que nos interessa é a leitura da história da história de leitura da entrevistada, ou seja, de como, no presente, ela enxerga e talvez ressignifique suas leituras, atemos-nos aos *signos-sintomas* do processo de subjetivação da relação da entrevistada com suas leituras ao longo da vida.

Apresentamos, a seguir, algumas marcas discursivas que se situam no mesmo campo semântico e que aparecem nas narrativas, não só nas que aqui apresentamos, mas que também surgem na quase totalidade das respostas. Primeiramente, chamamos a atenção para os procedimentos de *nomear e qualificar* que produzem efeitos de sentido em torno dos fatores influenciadores: "influência", "curiosa", "conhecer", "maior influência", "lembrança", "lembro". Em segundo lugar, destacamos o uso de procedimentos de *localizar-situar* que sinalizam reiteração, ênfase no hábito de leitura adquirido: "várias vezes", "vários", "sempre", "todos os dias", "Inclusive", "Além disso", "várias vezes", "sempre", "todos os dias", "Muitas". E em terceiro lugar, por fim, o uso de verbos que indicam a operação e reconstrução da memória: "lembro de ler direto", "ter gostado bastante" e "adorava".

Esses procedimentos são *subjetivemas* e *modalizadores discursivos* que marcam uma necessidade do (EUe) em dar ênfase deixando emergir imaginários outros, como um "subconjunto dos imaginários" segundo Charaudeau propostos por (Boyer, 2003, p. 19), porque são diferentes do abordado, mas que estão intimamente ligados a ele que é o da "leitura coletiva" como uma das sementes da *persona* leitor(a) que se estende além de si e envolve a família, os amigos os demais ambientes sociais. Estes *subjetivemas* e *modalizadores discursivos* funcionam aqui como os mecanismos "de construção de sentido que modela, formata a realidade em real significante, engendrando formas de conhecimento da 'realidade social'" (Charaudeau, 2017, p. 576).

Os *sintagmas*, sejam eles verbais, adverbiais, nominais e a *dêixis* evidenciam as representações sociais como mecanismos que nos permitem inferir os imaginários, construções das subjetividades/intersubjetividades. Os enunciados trazem, com frequência, o modo *elocutivo*, por meio do qual discursivizam-se as *Subjetividades*, quase sempre na primeira pessoa: "aprendi a ler"; "ler histórias para eles"; "aprendi inglês"; "eu lia as letras e ia cantando"; "palavras que eu conhecia"; "me inspiraram muito"; "eu cortava as revistas"; "a gente estudou"; "fiquei sem saber"; "Portanto, meu pai e minha mãe"; "me incentivaram a ler"; e "Tudo isso que falei são memórias".

4.1.4. Imaginário dos sentidos e afetos despertados pela leitura por meio de material impresso

O percurso que escolhemos para chegar até este Imaginário foi pensado procurando evidenciar uma cronologia da infância, adolescência até a chegada à fase adulta, sabendo que, durante estes períodos, os livros impressos estiveram muito presentes na história das(os) leitoras(es) que agora se prontificaram a dar seus depoimentos, com os quais contribuíram para a análise e identificação dos Imaginários sociodiscursivos relacionados aos *"sentidos e afetos despertados por meio de material impresso"*, os livros.

Encontramos 23 evidências sobre como as percepções positivas do livro impresso estão enraizadas nas *subjetividades* vinculadas à história da(o) leitor(a) no percurso e nas etapas de suas vidas, e quais as significações ainda são construídas nos enunciados pelo sujeito leitor sobre o objeto livro impresso.

Apresentamos, a seguir, 7 respostas sobre as quais fizemos as análises, nos atendo às marcas discursivas mobilizadas pelo sujeito enunciador (EUe), tais como a mobilização de atos elocutivos, procedimentos de nomear/qualificar, localizar-situar, *efeitos pathêmicos* que indicializaram os "*imaginários dos sentidos e afetos"*.

> **Ent. 2:**
> A minha preferência é por livros impressos, gosto de abraçar e cheirar o livro, fazer comentários, sublinhar uma frase e usar marcadores de livros.
>
> **Ent. 4:**
> Prefiro, sempre que possível, ler livros físicos em papel, pois acho que não há meio melhor para a leitura. Acredito que uma leitura feita num livro impresso tem mais poder de fixação que uma feita num meio digital. No entanto, nem tudo que quero ou preciso ler está facilmente disponível em livros e, assim, leio muito no computador e no celular e também no Kindle, que, para mim, é o segundo melhor meio para leitura depois do livro.
>
> **Ent.5:**
> A preferência é sempre o livro impresso, gosto da sensação de pegar o livro físico, você consegue visualizar a quantidade de páginas que leu e quantas

> faltam para ler, fora a característica principal de ter a textura do papel e não precisa emitir uma luz para que possa ser lido, que pelo menos para mim não deixa a visão cansada. Mas ultimamente tenho lido mais digital do que físico, não por que gosto, mas sim pelo fato de serem mais baratos e mais acessíveis em questão de tiragem, já tiveram algumas ocasiões que ia até a livraria, perguntava se havia o título desejado e eles dizerem que está em falta, aí demanda pedido, agendamento para retirada, etc.
>
> **Ent.: 12**
> Tenho preferência por leitura de livros impressos, talvez por todo processo envolvido, desde a compra ou recebimento, até seu folhear. Não me adaptei à leitura de livros digitais pela sensação de "cansar as vistas" devido a luminosidade e dificuldade de concentração desse modo.
>
> **Ent.: 14**
> ...não vejo problemas em ler no impresso ou digital, mas ainda gosto muito do físico, e com certeza aos poucos vou me acostumar a ler no digital temos que nos adaptar não só por questão de gosto e sim de uma necessidade enorme para salvarmos o nosso planeta.
>
> **Ent.: 28**
> Impressos.
>
> **Ent. 29:**
> Prefiro impresso, mas estou tentando adquirir o hábito de ler os digitais. Já tenho muitos livros físicos (e me desfiz de muitos em 2022, em função de algumas mudanças de casa) e não tenho mais onde acomodar outros. Tem que ser tudo digital agora.
>
> **Ent. 30:**
> Impressa. Definitivamente! Por dois motivos:
> O primeiro, admito que é puramente nostálgico: Gosto da sensação de pegar em uma obra física. É definitivamente mais prazeroso.
> O segundo, é pela naturalidade. Você abre o livro e lê. Sem distrações. Sem propagandas. E sem aluz incômoda de aparelhos eletrônicos.

Para analisar este *"Imaginário dos sentidos e afetos"* relacionados aos livros impressos sentimos a necessidade de trazer um número maior de excertos, foram 8 respostas. Esta foi uma decisão tomada em função de demonstrar a incidência de vários *signos-sintomas*, *sintagmas nominais e verbais*, *subjetivemas* presentes, as escolhas *lexicais* em consonância com o *campo semântico* também denotam a coerência nas respostas.

Vemos também como o uso das *modalizações discursivas elocutivas e alocutivas* se repetem em praticamente todos enunciados como mecanismos argumentativos, pois vejamos a seguir os modos elocutivos sempre na primeira pessoa.

Observamos no relato do **Ent. 2 e Ent. 14** a mobilização do *ato elocutivo na modalidade do querer* para afirmar a preferência pelo impresso em relação ao digital**:** "A minha preferência"; "gosto de abraçar" e "mas ainda gosto muito do físico". O **Ent. 30** articula com este mesmo *ato* ao enunciar: "Gosto da sensação de pegar em uma obra física. É definitivamente mais prazeroso".

Já o **Ent. 4** mobiliza o *ato elocutivo de opinião*: **"**acho que não há meio melhor para a leitura. Acredito que uma leitura feita num livro impresso tem mais poder de fixação". O mesmo **Ent. 4**, na sequência, mobiliza também o *ato elocutivo de apreciação*: "*Kindle*, que, para mim, é o segundo melhor meio para leitura depois do livro". Vemos também no relato do **Ent. 5** o ato elocutivo de apreciação: "A preferência é sempre o livro impresso", "gosto da sensação de pegar o livro físico", "você consegue visualizar"; "fora a característica principal" e "pelo menos para mim".

Por outro lado, o **Ent. 12** apresenta um ato elocutivo de apreciação negativa sobre a leitura nos suportes digitais: "Não me adaptei à leitura de livros digitais pela sensação de "cansar as vistas" devido a luminosidade e dificuldade de concentração desse modo." Logicamente temos de considerar aqui a *situação de comunicação* (entrevista/resposta/tema), ou seja, o sujeito enunciador (EUe) é provocado a falar sobre um assunto específico: o livro impresso. Ela traça suas estratégias discursivas, ele sabe quem é o sujeito interpretante (TUi).

Percebemos, nos períodos a seguir, a mobilização de ações que podem ser feitas quando da leitura em meio impresso que são avaliadas como positivas pelos sujeitos: "fazer comentários, sublinhar uma frase" (...); além disso, eles mobilizam procedimentos de *nomear* e *qualificar* a fim de caracterizar o que consideram as virtudes e vantagens de uma leitura no meio impresso, tais como: "textura do papel"; "fazer comentários", "sublinhar uma frase e usar marcadores"; "consegue visualizar a quantidade de páginas que leu"; "quantas faltam para ler"; "textura do papel". É possível observar que os enunciadores manifestam um sentimento de resignação diante da necessidade de ter, em certas situações, de utilizarem os meios digitais para efetuarem suas leituras, como parecem revelar os seguintes enunciados: "sempre que possível"; Acredito; nem tudo que quero; preciso ler; leio muito no computador e no celular; *Kindle*, que, para mim, é o segundo melhor; "ultimamente tenho lido mais digital"; "não por que gosto, mas sim pelo fato de serem mais baratos e mais acessíveis".

O **Ent. 30** mobiliza, em seu enunciado, o adjunto adverbial "Definitivamente" procurando dar ênfase ao afirmar que prefere ler livros impressos, admitindo a seguir que talvez seja por nostalgia, pelo contato e pelo prazer. Tais sentidos ou sentimentos, ao nosso ver, estão relacionados aos imaginários constituídos na experiência com a leitura já na sua adolescência, como vimos em suas narrativas anteriores.

Outros sentidos associados à leitura por meio impresso tais como como a "naturalidade", "simplicidade e facilidade" são proporcionadas pela ausência de "distrações", "propagandas", "luz incômoda" que são características marcantes das leituras em dispositivos eletrônicos, talvez mais comuns nos *smartphones*.

O **Ent.: 12** apresentou um dado novo para justificar sua declarada preferência pelos livros impressos, pois, para ele, todo o processo que se inicia com escolha e busca por um livro faz parte de seu imaginário cultural. Quando traz em seu enunciado "desde a compra ou recebimento, até seu folhear" ele nos proporciona inferir que o imaginário de um ritual da leitura faz parte do viver a experiência que se inicia desde a escolha do título até o folhear e leitura das páginas. Poderíamos fazer uma analogia com outras manifestações culturais como a música ou cinema, pois a experiência de assistir a um show, teatro ou mesmo um filme, começa pelas escolhas do evento, e passa pelo caminho, às vezes a companhia, o artista, o diretor, a pipoca, o antes, o durante e o depois. Tudo isso pode fazer parte do imaginário do ritual da experiência, que também pode acontecer com a leitura da Literatura. O **Ent. 12** deixa muito claro que não se adaptou à leitura nos meios digitais por razões que se assemelham muito a algumas já manifestadas por outras(os) entrevistadas(os): luminosidade, cansar as vistas e falta de concentração.

Alguns outros entrevistados manifestaram também a importância do livro físico, pois, ao vermos o objeto livro, ele pode remeter nosso pensamento para a história que deixamos em algum ponto quando interrompemos a leitura.

A resposta lacônica do **Ent. 28**, "Impressos", que, a princípio, poderia nos levar a entender como indiferença, merece uma análise sobre o que a princípio se diz no que se silencia. O substantivo "Impressos", a princípio, não nos proporciona conteúdo para uma análise de imaginários, mas ainda assim, mesmo procurando ser sucinto ao declarar sua preferência apenas com uma palavra, tal objetividade pode indiciar uma certa resistência aos livros digitais ou ainda denotar uma tentativa de dizer muito sobre sua possível indisponibilidade para se permitir utilizar os suportes eletrônicos para leitura, sua assertividade não deixa dúvidas.

Há uma heterogeneidade de gênero e faixas etárias em nossa pesquisa o que nos sugere outros imaginários que emergem dos enunciadas inscritos nas respostas e que podem proporcionar análises específicas sobre argumentos tais como "ser de uma outra época" transparecendo um imaginário de gerações que melhor ou mais facilmente se adaptam às novas tecnologias para suporte de leitura. Mas esta questão poderá ser objeto para outra pesquisa que talvez até já esteja em curso: "A aceleração digital numa sociedade que envelhece".

Mesmo precedidos da informação de que preferem os livros impressos, surgiram argumentos como a necessidade de desenvolver o "hábito" de leitura no digital porque afinal "tem que ser tudo digital agora", um enunciado da **Ent. 29** que realiza um *ato delocutivo* na modalidade de obrigação, para sustentar também uma ideia sobre a questão do espaço físico que os livros impressos ocupam, mas seria importante refletir, neste caso, sobre como os

imaginários vinculados ao prazer da leitura do impresso – evidenciados nas respostas – poderão ser adaptados à leitura do livro digital, ou não. Podemos inferir também a partir da objetividade presente no *ato delocutivo* em questão "tem que ser tudo" efeitos evidentes dos impactos da midiatização que, indubitavelmente, proporciona confortos, evoluções e o imaginário da autonomia, agilidade e liberdade, mas também impõe a nós fazermos concessões sobre os nossos modos de viver e no nosso prazer, alcançando até mesmo a subjetividade. "Em um sistema que explora a liberdade, não se forma resistência. A dominação se completa no momento em que coincide com a liberdade" (Han, 2022, p. 51).

4.1.5. Imaginário negativo de explícita rejeição à leitura em meios eletrônicos

Este imaginário de explícita rejeição surgiu em 15 respostas, para nossa análise mais detida, escolhemos 5 casos que proporcionaram maior nitidez das marcas que nos levaram a identificá-los e também permitir uma avaliação do leitor desta dissertação de como fomos evoluindo ao longo destas análises, desde as perguntas sobre as leituras na infância/ adolescência e chegando agora, nesta atualidade altamente midiatizada.

De nosso lado, percebemos que na medida em que entrávamos nas questões agudas de nossa pesquisa, as respostas foram ganhando tons mais graves, uma subliminar agressividade no tom expresso em alguns enunciados, talvez inconsciente, a sinalizar *signos-sintomas* e estratégias discursivas dos entrevistados que objetivamente talvez queriam demonstrar uma espécie de *"Mal-estar na civilização"* que "deriva da necessidade de conter seus impulsos (a grande conquista cultural), e da renúncia à satisfação plena para poder viver em sociedade." (*Freud*). Sobre esta renúncia falaremos nas conclusões, mas talvez nunca se pensou que a grande opressão, neste futuro sistêmico em que nunca chegamos, estaria conectada a tanta autonomia e "liberdade".

Distanciar-nos desta percepção e procurar nos ater apenas às estratégias discursivas nos ajudarão a tirar algumas conclusões sobre como a leitura da Literatura vem ou não sendo afetada (positivamente ou negativamente) pela inserção e ubiquidade das tecnologias digitais, mais especificamente a onipresença dos *smartphones* no cotidiano de todas e todos. Mas por enquanto, ainda queremos saber sobre o *"Imaginário negativo de explícita rejeição à leitura em meios eletrônicos"*. Como vemos?

> **Ent. 01**
> Nunca li assim.
>
> **Ent. 02:**
> Eu não consigo ler livro por meios digitais.

> Distraio com muita facilidade, a claridade me incomoda, eu gosto de segurar o livro, folhear páginas. Não consigo me apaixonar pela leitura, história, parece que falta conexão quando utilizo algum meio digital.
>
> **Ent. 09:**
> Só uso para leitura, se não tiver outro jeito, o notebook e o celular. Até para fazer revisão de um texto prefiro imprimir e revisar à mão. De vez em quando até penso em comprar um *Kindle*, mas logo desisto. O *Ipad* que comprei, logo dei para a minha neta. Penso que a razão está no costume, pois comecei a trabalhar em jornal ainda na época da máquina de escrever, e já preferia revisar meus textos à mão, talvez por não ter muita destreza com o teclado. Entendo mais rápido o que leio e vejo os erros com mais agilidade com o papel impresso.
>
> **Ent. 15:**
> Tentei usar o *Kindle*, uma época um amigo me emprestou, mas como não era meu, ele quem precisava adicionar os arquivos para mim. O que fazia ser "trabalhoso". Além disso, não consegui criar o hábito, não me acostumei. No notebook leio, mas mais artigos e uso o *Microsoft edge*, porque posso escrever e grifar nos arquivos que baixo.
>
> **Ent. 22:**
> Só uma vez li um livro pelo celular porque estava na praia e não tinha outra opção.
>
> **Ent. 30:**
> Não uso. Tentei ler em PCs e Celular. Definitivamente não consigo. Mesmo para livros técnicos. Quando não tinha outro jeito e não conseguia uma cópia impressa, eu mandava imprimir o PDF em uma gráfica.
> Já vi algumas pessoas que possuem *Kindle*. De fato, a tela parece ser menos incômoda. E o fato de ser um aparelho dedicado a leitura, sem propagandas ou acesso a internet, me faz ver como uma alternativa viável e até interessante para várias pessoas. Mas para mim, por algum motivo, não é atrativo. Talvez pelo fato de eu trabalhar com computadores em meus momentos de lazer, gosto de manter distância deles, ou de qualquer coisa que lembre um.

Por mais que tente ser sucinto e objetivo, o **Ent. 01**, em sua resposta, deixa indiciar com o advérbio de tempo "Nunca" e de modo "assim" uma manifestação de indiferença/repulsa ou desinteresse pelo contato com os suportes eletrônicos para leitura. Até mesmo no "assim" que completa o, a princípio, sintético enunciado, ainda podemos identificar um imaginário da irreverência com relação a este modo de leitura.

A resposta da **Ent. 2** nos leva a uma surpreendente constatação que virá ao fim desta análise. Para ela, os meios digitais proporcionam um imaginário de obstáculo, algo que não consegue superar, sentimento que se opõe ao que se convencionou entender ou mesmo ver os dispositivos digitais como facilitadores, neste caso da leitura. Os argumentos que surgem mais uma vez, são os da distração e o excesso de claridade. Por outro lado, por meio de atos elocutivos realizados na modalidade do querer, reitera sua preferência pela leitura no suporte livro/papel ao mergulhar novamente em seus sentimentos os quais procura discursivizar a emoção relacionada ao contato afetivo com "segurar o livro", "folhear as páginas". Depois ela

deixa emergir sua rejeição à leitura nos meios digitais com “Não consigo me apaixonar pela leitura” um ato elocutivo de recusa.

Por fim a entrevistada ainda nos apresenta o argumento de que “parece que falta conexão quando utilizo algum meio digital” entre a história e o suporte eletrônico, um ato elocutivo de ato elocutivo de suposição, o que nos sugere refletir sobre a possibilidade da paradoxal desconexão presente naquilo que se estabeleceu na sociedade de forma quase que imperativa, que é o imaginário da conectividade como essencial e abrangente necessidade à sobrevivência, ou seja, paradoxalmente, neste caso da cultura da leitura da Literatura, tal imaginário da conectividade pode não se confirmar.

> Tudo aquilo que se refere à leitura está conectado: o leitor, o autor, o editor, o livro; em outras palavras, o presente e o futuro da leitura. Ao longo do tempo, os efeitos das mudanças de comportamento no modo como lemos influenciam inevitavelmente o que lemos e como isso é escrito (Wolf, 2019, p. 100).

A **Ent. 9** procura demonstrar por meio do *ato elocutivo* de declaração, na modalidade de afirmação com sua frase “Só uso para leitura, se não tiver ou tro jeito, o notebook e o celular” que os meios eletrônicos são, para ela a última opção, e que a leitura nestes dispositivos, lhe proporciona desconforto, e mesmo admitindo que talvez seja pela falta do costume e em razão de ter iniciado suas atividades profissionais “ainda na época da máquina de escrever”, não demonstra o menor interesse em adaptar suas leituras e revisões às novas tecnologias, que manifesta com um ato elocutivo na modalidade do querer: “preferia revisar meus textos à mão”. Ainda reforça qualidades que para ela, só podem ser proporcionadas pelo texto impresso.

A **Ent. 15** ao discursivizar “Tentei usar o *Kindle*”, de certa forma produz um enunciado que nos permite entender “Tentei” como uma espécie de concessão, e ressalta com um ato elocutivo de apreciação negativa em relação ao uso do dispositivo digital: “O que fazia ser ‘trabalhoso’”. Partimos do pressuposto de que havia uma resistência ao suporte eletrônico para leitura, no entanto a **Ent. 15** estaria dando uma espécie de oportunidade àquilo que se apresentava como moderno, no entanto sua experiência se transformou em algo “trabalhoso”, não lhe permitindo desenvolver o hábito de ler neste suporte. Mais uma vez, o imaginário do hábito reaparece em uma narrativa, e também o notebook é citado como suporte eletrônico de leitura, contudo apenas para artigos.

Com os enunciados “Só uma vez li um livro pelo celular” e “não tinha outra opção” temos um procedimento de situar no tempo do **Ent. 22** que procura deixar claro sua restrição com relação à leitura de livros por meios eletrônicos, aqui dando mais ênfase a essa resistência no caso do celular, restringindo a experiência apenas para o caso de não ter outra opção. Um procedimento de situar no tempo

O Ent. 30 em sua resposta, assim como a **Ent. 15**, indicia o imaginário de desafio à leitura em suportes digitais quando argumenta "Tentei ler em PCs e Celular", mais uma vez aparece o *subjetivema* "Tentei" e logo a seguir, conclui novamente com o advérbio "Definitivamente não consigo". Além disso, a enunciadora reconhece que o suporte eletrônico *Kindle* parece viável para outras pessoas desenvolverem a cultura da leitura, afinal este suporte não recebe propagandas e nem está conectado à internet, no entanto reitera que nem assim se sente atraído por essa ferramenta. Podemos identificar em seu enunciado, imaginários negativos relacionados à distração e dispersão provocados pelo uso de aparelhos conectados à internet, por estarem sujeitos ao recebimento de propagandas e notificações.

Observamos a reincidência de palavras, termos, *subjetivemas* em inúmeras respostas e sempre vinculadas às estratégias discursivas semiolinguísticas que mobilizam os elementos do modo descritivo tais como nomeações, qualificações, procedimentos de situar que revelam um imaginário negativo de explícita rejeição à leitura nos meios digitais, modos elocutivos dando relevância ao *"Imaginário negativo de explícita rejeição à leitura em meios eletrônicos"*: "Nunca"; "assim"; "Eu não consigo"; "Distraio"; "Só uso"; "se não tiver outro jeito"; "prefiro imprimir"; "até penso"; "logo desisto"; "logo dei para minha neta"; "já preferia"; "Entendo mais rápido"; "vejo os erros com mais agilidade;" "Tentei"; "trabalhoso"; "não consegui"; "não me acostumei"; "Não uso"; "Mas para mim"; "não é atrativo"; "gosto de manter distância deles" e "qualquer coisa que me lembre um".

Identificamos inúmeros *efeitos discursivos* de qualificar positivamente, presentes nas respostas que se referem ao *Kindle*, tais como: "muita facilidade"; "posso escrever"; "Até para fazer revisão". A **Ent. 30** também mobiliza *atos elocutivos de apreciação*, o primeiro vislumbra uma avaliação do *Kindle* no sentido positivo; o segundo, negativo: "uma alternativa viável e até interessante para várias pessoas. Mas para mim, por algum motivo, não é atrativo". Ainda lembra "sem propagandas"; "sem internet". Também vimos as qualificações negativas: "a claridade me incomoda"; "parece que falta conexão quando utilizo algum meio digital".

4.1.6. Imaginário da ubiquidade virtual e seus impactos no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura (sobre a necessidade de moderação e controle)

"Eu o coloco no silencioso, para não ser incomodado. O único hábito que adquiri foi checar mensagens com frequência para ver se há algo novo do trabalho, o que me incomoda. Gostaria que os *smartphones* nunca fossem inventados. Que celulares fossem apenas para chamadas e que a internet pudesse ser acessada apenas no computador. Deve ser a nostalgia de

criança dos anos 2000. Porém, o saudosismo de nada me adianta. **Será preciso que cada pessoa modere voluntariamente o uso do *smartphone*." (Ent. 24).**

Iniciamos a introdução desta seção trazendo um depoimento extremamente representativo do que vimos na maioria das respostas às perguntas 9 **(Como você vê a utilização do aparelho *smartphone* no seu dia a dia (trabalho, estudo e relações interpessoais)? Você acredita que interfere positivamente ou negativamente?)** e 10 **(Você percebeu alguma mudança nos modos de leitura, ou até mesmo comportamentais, a partir da utilização do *smartphone* no seu dia a dia. Você o desliga para leitura ou não? Porquê?)**. Ficou evidente, em nossas leituras e análises dos enunciados, a presença da consciência de que há uma necessidade de moderação e controle no uso das tecnologias digitais, mas emergiu também um sentimento de impotência e resignação diante da onipresença destas tecnologias em nossas vidas por meio do suporte smartphone.

Para esta seção, procuramos também trazer quase todas as respostas no sentido de demonstrar a incidência dessas percepções e sentimentos que emergiram dos enunciados com os Imaginários sociodiscursivos que lemos e interpretamos.

> **Ent. 2:**
> Sim, houve muita mudança no tempo dedicado à leitura depois dos meios digitais. Mas eu sempre gostei de livros e até uma maneira que eu consigo descansar é ter um livro de cabeceira.
> À noite tenho hábito de fazer uma leitura breve de documentos impressos, sejam revistas, jornais ou até fazer umas cruzadinhas (tenho costume de comprar), e **eu costumo desligar o celular sempre que tenho que fazer algo que considero importante** e uma leitura a gente tem que preparar um ambiente pra ficar agradável.
>
> **Ent. 3:**
> Sim, menos tempo dedicado e uma necessidade de maior vigilância. **Eu desligo o celular pra estudar** e o motivo é simples: Não só o celular, como qualquer notificação e anúncios estão à mercê do algoritmo pra desviar qualquer que seja sua atenção, como um todo.
>
> **Ent. 4:**
> Acredito que não tenha diminuído o tempo que dedico à leitura, mas, certamente, ter o celular por perto diminui minha concentração e frequentemente atrapalha minha leitura. **Tenho tentado deixar o celular longe de mim quando quero me concentrar numa leitura mais longa ou mais profunda**, mas nem sempre isso é possível por demandas profissionais.
>
> **Ent. 6:**
> De fato, não posso negar que o smartphone ocupa uma boa parte do meu tempo, até porque, muitas das tarefas que eu executo no dia a dia, acabam sendo realizadas através do smartphone. É claro que, com isso, o meu tempo dedicado a leitura ficou reduzido. Não acho que de forma grave, mas preciso sempre estar atenta para que eu consiga dedicar mais tempo ao que realmente me interessa.
> Eu não desligo o smartphone para ler, até porque profissionalmente preciso estar atenta. Mas de certa forma, isso não tem impedido, que eu tire do livro tudo aquilo que de belo e interessante ele possa me oferecer.

Ent. 11:
Passei a ler menos, devido aos fatos que mencionei na pergunta 09. No entanto, quando eu dedico meu tempo à literatura, eu coloco o celular no modo silencioso para não ser interrompida e não me desconectar da história.

Ent. 12:
Quanto ao tempo destinado à leitura, não houve mudança. Porém, mudanças comportamentais aconteceram, principalmente voltadas à necessidade de estar sempre conectado e, consequentemente, uma constância no seu manuseio. Quando estou lendo, caso a leitura seja de algo que exija concentração, deixo o smartphone longe do meu alcance, caso seja algo mais superficial para distração, como um texto ou livro, a sua proximidade não incomoda**, mas tento acessá-lo o mínimo possível, deixando-o no modo silencioso, por exemplo.**

Ent. 13:
Percebi mudança sim, passei a dedicar menos tempo a leitura da literatura devido uso das redes sociais. Não o desligo para leitura.

Ent. 14:
Entendo que o smartphone, como já mencionei aqui na entrevista, o quanto este aparelho é importante em no dia a dia, mas devemos tomar muito cuidado muitas pessoas inclusive os jovens não fazem um bom uso deste, estão muito focadas em redes sociais e jogos, e a leitura literária infelizmente já não é tão atrativa para eles, pois o entretenimento está atingindo um nível bem elevado quando o assunto é likes, postagens e compartilhamentos de um universo sem fim e infelizmente tenho observado mudanças comportamentais nas pessoas de modo geral.
Sim, eu desligo o telefone no meu dia a dia, pois não gosto de ficar focada em ter que ver mensagens o tempo todo, tenho meus afazeres e o meu lazer que muitas vezes é leitura e música, não gosto deser interrompida.

Ent. 15:
Ah, teve períodos que li menos e outros mais, mas não necessariamente por conta do celular, mas por conta do meu cronograma, faculdade... mas claro, acabava que quando eu tinha um tempinho, eu usava o celular ao invés de ler um livro.

Ent. 16:
O telefone interferiu negativamente pois ao invés de ler fico no Instagram. Preciso rever meus hábitos.

Ent. 17:
Sim, o número de leituras diminui quando mantenho o acesso mais frequente ao celular. As vezes por saber que já tenho costume de visitar redes sociais, eu deixo o aparelho distante dos olhos para focar nas leituras desejadas pois o costume já é tão grande em acessar redes sociais e qualquer espaço livre no dia já abrimos automaticamente a rede e vemos as postagens, consequência de vícios e manias.

Ent. 18:
Sempre me atrapalhou muito.
Mas esse ano de 2023, quando vou ler, costumo desligar a internet para não receber notificações, distrair e pegar o celular e deixar o livro de lado.
No que diz respeito a outra parte da questão, não desligo o celular quando vou ler. Porque não sinto necessidade, normalmente quando leio fico imersa, e por vezes tenho que colocar um alarme para que eu possa parar e ir fazer outra coisa. E como muitas vezes leio em intervalos do dia, meu celular me ajuda a não me atrasar para os meus compromissos, por isso não vejo necessidade em desligá-lo.

> **Ent. 21:**
> Percebi que o smartphone reduziu o tempo dedicado à literatura, o que ocorreu por uma falta de organização.
> Não desligo o smartphone para leitura, mas não mexo. Deixo ligado para caso alguém precise me contatar.
>
> **Ent. 27:**
> Como não utilizo o smartphone para leitura e **o desligo enquanto utilizo outros meios para tal**, ele não interferiu no meu tempo dedicado à leitura da literatura.
>
> **Ent. 29:**
> Meu tempo dedicado à leitura reduziu não em função do celular, mas de outras demandas do dia a dia, principalmente de família. Hoje leio menos do que gostaria, mas acho que o celular pode me ajudar a ampliar isso. Leio no celular, então não tenho como desligá-lo. Como em geral leio a noite, então não costumo ser incomodada enquanto leio.
>
> **Ent. 30:**
> Infelizmente, o Smartphone afeta muito negativamente a minha vida. Infelizmente, eu não posso me desfazer dele, pois é com ele que trabalho e é meu principal meio de contato com outras pessoas. Mas é inegável que ele traz consigo uma carga muito grande de "informações" inúteis (quando não falsas) e futilidades. Até mesmo a facilidade de comunicação e interação social é uma faca de 2 gumes: Da mesma forma que é fácil conversar com pessoas distantes, mesmo que eu as conheça pessoalmente, isso faz com que as conversas sejam mais banais e constantes, tomando MUITO tempo. **Às vezes, eu preciso trancar meu celular em uma gaveta para conseguir concluir um trabalho ou raciocínio**.
> Vez ou outra, consigo me forçar em situações em que eu esqueço o celular, e são momentos de maior sobriedade.
> Não tenho o hábito de desligar o celular para iniciar uma leitura... mas é uma boa ideia! Acho que vou passar a fazê-lo!

A **Ent. 2** ao relatar "houve muita mudança", admite que os meios digitais afetaram negativamente sua leitura, no entanto argumenta por meio do uso do procedimento do *situar*, indiciado pelo advérbio de tempo "sempre gostei de livros", ou seja, as duas frases se complementam proporcionando a percepção da existência do imaginário de perda com relação à cultura da leitura. Ela reforça que desliga o celular quando se propõe a ler algum livro. Observamos também que o campo semântico pelo qual transita algumas de suas elocuções estão concentradas no campo semântico do lazer, prazer e descanso a partir do qual ela demonstra enxergar a Literatura em sua vida: "consigo descansar"; "livro de cabeceira"; "fazer cruzadinhas"; preparar o ambiente" e "agradável".

O **Ent. 3** traz novamente o imaginário do controle com "uma necessidade de maior vigilância". Controle, "se policiar", "disciplina" são termos que habitam o mesmo campo semântico e relacionados à necessidade de manter a atenção em contraposição à dispersão que pode ser ocasionada pelas notificações e anúncios, que, no seu entendimento, estão "à mercê do algoritmo", que está no controle e direciona seus apelos comerciais desviando o foco do leitor.

Observamos que o **Ent. 4**, ao articular um ato elocutivo de opinião em seu enunciado "Acredito que não tenha", apesar de acreditar não ter reduzido o tempo dedicado à leitura, admite que a presença do celular lhe reduz a "concentração" e "atrapalha" nesta atividade. Ao descrever que "Tenho tentado deixar o celular longe de mim" evidencia-se um imaginário de luta/resistência contra algo que se impõe, ou seja, existe uma tentativa de superar a quase onipresença arbitrária de um dispositivo em sua vida, no entanto segundo o **Ent. 4**, "nem sempre isso é possível por demandas profissionais". Vimos também que o enunciador utiliza procedimentos de *nomeação* e de qualificação e mesmo verbos com sentido axiológico de palavras e expressões que estão vinculadas ao *campo semântico* do impedimento ou obstáculo, como "atrapalha", "diminui", "concentração", "profunda", "deixar", "longe", o que denota uma percepção do *smartphone*, às vezes, como uma barreira, algo a ser superado ou a se transpor para se chegar a um outro *lugar* no qual no íntimo se deseja estar.

Segundo a **Ent. 6** o *smartphone* ocupa boa parte do seu tempo, situação que justifica com o argumento de que utiliza o aparelho em muitas "tarefas" cotidianas, e esta é a razão pela qual tem dedicado pouco tempo à leitura. A **Ent. 6** argumenta com *ato elocutivo de constatação:* "De fato, não posso negar que o *smartphone* ocupa uma boa parte do meu tempo, até porque, muitas das tarefas que eu executo no dia a dia, acabam sendo realizadas através do *smartphone*." Alega também que não o desliga quando está lendo, em razão das questões profissionais, e que a presença do aparelho não acarreta em prejuízo à absorção do conteúdo do livro e de "tudo aquilo que de belo e interessante ele possa me oferecer". As questões profissionais reaparecem como uma das principais causas da interferência negativa do dispositivo para a leitura.

O imaginário da onipresença da tecnologia em todos os momentos e atividades da vida nos permite inferir que o aparelho se impõe a partir de um imaginário da necessidade de se estar sempre disponível aos acessos requeridos pelas atividades profissionais, o que acreditamos, se confirma em suas escolhas lexicais que estão vinculadas ao *campo semântico* do trabalho e sobrevivência: "ocupa"; "boa parte"; "tempo"; "tarefas"; "executo"; "preciso"; "dia a dia"; "realizadas"; "tempo dedicado"; "interessa" e "profissionalmente".

A **Ent. 11** mobiliza o imaginário da conexão com a história/conto/ficção quando lê, em contraposição à ideia de conectividade vinculada às tecnologias digitais. Ou seja, para se conectar à leitura da Literatura, ela precisa se desconectar do ambiente virtual para não ser interrompida. Ainda mobiliza um *ato elocutivo de obrigação*: "preciso sempre estar atenta para que eu consiga dedicar mais tempo ao que realmente me interessa."

As “mudanças comportamentais” enunciadas pelo **Ent. 12** podem denotar uma percepção de algo que não agrada em si, mas também uma incapacidade reativa a estes comportamentos em função do entendimento que transparece estar relacionado ao seu imaginário da “necessidade de estar sempre conectado”. Por outro lado, quando envolvido com leituras mais densas e que exijam concentração, argumenta: “deixo o *smartphone* longe do meu alcance”. Como vemos na conclusão de sua resposta, até mesmo para as leituras mais superficiais, ainda assim é necessário deixar o celular no “modo silencioso”.

Vemos a mesma percepção do **Ent. 12** na resposta da **Ent. 14** quando ela revela, a partir de um ato elocutivo de obrigação: “devemos ter atenção com relação ao uso abusivo desta tecnologia”, que, a seu ver, tem provocado “mudanças comportamentais nas pessoas de um modo geral”. Podemos observar mais uma vez a presença da modalidade do *ato elocutivo obrigação*, e dada a recorrência deste tipo de ato, podemos inferir que se revela uma expressão de um sentimento de dever interno, que aponta para uma coerção que o sujeito sente que precisa impor a si mesmo. Ou seja, demonstra que a imposição do uso da tecnologia, de certa forma, impõe-lhe também mais uma obrigação, a de ainda absorver algo mais para se atentar no cuidar de si. Ela ainda reforça esta ideia com *atos elocutivos na modalidade do querer*, que revelam um desejo íntimo do enunciador a se contrapor/reagir a mais deveres: “não gosto de ficar focada em ter que ver mensagens o tempo todo, tenho meus afazeres e o meu lazer que muitas vezes é leitura e música, não gosto de ser interrompida.”

Para a **Ent. 17**, a redução das leituras está relacionada ao “acesso mais frequente ao celular”. Uma estratégia reincidente: para “focar nas leituras desejadas” afirma deixar o aparelho celular longe do alcance de sua visão. Portanto podemos inferir também deste relato, um imaginário de que só com a distância e privação do contato visual com o *smartphone* é possível para a entrevistada se permitir desenvolver outra atividade. Ela reforça sua percepção com um ato *elocutivo de constatação*: “Sim, o número de leituras diminui quando mantenho o acesso mais frequente ao celular”. *Subjetivemas* e *nomeações* presentes em sua discursividade como: “consequências de vícios e manias”, denotam o uso de axiológicos com sentidos negativos para predicar o uso excessivo das redes sociais.

A **Ent. 21** afirma uma falta de organização no lidar com o uso do *smartphone* motivo pelo qual “reduziu o tempo dedicado à Literatura”. Ato *elocutivo na modalidade de constatação*, como no anterior, o EUe revela um fato observável em seu comportamento de leitura, no entanto, lembra, em seu enunciado, de que quando está lendo, não desliga o aparelho em função de uma eventual procura de algum de seus contatos.

Vemos, em vários depoimentos, que a presença do celular durante os momentos reservados para leitura, é uma constante. Salienta-se em várias outras respostas, assim como nesta do **Ent. 21**, a presença de um imaginário sobre a acessibilidade ou disponibilidade, que parece constituir necessidades imperativas no contexto de uma conectividade ininterrupta, análoga a uma espécie de ubiquidade virtual, um imaginário de que devemos estar sempre a postos ao contato por meio do *smartphone*. Aqui também temos a presença dos usos axiológicos no "por uma falta de organização", na busca de predicar no sentido negativo.

Voltamos ao começo da resposta quando o **Ent. 21** inicia seu relato com um *ato elocutivo de constatação*: "Percebi que o *smartphone* reduziu o tempo dedicado à literatura". Apresentamos esta constatação ao fim desta análise por entendermos que ela pode asseverar uma leitura sobre o fato de que ter o conhecimento de um condicionamento e a causa dele em nós, do que ao nosso ver pode ser negativo, ou seja, o distanciamento de uma atividade que já nos foi cara, necessariamente não nos levará a uma atitude de mudança em relação à nossa organização e consequente reaproximação, envolvimento e dedicação. Portanto, podemos inferir que, se só a consciência de certa dependência não será suficiente para arregimentarmos determinação para recuperar o nosso domínio, pode ser indício de um vício e de que não se deve negligenciar a causa.

A **Ent. 27** objetivamente diz que o *smartphone* é desligado quando dos momentos dedicados à leitura, e que, portanto, não interfere nessa atividade. Logicamente podemos inferir de seu enunciado que o aparelho desligado realmente não pode interferir no seu "tempo dedicado à leitura da literatura". Já a **Ent. 29** não atribui a redução do tempo dedicado à leitura ao uso do *smartphone* e sim às demandas familiares. Acredita que o celular pode até mesmo ser a alternativa para "ampliar" seus momentos de leitura, pois se utiliza do aparelho também para ler, portanto, não tem como desligá-lo.

Por fim o **Ent. 30** apresenta em sequência *atos elocutivos de apreciação negativa*: "Infelizmente, o *smartphone* afeta muito negativamente a minha vida. Infelizmente, eu não posso me desfazer dele". Demonstrando, algumas vezes, enfaticamente, lamentar a imperativa necessidade da presença do aparelho em seu dia a dia, e segue argumentando que é impossível prescindir deste dispositivo quando afirma: "é com ele que trabalho e é meu principal meio de contato com outras pessoas". No entanto ao longo de sua resposta, o **Ent. 30** nos permite identificar em seu discurso, imaginários sobre a carga e o fluxo de "informações inúteis", "futilidades" e banalidades que chegam por meio da constância das "interações sociais" que, a seu ver, são frequentes em razão das facilidades e acessibilidades possibilitadas por essa tecnologia, que acaba por absorver "MUITO" do seu tempo.

O entrevistado reforça seu enunciado com um *ato elocutivo* de obrigação que revela uma disposição interna, de ordem pragmática: "Às vezes, eu preciso trancar meu celular em uma gaveta para conseguir concluir um trabalho ou raciocínio." Este recorte da narrativa nos proporciona inferir, mais uma vez, sobre o efeito da onipresença, da ubiquidade virtual na vida dos sujeitos, no cotidiano, e também de impotência de um usuário que se vê submetido às 'arbitrariedades' que, na verdade, se apresentaram inicialmente dissimuladas em possibilidades e facilidades, oferecidas por uma poderosa e dominadora tecnologia, que é o *seu smartphone*, do qual agora, só consegue se defender trancando-o ou esquecendo-o, que é quando percebe que reconquista em si "momentos de maior sobriedade". Vemos ainda na resposta do **Ent. 30**, a discursivização das emoções disfóricas em relação ao uso das "NTICs", aqui, com o emprego do advérbio "Infelizmente", que aparece mais de uma vez e também o encontramos em outros de seus enunciados em respostas às perguntas que propomos no questionário.

Merece destaque a presença de uma antítese evidente, não só nesta resposta como em outras: diante de um equipamento de comunicação e informacional, uma tecnologia extremamente evoluída e poderosa, o que em tese sugere ser essencialmente utilitária em todos os sentidos, os enunciadores confessam que para que consigam desenvolver trabalhos que exijam concentração e raciocínio, o dispositivo deve ser "desligado" ou "trancado" como vimos.

Como podemos verificar, palavras como *distância* e *privação*, somam-se a outras que vimos em alguns depoimentos como *policiar*, *disciplinar* que ocupam o mesmo *campo semântico* relacionado ao controle, que é um dos meios para se conter a "falta de organização" "vícios", "manias" e "automatizações", até que se encontre o equilíbrio. Ainda encontramos "lembro"; "nostalgia" e "saudosismo" do *campo semântico* relacionado ao antigo, ao velho, ao passado ou ao ultrapassado que, neste contexto, pode buscar nas representações sociais os estigmas que darão origem ao Imaginário de resistência à evolução tecnológica.

4.1.7. Imaginário dos impactos do uso dos *smartphones* no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura

Enfim chegamos ao que nos inspirou pensar um projeto de pesquisa, qualificá-lo e desenvolvê-lo, a pergunta que não se calava em nós: quais são os impactos do uso dos *smartphones* no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura? Intuitivamente, a resposta já estava e está dentro de nós, no entanto a função da pesquisa é justamente investigar nossas inquietações, questões e intuições que imaginamos como verdade, constatá-las ou não, do contrário estaríamos indo por um caminho em direção aos "mitos" que alimentam o

negacionismo, mentira e a virtual pós-verdade, vigentes e tão inacreditavelmente onipresentes na realidade contemporânea do século XXI.

Se fôssemos por esse caminho, estaríamos contrariando tudo aquilo que acreditamos que é o pensamento crítico, aquele que nos leva aos estudos em busca do conhecimento e tendo como referenciais os Imaginários, o que a princípio pode parecer paradoxal, mas antes de nos jogar no calabouço clássico da ("loucura da lógica") (Charaudeau, 2017), sugerimos procurar entender o que os Imaginários sociodiscursivos das entrevistadas e entrevistados nos disseram. Nós encontramos 25 respostas a confirmar nossa intuição. Vamos a algumas:

> **Ent. 5:**
> Os aparelhos tecnológicos são bem construídos e garantem boas vantagens para quem sabe usar, a tecnologia como um todo facilita algum ponto em nossas vidas, assim como foi a prensa de Gutemberg, que popularizou os livros no século XV, o smartphone é uma tecnologia que quando bem utilizada é benéfica, consigo trabalhar, estudar, conversar e até fazer chamadas de vídeo com pessoas a km de distância. O ponto é como se faz o uso da tecnologia, talvez tenhamos desenvolvido a tecnologia mais rápido do que desenvolvemos nosso intelecto para a utilizar, pois como disse, a tecnologia vem para facilitar ações que temos durante o dia a dia, na minha percepção, o maior problema é que as pessoas se tornaram preguiçosas com o smartphones em suas mãos. Dando o exemplo da leitura, as redes sociais e os meios de interação social deixaram as pessoas mal acostumadas, pois como tudo é muito dinâmico e rápido na internet, dá aquela falsa sensação que ler um livro "demora" muito e é um tempo perdido.
>
> **Ent. 8:**
> Sou muito crítica em relação ao uso exagerado de smartphone. Leio crônicas e artigos, mas acredito que, no geral, as pessoas perdem muito tempo recebendo/enviando mensagens. Minha opinião é que esse uso exagerado impacta negativamente na leitura de literatura e de outras atividades tanto profissionais quanto sociais.
>
> **Ent. 15:**
> Eu uso bastante, acaba que interfere às vezes positivamente, outras vezes, negativamente. Acabo, por vezes ficando muito tempo no celular, quando poderia estar lendo um livro, e no meio desse ano fiquei mal acostumada lendo notícias curtas e ouvindo mais notícias e reportagens através de podcasts, então diminui minha leitura durante uns 3 meses. No entanto, por outro lado, vire mexe aparecem sugestões de livros, vejo vídeo de pessoas lendo e falando de livros no Instagram, o que me inspira a ler.
>
> **Ent. 24:**
> Acho que o smartphone afeta negativamente toda a minha vida. Uso por imposição do trabalho, para ter acesso aos informes via whatsapp e não gosto de ficar disponível o tempo todo, tampouco ser rastreado e monitorado. No mais tento viver permitindo que o celular me afete o mínimo possível, preferindo a leitura, e, mais recentemente, o esporte do que a tela do celular.
> Mas no geral, a nível de sociedade, quem lê continua lendo, quem não lê continua não lendo. O smartphone foi um desastre para a humanidade, mas a culpa ao meu ver é do usuário, não da máquina. E do sistema também. O

> capitalismo me tornou um tecnófobo ranzinza, pois ao invés de ajudar o ser humano, a tecnologia digital está sendo utilizada para nos substituir e explorar.
>
> **Ent. 30:**
> Utilizo o smartphone no trabalho e para comunicações interpessoais. Mas no geral, consumo muita informação inútil, o que afeta NEGATIVAMENTE a minha prática literária. Muito negativamente. O smartphone me fornece uma carga alta de futilidades, distrações, propagandas indesejadas e vícios que, ao final do dia, percebo que só me levou à procrastinação. Quando vejo todo o tempo que perco com futilidades no celular, percebo que esse tempo combinado seria, talvez, mais do que o suficiente para eu restabelecer o habito da leitura.
> Inclusive, comecei a, aos poucos, trocar os momentos de "descanso" com o celular por algumas poucas páginas de um livro. De pouco em pouco, consegui terminar 3 livros no espaço de 1 ano (2 no ano passado, e um agora no início de 2023). É muito pouco, se pensar que isso era o que eu lia em um mês (as vezes, em uma ou duas semanas) mas é um grande avanço, se pensar que nos 5 anos antes eu talvez não tenha lido nenhum.

No discurso do **Ent. 5**, surgem, em seus enunciados, o imaginário sobre praticidade e acessibilidade e os inúmeros benefícios proporcionados pelo *smartphone*, como sinaliza, por exemplo, o seguinte *ato elocutivo de apreciação favorável*: "é uma tecnologia que quando bem utilizada é benéfica, consigo trabalhar, estudar, conversar e até fazer chamadas de vídeo com pessoas a km de distância". Reproduzimos aqui trecho em que ele mobiliza *atos elocutivos de apreciação favorável*, por meio dos quais, enumera as vantagens dos aparelhos: "Os aparelhos tecnológicos são bem construídos e garantem boas vantagens para quem sabe usar, a tecnologia como um todo facilita algum ponto em nossas vidas, assim como foi a prensa de Gutemberg, que popularizou os livros no século XV, o *smartphone* é uma tecnologia que quando bem utilizada é benéfica, consigo trabalhar, estudar, conversar e até fazer chamadas de vídeo com pessoas a km de distância."

Mas por outro lado, o **Ent. 5**, por meio de um *ato elocutivo de opinião negativa*, indicia um imaginário sobre o mal uso da tecnologia como causa dos problemas que emergiram a partir de sua larga utilização por milhões de pessoas independente da capacidade intelectual. O imaginário sobre a incapacidade do desenvolvimento intelectual que parece ter sido formado a partir de uma possível causa das inúmeras facilidades proporcionadas pela tecnologia: "na minha percepção, o maior problema é que as pessoas se tornaram preguiçosas". É o que também podemos observar neste trecho de seu enunciado: "talvez tenhamos desenvolvido a tecnologia mais rápido do que desenvolvemos nosso intelecto para a utilizar".

O **Ent. 5**, ainda ressalta que, possivelmente, a dinâmica e aceleração proporcionadas pela internet, redes sociais e tecnologias digitais são a causa de uma sensação ou imaginário de "tempo perdido", quando se refere àquele dedicado à leitura da Literatura. De seu discurso também depreende-se o imaginário do vício em relação ao uso das redes

sociais, quando em seu enunciado, ele nos traz sua interpretação: “Dando o exemplo da leitura, as redes sociais e os meios de interação social deixaram as pessoas mal acostumadas”.

A **Ent. 8**, não traz em seu depoimento a palavra *equilíbrio*, mas por outro lado deixa evidenciar, em sua narrativa, aquilo que se opõe à ideia de autocontrole ou comedimento. Portanto acredita que o *smartphone* tem uma influência negativa não só na cultura da leitura da Literatura como também em outras atividades da vida. A entrevistada também deixa transparecer a presença do imaginário do desperdício de tempo relacionado ao desvio ou ao uso do equipamento.

No enunciado da **Ent. 15**, vemos a repetição do imaginário do excesso em relação ao uso das NTICs: “Eu uso bastante”; “ficando muito tempo” e como consequência “fiquei mal acostumada”. Tudo isso reforça um imaginário que produz sentidos negativos quanto ao uso dos *smartphones*, pois refletiu em redução dos momentos dedicados à leitura da Literatura. Podemos observar certa sintonia com o que disse o **Ent. 5**, quando ela traz a elocução “fiquei mal acostumada”.

No entanto ela enuncia elocuções que constroem sentidos positivos para o uso dos *smartphones*, pois segundo ela, por meio do aparelho, além de ficar lendo “notícias curtas e ouvindo notícias e reportagens através de podcasts” ela também recebe “sugestões de livros” por meio do Instagram, o que lhe inspira a leitura, e este argumento nos permite inferir um desejo de atenuar ou relativizar, em sua consciência, a percepção dos efeitos negativos do uso excessivo da tecnologia em sua vida, e neste caso, mais especificamente, na leitura que ela admite que diminuiu “durante uns 3 meses”, consequência que ela atribuiu ao excesso do uso do *smartphone*.

O **Ent. 24** é contundente ao produzir o ato elocutivo de apreciação negativa: “o *smartphone* afeta negativamente toda a minha vida”. O imaginário de imposição associado ao trabalho e acesso à informação, o imaginário daperda de privacidade, associamos ao não querer “ficar disponível o tempo todo”, “tampouco serrastreado e monitorado”.

O imaginário negativo sobre a influência do celular reaparece no enunciado do trecho “tento viver permitindo que o celular me afete o mínimo possível”. No entanto ele não acredita que o dispositivo influencia negativamente a leitura, pois para ele “quem lê continua lendo, quem não lê continua não lendo”, mas, logo à frente, produz um *ato delocutivo de avaliação negativa* que parece ser enunciado de forma enfática e peremptória de que “O *smartphone* foi um desastre para a humanidade”, pois entende ele que “ao invés de ajudar o ser humano, a tecnologia digital está sendo utilizada para nos substituir e explorar”. Temos mais uma vez, a presença do “imaginário de perda” associado à tecnologia digital.

Para o **Ent. 30**, a temática associada às relações interpessoais como demandas que exigem o uso do *smartphone* reaparece. O **Ent. 30,** alega que, em razão de consumir "muita informação inútil" os efeitos negativos do *smartphone* na sua "prática literária" são evidentes, e são demonstrados em seus enunciados, o que se pode observar com o ato elocutivo de apreciação desfavorável em relação ao uso dos aparelhos: "Mas no geral, consumo muita informação inútil, o que afeta NEGATIVAMENTE a minha prática literária. Muito negativamente."

Podemos inferir sobre o que enunciou o **Ent. 30**, até mesmo pela forma como ele escolheu grafar "NEGATIVAMENTE", ou seja, em letras maiúsculas, e ainda reiterando na sequência com o advérbio de quantidade "Muito" denotando querer dar mais ênfase na repetição de "negativamente", que pretendeu intensificar a presença em seu discurso do imaginário de rejeição intransigente ao celular.

O **Ent. 30**, agora descarta a utilização do celular em seus "momentos de descanso", tempo esse que agora vem reservando para a leitura. De um modo geral, atribui a causa dos 5 anos que ficou sem ler ao uso excessivo do *smartphone*. No entanto, segundo ele, há, aproximadamente 1 ano, voltou aos poucos a ler, e ficou mais atento ao uso adequado do aparelho. Com um *ato elocutivo de apreciação desfavorável* em relação à interferência dos aparelhos na sua cultura da leitura, argumenta: "É muito pouco, se pensar que isso era o que eu lia em um mês (as vezes, em uma ou duas semanas) mas é um grande avanço, se pensar que nos 5 anos antes eu talvez não tenha lido nenhum".

Fica claro, em todo seu extenso depoimento, a presença do imaginário negativo sobre a presença do dispositivo eletrônico em sua vida, pois a procrastinação se tornou também uma cultura sistêmica, a que ele atribui a responsabilidade por seu afastamento da leitura da Literatura.

Apresentamos a seguir alguns recortes que demonstram como se deu a *estratégia discursiva* dos entrevistados. A princípio o **Ent. 5,** apresenta uma modalização discursiva vinculada à retórica e pragmática. Usa para isso várias *modalizações elocutivas* procurando externar *avaliações axiológicas positivas* sobre a presença do *smartphone*, não só em relação à Literatura, mas abrangendo a sua vida como um todo, é o que indicam as seguintes predicações:

"são <u>bem</u> construídos"; "garantem <u>boas</u> vantagens";

"quem <u>sabe</u> usar"; "<u>facilita</u> algum ponto em nossas vidas";

"quando <u>bem</u> utilizada"; "é <u>benéfica</u>"; "consigo" e "vem para <u>facilitar</u>".

Agora apresentamos as avaliações negativas por meio das quais o **Ent. 5** elenca os fatores negativos da onipresença dos *smartphones* com *asserções* pelas quais atribui ao usuário

os problemas relacionados ao uso da tecnologia: “o maior problema é que as pessoas se tornam preguiçosas”; “O ponto é como se faz o uso da tecnologia”; “talvez”; “desenvolvido a tecnologia evolui mais rápido do que desenvolvemos nosso intelecto”; “as redes sociais e os meios de interação social deixaram as pessoas mal acostumadas”; “tudo é muito dinâmico na internet”; “dá aquela sensação que ler um livro ‘demora’ muito e é um tempo perdido”.

Já a **Ent. 8** nos deixa perceber nomeações e qualificações tais como alguns *subjetivemas* que indiciam sua consciência sobre o uso equivocado das tecnologias digitais, quando em sua narrativa utiliza atos de nomear/qualificar tais como: “Exagerado”; “influência”; “negativa”; “Excesso”; “fiquei mal acostumada”. Já quando produz o enunciado “Eu uso bastante”, a enunciadora mobiliza também procedimentos de *situar* a fim de avaliar negativamente o uso do aparelho como em: “ficando muito tempo”.

Concluídas as análises, constatamos que uma lógica se evidenciou: poderíamos separar os sete Imaginários em dois glossários, cada um com um grupo distinto (que nomeamos de forma objetiva como **Grupo 1** e **Grupo 2**) a partir da leitura e identificação do campo semântico característico em cada um.

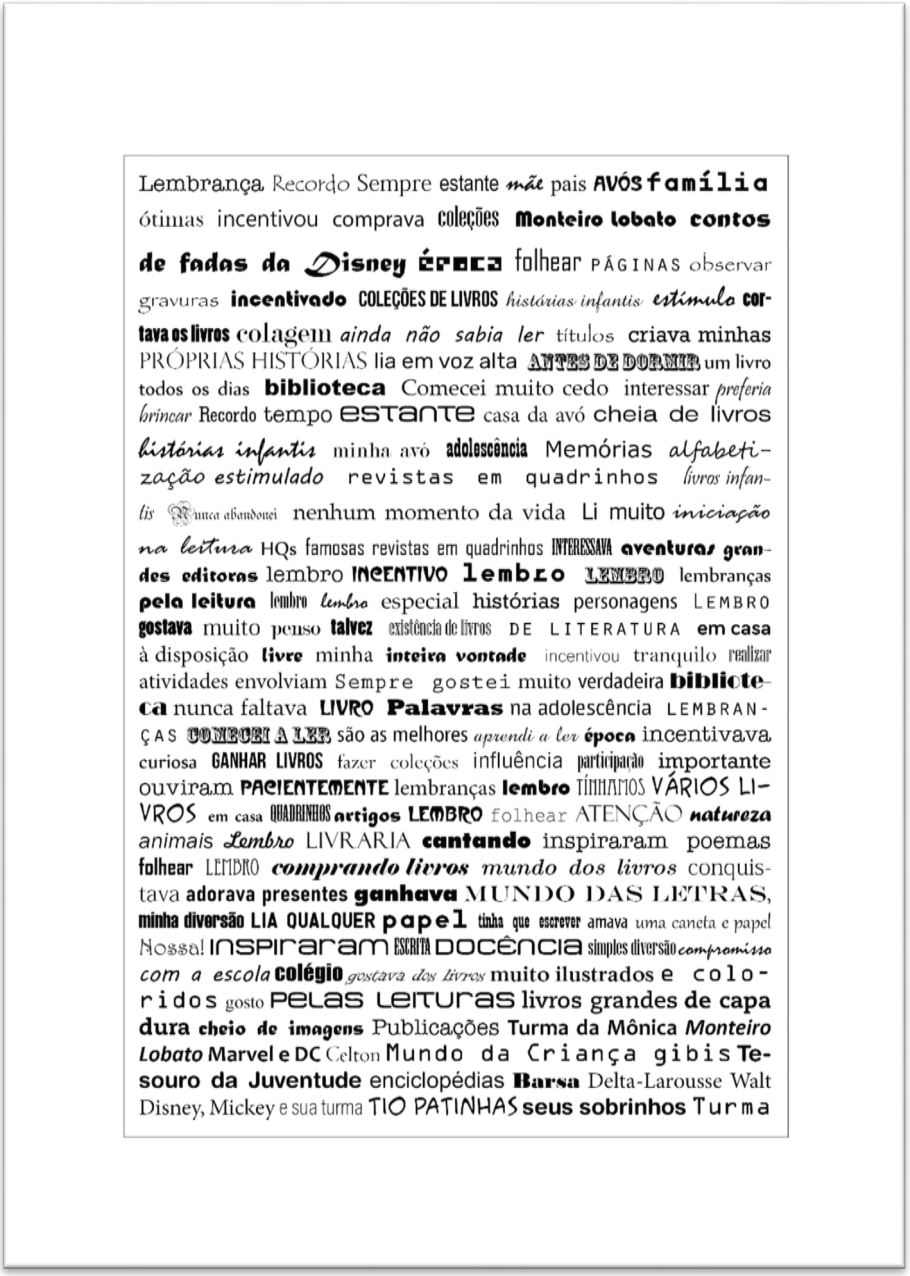
O **Grupo 1** envolve os quatro primeiros: Imaginário dos pais e/ou de outros familiares; Imaginário da leitura prazerosa; Imaginário da leitura coletiva e o Imaginário dos sentidos e afetos. O **Grupo 2** envolve os três últimos: Imaginário negativo de explícita rejeição à leitura em meios eletrônicos; Imaginário da ubiquidade virtual e o Imaginário dos impactos do uso dos *smartphones* na vida, no cotidiano.

Foram as leituras das marcas linguísticas e a discursivização que nos propiciaram esse entendimento e separação, pois, nos relatos, havia índices e marcas discursivas evidentes que diferenciavam a discursividade em tempos/momentos/épocas diferentes. Lembrando que esta foi uma separação proposta por nós para demonstrar, inicialmente, as características linguísticas, mas a partir dessa identificação, foi possível fazer algumas inferências, e visualizar o que conceitualizamos como um encontro entre o semiótico e o linguístico.

Apresentamos, a seguir, as *palavras*, *expressões*, *dêiticos*, *elocuções*, *sintagmas*, *subjetivemas*, *escolhas lexicais* e *períodos* mais marcantes e presentes no *campo semântico* a sugerir os Imaginários que relatamos em nossa dissertação.

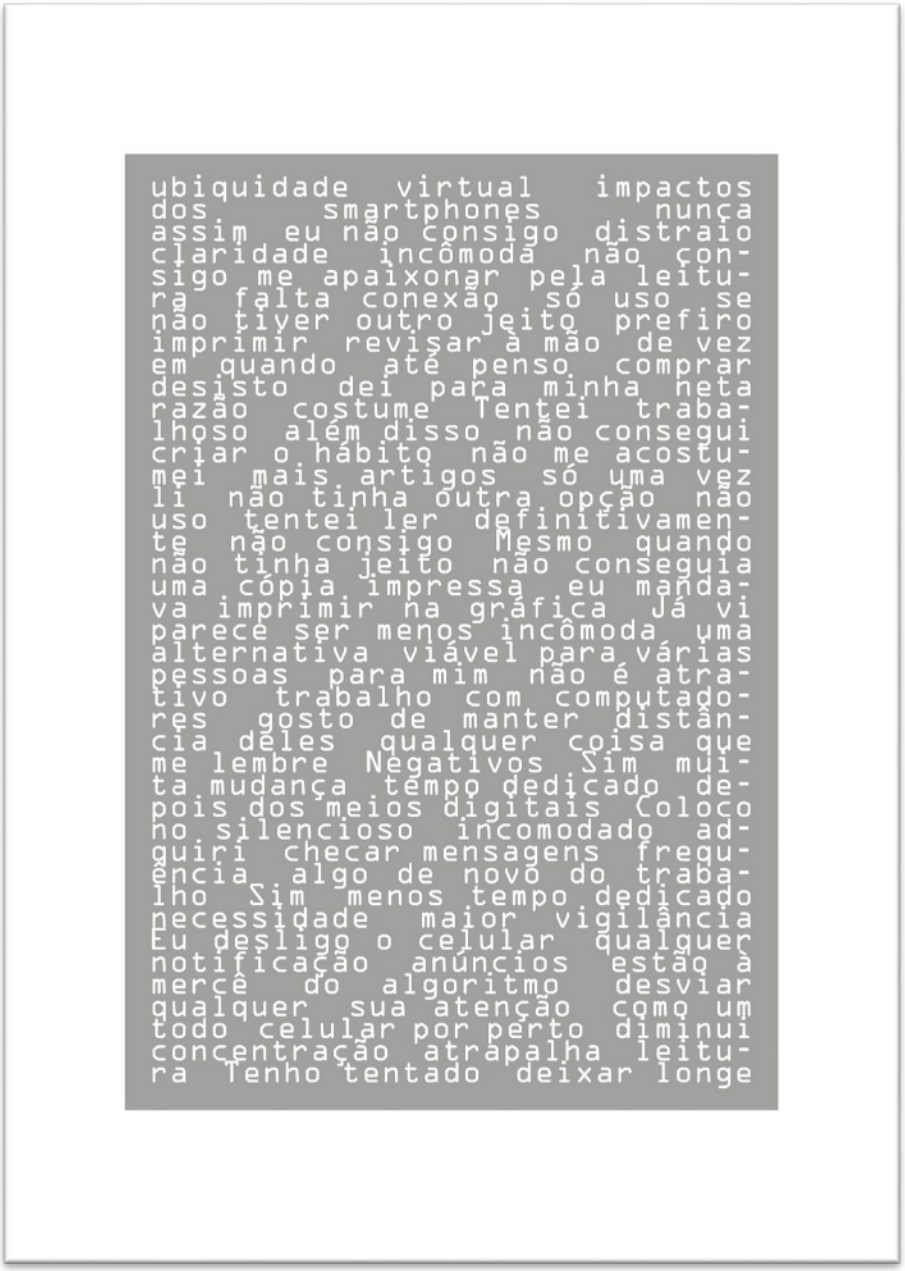
Lembramos que muitas palavras e expressões se repetirão para demonstrar um pouco da reincidência, ou mesmo insistência delas, às vezes, na mesma narrativa. Então temos um pequeno glossário de nossa pesquisa que segue. A análise dos dados revelou a recorrência de termos e expressões que, ao serem agrupados, formam os glossários dos imaginários identificados, refletindo as percepções dos entrevistados.

Grupo 1



O que está semanticamente em questão, nessas representações coletivas, não nos foi fornecido por um saber absoluto, fixado definitivamente em um dicionário. Não, esse saber nos foi dado pelo fato de pertencermos a uma determinada comunidade social e partilharmos com seus membros experiências dos mais variados tipos (física, intelectual, afetiva, etc.). (Charaudeau, 2019, p. 29).

Grupo 2


ubiquidade virtual impactos
dos smartphones nunca
assim eu não consigo distraio
claridade incômoda não con-
sigo me apaixonar pela leitu-
ra falta conexão só uso se
não tiver outro jeito prefiro
imprimir revisar à mão de vez
em quando até penso comprar
desisto dei para minha neta
razão costume Tentei traba-
lhoso além disso não consegui
criar o hábito não me acostu-
mei mais artigos só uma vez
li não tinha outra opção não
uso tentei ler definitivamen-
te não consigo Mesmo quando
não tinha jeito não conseguia
uma cópia impressa eu manda-
va imprimir na gráfica Já vi
parece ser menos incômoda uma
alternativa viável para várias
pessoas para mim não é atra-
tivo trabalho com computado-
res gosto de manter distân-
cia deles qualquer coisa que
me lembre Negativos Sim mui-
ta mudança tempo dedicado de-
pois dos meios digitais Coloco
no silencioso incomodado ad-
quiri checar mensagens frequ-
ência algo de novo do traba-
lho Sim menos tempo dedicado
necessidade maior vigilância
Eu desligo o celular qualquer
notificação anúncios estão à
mercê do algoritmo desviar
qualquer sua atenção como um
todo celular por perto diminui
concentração atrapalha leitu-
ra Tenho tentado deixar longe

Entendemos que o volume e a repetição evidenciaram a diferença das escolhas *lexicais* em função do tema. A nosso ver, ficou muito clara a presença de um grande muro imaginário a separar grupos inequívocos de sentimentos: “desejo, necessidade, vontade”. Mas entendemos que cada um(a) ao ler talvez enxergue ou sinta outros muros a separar dois tempos dentro de si, o antes e o depois.

Em nosso *corpus*, outros imaginários – na verdade vários – podem ser inferidos, contudo, devido aos objetivos desta pesquisa, vamos deixar como sugestão para trabalhos futuros, talvez, a continuidade de exploração das entrevistas que fizemos.

Como defendemos na Introdução, agora fundamentados, a partir do que analisamos e verificamos nas respostas ao questionário/entrevista, podemos confirmar nossa intuição e reafirmar nossa visão sobre a necessidade de que haja maior investimento no Letramento Digital, além disso, os imaginários acerca da onipresença do uso dos *smartphones* na sociedade, nos motivaram a tentar levantar algumas problematizações acerca do impacto desta ubiquidade tecnológica não só na cultura da Leitura da Literatura, mas principalmente nos modos de vida. Com o cartoon a seguir, procuramos nos utilizar de uma linguagem lúdica que acreditamos talvez contribua para ilustrar algumas de nossas reflexões.

(*Folha*, 28 de janeiro de 2025)

Poderíamos dizer que a conclusão desta pesquisa está evidente no transcorrer da leitura dos escritos das entrevistadas e entrevistados, dos sujeitos, e de nossas interpretações dos Imaginários sociodiscursivos que emergiram de seus enunciados, em todo Capítulo 4, no entanto, procuraremos a seguir, nas próximas páginas, apresentar alguns dados e ainda algumas reflexões, considerações finais na Conclusão e Apêndices, que acreditamos poderão inspirar outras reflexões e talvez novas pesquisas.

REFLEXÕES SOBRE A ERA DIGITAL E SEU IMPACTO SOBRE A SOCIEDADE

Com estas reflexões procuramos situar o leitor sobre em que contexto ou ambiente social, e as razões pelas quais abordarmos o tema Literatura, visto que esta disciplina certamente já foi abordada amplamente em inúmeras teses, dissertações e estudos no âmbito cultural e acadêmico, no entanto entendemos que nossa abordagem traz uma característica de transversalidade disciplinar, talvez *sui generis*, possivelmente ainda pouco considerada.

Nossa pesquisa está circunscrita no que vem se convencionando classificar como ecossistema digital, em um novo mundo, uma nova era regida por algoritmos e marcada por interações sistêmicas, aplicativos, canais digitais, *blogs*, redes sociais, *influencers*, "Inteligência" Artificial, dispositivos móveis (*smartphones*).

Sim, esta é a Era Digital. Por termos poucos conhecimentos para tratarmos dessa temática – tão recente – com profundidade, procuramos em autores como Maryanne Wolf, Patrick Charaudeau, Byung-Chul Han, Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau, Eric Schmidt, Jared Cohen subsídios que nos proporcionassem argumentos e substância, para podermos abordá-la, ainda que de forma incipiente, mas lúdica e analógica numa relação com o ser humano e o planeta.

Não nasceu de uma explosão este *novo planeta* – é como vemos a internet –, mas assim como a Terra em seus primórdios, é um ambiente que, às vezes, pode ser inóspito e desafiador, mas também onde podemos nos deparar com maravilhas e grandes descobertas, perigos e possibilidades ainda não totalmente conhecidas.

Portanto, temos muito o que pesquisar e investigar, para, neste ambiente virtual, podermos conscientes *navegar*, conhecer, *mergulhar* e principalmente, desenvolver e estar atentos aos sinais do nosso senso crítico para sabermos quando deveremos *emergir*, voltar para a superfície do ambiente real, pois de forma análoga, assim como numa floresta como a amazônica, na *Era Digital* ambientada na Internet, se podemos descobrir inúmeras possibilidades e riquezas, também é possível nos perder... deslumbrados; podemos não enxergar abismos e descaminhos dissimulados em contos, cantos, sons, cores... belezas superficiais; podemos encontrar 'frutos saborosos' ou potencialmente 'venenosos'... no espaço virtual, como, por exemplo, as populares *fake news*.

Vale observar que se nos utilizamos de analogias e metáforas é por entendermos ser coerente com o que nos propusemos debater aqui (Literatura na *Era Digital*), afinal entendemos, acreditamos e nos convencemos a partir do que lemos no capítulo do livro de Maryanne Wolf "Empatia: 'transportar-se' à perspectiva dos outros" que a Literatura é também uma forma de analogia. No capítulo *"Os processos analíticos da leitura profunda"* Wolf, traz

a seguinte citação de *Douglas Hofstadter* e *Emmanuel Sander* na qual sustentamos nosso entendimento: "Sem conceitos não pode haver pensamento, e sem analogias não pode haver conceitos [...] a analogia é o combustível e a chama do pensamento" (Wolf, p. 72, 2019).

Conectado com a memória para não se perder na conexão

Pensamos que com o surgimento deste *mundo novo* chamado internet, há pouco mais 54 anos, ainda de forma incipiente, mas seminal, em 29 de outubro de 1969, quando ocorreu a primeira conexão, primeiro envio de e-mail, e por conseguinte, sua evolução proporcionando inimagináveis possibilidades de recursos tecnológicos disponibilizados gradualmente no limiar do século 21, deu-se uma verdadeira e silenciosa revolução. Afinal estas inacreditáveis tecnologias foram ocupando espaço no *universo* e na vida das pessoas, e progressivamente foi se convertendo em um mundo paralelo ou *mundo novo*.

Com conexões acessíveis, a grande parte da sociedade, por meio dos incríveis dispositivos digitais e das redes de celulares (computadores pessoais, *notebooks,* celulares, *ipads*, *smartphones*, 4G e 5G), muitos mergulharam deslumbrados no *mundo novo*, e parecem não querer ou mesmo conseguir mais emergir, respirar, pensar e retomar a consciência.

Inicialmente, acreditou-se ou procuraram fazer crer que poderíamos democratizar os modos de comunicar e interagir, premissa requerida para constituição da autonomia cidadã, promessa que verificamos em trecho do livro *A Nova Era Digital* (2013), de autoria dos entusiastas das tecnologias digitais que são Eric Schmidt e Jared Cohen – à época, respectivamente presidente executivo e diretor do *Google* –, momento no qual manifestavam efusivo encantamento com um mundo do futuro vislumbrado no conceito do *fast* ou do popular *pra já* – síntese e essência da frenética aceleração digital –, este *mundo novo*, como poderemos verificar no discurso explícito e simplificador do recorte a seguir:

> Esse é o nosso futuro, e essas maravilhas já começam a tomar forma. [...] Tecnologias de comunicação oferecem oportunidades de rupturas culturais e técnicas. O modo como interagimos e vemos a nós mesmos continuará sendo influenciado e conduzido pelo mundo *on-line* ao nosso redor. Nossa propensão para a memória seletiva nos permite adotar depressa novos hábitos e esquecer a maneira como fazíamos as coisas antes. Hoje em dia, é difícil imaginar uma vida sem equipamentos móveis. Numa época em que *smartphones* são onipresentes, você tem um seguro contra esquecimentos, acesso a todo um universo de ideias (**embora alguns governos criem dificuldades**), e também pode manter a mente sempre ocupada, embora encontrar um modo de fazer isso de forma útil ainda seja difícil e, em alguns casos, dificílimo. O *smartphone* [telefone inteligente] tem um nome adequadíssimo (grifos e destaques nossos). (Schmidt, Cohen, p. 13, 2013).

Agora, nesta dissertação concluída em 2024, ou seja, onze anos depois da publicação do livro *A Nova Era Digital*, vale resgatar alguns pontos para uma reflexão

fundamentada na realidade e desvinculada de dogmas e maniqueísmos. Ressaltamos que nos dois próximos parágrafos traremos entre aspas as premissas do futuro imaginado por Schmidt e Cohen.

Destacamos que no parágrafo anterior usamos aspas não em um sentido que poderia pretender sugerir uma conotação de ironia, e sim por identificarmos as marcas da semiolinguística na forma da construção *pathêmica* que, ao nosso ver, não são aleatórias ou involuntárias. Em Patrick Charaudeau, encontramos respaldo a nos sinalizar que o texto de Schmidt e Cohen está "sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação" (Charaudeau, 2007, p. 13), afinal tratavam-se, como já destacamos anteriormente, do presidente executivo e do diretor do *Google.*

A eloquência dos autores Schmidt e Cohen em 2013, nos apresentava ao "nosso futuro" maravilhoso, proporcionado por um aparelho que caberia em nossas mãos ou no bolso, enaltecendo como suporte indiscutível da verdade e somente de virtudes, dispositivo que traria a chave definitiva para acesso à liberdade de expressão, autonomia e inúmeros benefícios, pressupostos que hoje entendemos, na realidade, não se confirmam e até mesmo suscitam, ao menos, questionamentos, polêmicas, controvérsias e debates nos meios científicos entre pensadores, pesquisadores, educadores, e mobiliza a discussão entre autoridades políticas, judiciário e a sociedade.

Exemplificamos aqui indicando matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* em 6 de junho de 2024, que traz o título: "Movimento de mães defende que crianças e adolescentes não tenham celular antes dos 14 anos" (*Folha on-line*, 6, 2024). A proposta vem do *Movimento Desconecta*[15], que surgiu em São Paulo inspirado no *Wait Until 8th* nos Estados Unidos, e agrega 50 mil famílias, e no *Smartphone Free Childhood* na Inglaterra que envolve mais de 60 mil famílias.

Entre as motivações para tais iniciativas está a crescente percepção em crianças, adolescentes e jovens de dificuldades na concentração, aprendizagem e socialização que podem ser a causa de distúrbios emocionais e mentais como ansiedade e depressão. Outra motivação citada refere-se ao evidente prejuízo no rendimento dos estudantes, destacado pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que, desde 2012, avalia a Educação em mais de 80 países. Portanto, acreditamos que não seria uma avaliação leviana relacionar tal queda no desenvolvimento educacional ao período em que se inicia a disseminação da utilização dos *smartphones* no cotidiano e nas escolas.

---

(15) Uma iniciativa pela redução, controle e adiamento do acesso a *smartphones* e redes sociais pelos nossos filhos. Fonte: movimentodesconecta.com.br.

Ideias e medidas semelhantes às citadas no parágrafo anterior já foram propostas ou adotadas em países desenvolvidos como, por exemplo a Suécia, que, a partir de 2015, implementou um plano de digitalização total das escolas, no entanto, recentemente, recuou após identificar prejuízos para a leitura e compreensão de textos como vimos em matéria do portal *Instituto Humanitas Unisinos*: "O país, o nono no relatório do PIRLS[16] com melhor compreensão de leitura, alerta para o risco de criar uma geração de 'analfabetos funcionais' (Humanitas, junho de 2023). Vale observar um pouco mais do que relata Lotta Edholm Ministra da Educação Sueca:

> Para ela, a digitalização foi "um experimento" e expressou seu desconforto com a "atitude acrítica que considera a digitalização como algo positivo, independentemente do conteúdo". [...] *Edholm* culpa as telas pelo declínio do nível de compreensão de leitura entre meninos e meninas suecos registrado no relatório PIRLS, e isso apesar de a Suécia, com seus 544 pontos, estar acima da média europeia, localizada em 528 pontos. [...] A ministra, preocupada com a queda alertou para o risco de criar uma "geração de analfabetos funcionais" e defendeu a necessidade de tomar medidas para aumentar os níveis de compreensão da leitura. (Humanitas, junho de 2023).

Em verdade, tendemos a crer que aquilo que foi vislumbrado ou decantado em 2013 por *Schmidt* e *Cohen* como autonomia, pode ter se convertido para muitos usuários, em submissão, descrita assim pelo filósofo Byung-Chul Han:

> Cada dominação tem seus próprios objetos devocionais. O teólogo *Ernst Troeltsch* fala dos "objetos devocionais que capturam a imaginação popular". Eles estabilizam a dominação, habituando-a e ancorando-a no corpo. Devoto significa submisso. O *smartphone* se estabelece como o objeto devocional do regime neoliberal" (Han, 2022, p. 51).

Retomando ainda o excerto do texto de Schmidt e Cohen, recortamos expressões, adjetivos e trechos – sempre entre aspas – para prosseguir com a análise das marcas *pathêmicas* no discurso dos autores, evidenciadas no reiterado empenho para persuadir o leitor.

No entanto, procurando nos ater ao essencial equilíbrio, fundamental para análise e pesquisa, admitimos que sim, hoje podemos verificar que as "maravilhas", em parte, se confirmaram, pois pensamos que, de fato, ocorreram algumas "rupturas culturais", diríamos, muitas para o bem, mas por outro lado, sem querer alimentar a dicotomia analógico/digital, refutamos a conotação generalizante dos argumentos eloquentes dos entusiastas da *Era Digital*, contra-argumentando que muitas mudanças interferiram negativamente, como podemos observar em partes das narrativas analisadas nesta dissertação; além disso, houve mudanças que

---

(16) O Estudo Internacional de Progresso em Leitura (PIRLS), tradução de *Progress in International Reading Literacy Study*, é uma iniciativa realizada a cada cinco anos *pela International Association for the Evaluation of Educational Achievement (IEA)*, cooperativa internacional de instituições nacionais de pesquisa, acadêmicos e analistas que trabalham para avaliar, entender e melhorar a educação em todo o mundo. Fonte: INEP - gov.br.

promoveram verdadeiras rupturas sociais e afetivas, em muitos casos, em razão do distanciamento do convívio físico, estabelecidas a partir da imposição, aceleração e superexposição digital, acarretando assim em distúrbios de ordem emocional, mental e comportamental, já identificados em inúmeros estudos.

A afirmação de Eric Schmidt e de Jared Cohen de que "Para alguns, a representatividade digital será a primeira experiência de poder em suas vidas, permitindo que eles sejam ouvidos, notados e levados a sério – e tudo graças a um aparelho que cabe no bolso", (Schmidt, Cohen, 2013), de alguma forma, confirmou-se ao longo da década que se seguiu, e segue, contudo demonstrando claramente que o conceito de "poder" pode ter sido deturpado pelos autores, e converteu-se em um *mito* as ideias de que cidadãos seriam "ouvidos, notados e levados a sério".

Entendemos que quem ainda acredita que os *smartphones* podem proporcionar autonomia e poder para todos e ao alcance das mãos, em verdade podem estar enganados carregando um *cavalo de Tróia* no próprio "bolso", permitindo-lhe acessar seus sentidos, privacidade e vida com informações e notificações sistêmicas que se convertem no imaginário deste usuário em 'opinião', na verdade, constituída como tal a partir de uma forma perversa de interação conduzida pelo algoritmo, emulando um *contrato de comunicação* forjado em bases que ignoram as intersubjetividades do *eu* e do *tu*.

Nessa relação virtual, são desprezados pressupostos do *dialogismo Bakhtiniano*, como a "coconstrução de sentidos" [...] "existência de dois sujeitos em relação de intersubjetividade" (Charaudeau, Maingueneau, p. 130 e 131, 2016), pois, na interação propiciada pelo algoritmo, prevalece a ideia de um *eu* que só recebe aquilo que o próprio *eu* entregou, afinal o *tu* virtual precisa abastecer o ego deste *eu* de mais de si mesmo, para mantê-lo sempre conectado.

Consciência crítica do *eu* e do *tu* no contexto da comunicação digital

O fluxo intenso e velocidade de informações sistêmicas suscitam no *eu* a necessidade de emitir mais "opiniões", alimentando assim um ciclo vicioso. Esse processo faz parte da estratégia deste *tu* virtual que procura dar a ele uma conotação de *situação de comunicação*, é na interação do usuário por meio de seus acessos e buscas a *sites*, redes, aplicativos e uma infinidade de canais digitais, que o cidadão fornece seus dados, sua identidade e perfil psicológico, e o algoritmo, por sua vez, identifica ou mapeia 'seus' interesses, crenças, hábitos, perfis culturais/sociais/políticos, e entrega-lhe quase que exatamente aquilo que ele usuário, espera ouvir, enxergar e assim confirmar para continuar a crer e seguir conectado.

É possível e cabível argumentos que tentem demonstrar que, mesmo antes da *Era Digital*, o processo de informação e formação de opinião individual e pública artificiais já eram do domínio dos meios de comunicação tradicionais (tvs, rádios e jornais), no entanto contra-argumentamos que, com as novas ferramentas e tecnologias de informação (*smartphones*, aplicativos, redes sociais, canais digitais, influenciadores), velocidade e quantidade somadas à popularização e acessibilidade a estas tecnologias, intensificaram e diversificaram a manipulação em todas as camadas sociais.

Inegavelmente, as mídias digitais trazem em si, ou mesmo incorporaram, um aparato de conhecimentos científicos do âmbito da comunicação e da diversidade de linguagens – discurso, semiologia, semiótica –, já dominados, estabelecidos e utilizados há décadas na comunicação das mídias tradicionais como tvs, rádios, jornais e revistas.

> Não há como não constatar que as alegadas "novas mídias" – elogiadas por terem, supostamente, superado os meios de massa, prestigiando o indivíduo em detrimento da massa – reproduzem os cacoetes mais doentios dos mesmos meios de massa do século XX. Todos os traços de que agora nos queixamos ao ver os ambientes polarizados da internet não são propriamente uma criação da internet: como vícios da comunicação, vícios estruturantes, eles já estavam postos quando a televisão se massificou. [...] A massa segue sujeita às piores manipulações, que, para alguns observadores, lembram os tempos do fascismo e do nazismo. (Bucci, 2021)

No entanto, atualmente há um debate crescente sobre uma percepção de que aquilo que se apresentou como um paradigma 'definitivo' – enredado no discurso da autonomia ao alcance das mãos – de liberdade e pleno acesso à informação e comunicação da cidadã e cidadão, em verdade, vem se mostrando, muitas vezes, instrumento de ilusão, submissão, manipulação, desinformação, controle social e até mesmo de promoção de injustiças, a serviço dos detentores do poder econômico, tecnológico, midiático e político, via interface digital das 'telinhas' dos *smartphones*, dada a sua acessibilidade, quantidade e quase ubiquidade dissimulada em domínio, autonomia e livre-arbítrio.

O Brasil é o 5º país no mundo em consumo de celulares com 118 milhões de usuários, tendo a sua frente China, Índia, Estados Unidos e Indonésia, é o que vimos na pesquisa publicada na Revista *Exame*. Outros dados relevantes da pesquisa da *Digital 2023: Global Overview Report, da DataReportal*, foram publicados na *Revista da USP* e reproduzidos no *site Rede Brasil Atual*, são os de que das 16 horas em que o brasileiro passa acordado, 9 horas (56,6%) – em média – deste tempo é dedicada às telas de computadores e celulares.

> Ainda segundo a plataforma, uma possível explicação para esse tempo poderia estar ligada ao crescimento dos serviços de *streaming on-line*, com dados revelando que 64% dos usuários brasileiros de *smartphones* são assinantes de serviços como Netflix, Apple TV ou Prime Video da Amazon.

> Apesar dos inúmeros benefícios vinculados à tecnologia, tanto para o desenvolvimento econômico quanto social do País, com o aumento de conexões e possibilidades, o uso excessivo de aparelhos eletrônicos pode ocasionar prejuízos de grande impacto para a saúde física e mental das pessoas. E também demonstra percepções sobre para onde e como o País está caminhando em seu desenvolvimento socioeconômico. (*Jornal da USP*, 29 de junho de 2023)

A pesquisa destaca ainda que, no Japão, um dos países mais desenvolvidos, o tempo médio dedicado aos dispositivos digitais é de 21,7%, uma das menores taxas de dedicação às 'telinhas' do mundo.

Em seu livro, *"O Discurso das Mídias"*, Patrick Charaudeau trata, especificamente, sobre as mídias tradicionais (televisão, rádio, jornal e revista), meios de comunicação e informação que prevaleciam na sociedade antes do advento da internet que permitiu o surgimento das mídias digitais, redes sociais, *Youtube* com os canais, e inúmeras plataformas, *sites* e portais. No entanto podemos inferir que, com sua reflexão o linguista pode claramente remeter nosso imaginário ao entendimento de que os processos de produção/construção de sentidos se assemelham nas mídias digitais e nas que aqui convencionamos classificar de tradicionais. No recorte da apresentação do seu livro que traremos a seguir, ele já nos aponta e sugere uma reflexão sobre as noções de informação e comunicação e expõe alguns princípios norteadores estratégicos daqueles que dominam e se utilizam destes suportes midiáticos mirando sempre o controle do espaço público.

> Uma primeira distinção se impõe se quisermos tratar dessas questões: 'informação' e 'comunicação' são noções que remetem a fenômenos sociais; as mídias são suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas – econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã)'. É justamente neste ponto que se tornam objeto de todas as atenções do mundo político, que precisa delas para sua própria 'visibilidade social' e as utiliza com desenvoltura (e mesmo com certa dose de perversidade) para gerir o espaço público" (Charaudeau, p. 15, 2019).

Entendemos que os dispositivos digitais (*smartphones* mais especificamente), possivelmente até mais do que as mídias tradicionais abordadas por Charaudeau, podem potencializar os efeitos e produção de sentidos no imaginário do(a) cidadão(ã) em razão da velocidade de "difusão" destes meios de comunicação, sua acessibilidade – como já destacamos aqui –, apelos visuais e sonoros, falsa noção de autonomia dedicada aos usuários e seu poder persuasivo com a representação dissimulada em realidade.

Soma-se a tudo isso a facilidade proporcionada àquelas ou àqueles que têm o domínio da linguagem imagética, do discurso e da oratória e se apresentam em canais digitais como influenciadores, patrocinados por políticos e determinados grupos econômicos, que,

pragmaticamente, vislumbram alcançar determinados segmentos sociais mapeados algoritmicamente, seduzindo-os com narrativas dirigidas e simplificadoras para questões complexas, com isso, conquistando o engajamento e debate superficial destes grupos de usuários, sobre temáticas extremamente controversas e que mereceriam sim, um estudo isento e análises profundas. Para tanto, é necessário senso crítico, o que ao nosso ver advém da Educação, da experiência humana, e no contexto central de nossa abordagem dissertativa, acreditamos que a leitura profunda da Literatura poderia proporcionar ou contribuir para o desenvolvimento dessa criticidade quando nos eleva ao pensamento analógico e raciocínio inferencial, como defende Maryanne Wolf:

> [...] o pensamento analógico e o raciocínio inferencial nos ajudam a compreender o que há sob a superfície do mundo cada vez mais complexo que ele examina. Quanto mais sabemos, mais conseguimos estabelecer analogias, e mais usamos essas analogias para inferir, deduzir, analisar e avaliar nossas convicções antigas – e tudo isso amplia e refina nossa plataforma interna crescente de conhecimentos. O contrário é também verdadeiro, com sérias implicações para nossa sociedade presente e futura: quanto menos soubermos, menos possibilidades teremos de estabelecer analogias, de ampliar nossas habilidades inferenciais e analíticas e de expandir e aplicar nossos conhecimentos gerais (Wolf, p. 74, 2019).

Por outro lado, também é necessário estarmos atentos para diferenciar a Leitura da Literatura da leitura dos textos de informação, afinal estamos imersos, no dia a dia, em um verdadeiro *mar* de informações, o que pode não promover, necessariamente, conhecimento ou mesmo se traduzir em benefício para nós e para a sociedade. O "vírus informacional" – classificado assim pelo neurocientista Miguel Nicolelis (2023) – ofusca os sentidos, o pensamento crítico e ocupa todo o espaço de nossas vidas, não nos permitindo ser acessados pela experiência. A esse processo, diríamos paradoxal, involuntário ou inconsciente de alienação do mundo e da vida real pela informação, o filósofo Byung-Chul Han (2022) denomina como "entropia informacional" ou "caos informativo".

O conhecimento, o senso crítico, a capacidade de análise e interpretação, ao nosso ver, vêm com a experiência, com a leitura da Literatura, claro, outras vivências culturais reais também podem nos proporcionar. É como aquilo que nos acontece durante uma travessia, quando somos subjetivados pelo outro, pela natureza, pelo meio-ambiente em que estamos e do qual também somos parte, como em um espetáculo de dança contemporânea quando os corpos, metaforicamente, se mesclam ou se atravessam se convertendo em uns e outros no entrelace de alteridades. Pensamos que seja isso o que Heidegger citado por Jorge Larrosa Bondía, pretendeu nos dizer:

> [...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (Heidegger *apud* Larrosa, p. 25, 2002)

Assim vemos que é, neste precioso tempo, em que somos atravessados pelos acontecimentos reais em nossas vidas, e em que também somos levados ou provocados a atuar e exercer nossa verdadeira autonomia, que se constituem as experiências que constroem nossas histórias, consciências, memórias, emoções, sonhos e talvez, primordialmente, nossas ilusões, pois, sem elas, nada faria realmente sentido, afinal é o que sentimos que nos faz existir e querer, querer para existir. Reivindicamos assim nossa autonomia e liberdade para exemplificarmos aqui as proposições que defendemos, descrevendo uma experiência pessoal e individual recente, entre inúmeras já vivenciadas, que narraremos, neste caso, na primeira pessoa:

> Preparava o meu café pela manhã quando me movimentava na cozinha entre a mesa, o armário e o fogão, quando me veio à mente um lugar – como uma *heterotopia* na concepção de *Michel Foucault* –, não conseguia me lembrar que lugar era aquele. Ao levar o copo de alumínio e deixar escorrer a água quente sobre o pó de café no coador, subiu o vapor em forma de uma fumaça insinuante, e logo me veio à mente o cheiro saboroso, sabor provocado pelo meu imaginário de sabor e prazer. Logo em seguida me veio o reconhecimento daquele lugar do qual não conseguia me lembrar. Tratava-se do espaço onde se confinavam as pessoas que, sem explicação, ficaram cegas, lugar e fenômeno descrito pelo escritor José Saramago em seu livro *"Ensaio sobre a cegueira"*. Então entendi porque me lembrei deste lugar para onde o texto do escritor português me transportou por meio da nave do imaginário, pois logo me veio à memória o sentimento que tive em vários momentos da leitura do livro: como seria estar naquele lugar e ambiente, privado de minhas liberdade e autonomia, até mesmo para coar e beber o meu precioso e cheiroso café? Uma cultura que carrego comigo desde minha infância quando fazia questão de fazer o café para o meu pai e visitas.

Como vimos, tratou-se de uma experiência atemporal de leitura que, em algum momento, se tornou viva, como um *insight* atravessou meu pensamento, e se presentificou como

se tivesse em algum momento, eu ter estado naquele lugar, uma *heterotopia* imaginada em *Saramago*, uma linguagem na Literatura.

Por outro lado, cremos que não podemos dizer o mesmo da temporalidade algorítmica da *Era Digital*, na qual a experiência se esvai na velocidade imposta pela lógica da efetividade, instando assim uma memória fugaz, afinal não há tempo para assimilar ou compreender, dada a quantidade e velocidade das informações, e tudo isto só nos permite nos submeter a um sistema de busca, consumo e descarte inconscientes e incessantes – essências do capitalismo –, que nos consome porque, ao contrário do que se propõe quando se apresenta como agente facilitador, na verdade, precariza a existência que realmente torna-se virtual, como sintetiza Byung-Chul Han: "No mundo controlado algoritmicamente, as pessoas perdem cada vez mais seu poder de ação, sua autonomia. Elas são confrontadas com um mundo que escapa a sua compreensão. [...] Algoritmos se tornam caixas pretas" (Han, p. 20, 2022).

Além de Han (2022), como já salientamos, Charaudeau (2019), citado anteriormente, também nos fornece elementos para refletirmos sobre os processos de controle das mídias; entendemos que os agentes responsáveis pela gestão das mídias tradicionais tornaram-se cientes desse poder das mídias digitais e, rapidamente se adequaram e procuraram se inserir neste espaço midiático vislumbrando o sentido "perverso" de "gerir o espaço público" e não perder todo seu domínio. Ou seja, a acessibilidade à tecnologia 'dada' à população, necessariamente, não implicou em democratização da "qualidade e a quantidade" da "informação" e "comunicação". Prevalece ainda o império da "lógica econômica", portanto "simbólica" democracia.

Vale destacar que este cenário não é diferente nos países europeus desenvolvidos, onde temos uma população jovem desalentada pela falta de oportunidades de empregos e sem condições de se manter e de adquirir as próprias moradias, situação que as tornam vulneráveis, expostas e sujeitas à indução e submissão ao discurso dos radicais que oferecem respostas rápidas e fáceis ao alcance das mãos.

Portanto acreditamos que agora, em 2025, a partir de um olhar sob a luz da história da última década, sem perder de vista que, de alguma forma, estivemos nela presentes e atuantes, poderemos afirmar que o protagonismo nestes acontecimentos não foi de uma população crítica, autônoma e consciente e sim, submetida pelas 'próprias mãos' à lógica tecnológica e econômica, e manipulada pela ilusão de "entendimento", "conhecimento" e poder. Vimos em (Orlandi, 2001, p. 11) que "toda formação social" [...] "tem formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas: há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar [...] (logo de 'atribuir' sentidos)", ou seja, os sentidos já estão administrados, determinados ou impostos no discurso.

Podemos verificar que este excerto com a afirmação de Orlandi data de 2001, quando ainda tínhamos nas mídias tradicionais (tvs, rádios e jornais) nossos principais meios de comunicação e informação. No entanto, poucos anos depois, veio a massificação da tecnologia digital por meio do acesso à internet, *smartphones*, canais de Youtube, redes sociais, aplicativos, *blogs* e uma infinidade de possibilidades que potencializaram exponencialmente a comunicação, a "autocomunicação" e os discursos de qualquer natureza e seus sentidos.

Logicamente, tantas alternativas e canais de comunicação, informação e exposição "no teatro da vida de cada indivíduo e cuja colocação em cena resulta de vários componentes linguísticos e situacionais" (Charaudeau, 2011, p. 10) possibilitaram também o surgimento de inúmeros 'atores' como *influencers*, *blogueiros(as)* e por conseguinte uma diversidade de discursos que – por razões mercadológicas – logo se adaptaram ao "velho" sistema e premissas da lógica capitalista determinante, acontecimentos que mostram que o pensamento de (Orlandi, 2001, p. 11) se faz atual ou até mesmo atemporal quando afirma: "Os sentidos estão sempre 'administrados', não estão soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá."

Portanto entendemos que o advento da internet acarretou no surgimento de novos suportes para as mídias digitais, como os *notebooks* e, principalmente os *smartphones* que se popularizaram, mas não significou ou implicou em uma mudança nos conceitos do discurso e linguagem sobre o "interpretar" propostos por Orlandi em 2001. Então pensamos que seria uma utopia imaginar o cidadão/cidadã, expostos que estão às tecnologias e mídias digitais, "conscientes de tudo", mas entendemos também que não seria absurdo pensarmos em uma 'Educação Digital' que nos permita, no futuro, "ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem" como sugeriu (Orlandi, 2001, p. 9).

Entendemos que seria também uma utopia vislumbrar em um curto/médio tempo, toda ou grande parte de nossa sociedade, dotada de senso crítico para lidar com o verdadeiro *tsunami* de informações que mais obscurecem do que esclarecem, pois, como vimos em *"Não-coisas"*, do filósofo Byung-Chul Han "O *tsunami* da informação coloca o próprio sistema cognitivo em desassossego. Informações não são uma unidade estável. Falta-lhes a consistência do ser." (Han, 2022, p. 13).

Soma-se a esse fenômeno social – por pressões do dia a dia do trabalho e da busca de meios de sobrevivência – a alienação de grande parte da sociedade sobre os modos subliminares com que a linguagem e o discurso agem sobre seus imaginários e crenças, tornando cidadãs e cidadãos frágeis receptores e reprodutores de informações nas quais, ainda

segundo o filósofo Byung-Chul Han, a “distinção entre verdadeiro e falso está sendo nivelada”, contexto em que prevalece as *fake news*, pois, neste cenário o “que conta é o efeito a curto prazo. A efetividade substitui a verdade” (Han, 2022, p. 21).

Procuramos, na primeira parte destas reflexões, revisitar a História recente, como prometemos, e depois tentamos com os linguistas, pensadores e filósofos demonstrar como disse Orlandi (2001) que: “os sentidos já estão administrados, determinados ou impostos no discurso” [...] “estão sempre lá”, e sentimos que depois de junho de 2013, “lá” estará sempre no contexto do presente, onde os “sentidos” de “lá” irão permanecer no aqui sempre.

CONCLUSÃO

Para trazermos aqui nossas, conclusões, acreditamos ser importante resgatarmos as razões que nos inspiraram a buscar o caminho da Análise do Discurso (AD) na pesquisa acadêmica, retomando os nossos objetivos, ou seja, o que pretendíamos inicialmente com o nosso projeto. Após a qualificação e a evolução para a pesquisa, a análise, o desenvolvimento da escrita, chegamos agora a algumas conclusões e ainda há muitas perguntas que, certamente, poderão inspirar/engajar outras e outros a seguir por este caminho de estudos e pesquisas no campo da (AD) em busca de respostas.

As razões que nos inspiraram estão relacionadas às nossas inquietações a partir das percepções do que observamos em nosso cotidiano e nos espaços sociais em que convivemos: na família, no trabalho, na escola, no lazer, nos cuidados com a saúde, e no transitar entre esses lugares, nas vidas no mundo real e no paradoxal e inexorável mundo virtual.

Certa vez ouvi de uma colega, no intervalo de aula, quando ainda fazia as disciplinas isoladas do Mestrado: "— É tão difícil procurar e encontrar um objeto de pesquisa, não é?!" Gostaria de ter lhe respondido: — Não é tão difícil assim, basta olhar para dentro de si e se perguntar sobre o que lhe inquieta no mundo e na sociedade, algo que gostaria de *transformar*, e se você for sincera consigo mesma, certamente você encontrará algo de importante e *singular* para pesquisar. Mas por não querer parecer pedante/arrogante ou talvez piegas (hoje chamam de *"palestrinha"*) resolvi calar meu comentário.

Não sei se foi a melhor decisão, mas hoje, depois de concluída a minha pesquisa e escrevendo agora esta Conclusão, penso que se pudesse voltar no tempo, eu gostaria de lhe dizer o que pensei em responder naquele momento, mas acrescentando ao fim o comentário a seguir: — Olha, pode ser que, ao fim de sua pesquisa, você chegue à Conclusão de que, para ajudar a *transformar* o mundo, durante o percurso, você também teve de se *transformar*, sem, todavia, perder a sua essência e sinceridade (alteridade) pelo caminho, pois, sem elas, jamais você vai se *transformar* e chegar a uma sincera Conclusão.

Lembramos que por ocasião da Qualificação do Projeto de Pesquisa, ouvimos várias sugestões dos participantes da banca que foram a *Professora Doutora Luciana Azeredo* e do *Professor Doutor Vicente Parreiras*, muitas consideramos e estão impressas em nós e no curso desta dissertação. Especialmente uma recomendação procuramos considerar, no entanto, como todas e todos que passaram por uma travessia como esta que trilhei sabem, antes de chegarmos, algumas *pedras do caminho* podem nos fazer desviar dos nossos sentidos, interferir nos objetivos, ou até mesmo nos levar a recuar para refletir.

Foi o que fizemos, recuamos, refletimos, retomamos o caminho da linguística e seguimos deixando que o que estava para ser lido/escrito por nós viesse naturalmente no nosso tempo. Foi o que aconteceu, e hoje, mais do que há três anos, podemos escrever com alguma propriedade sobre o que, lá em 2022, eram *só* intuições tangenciadas pelas "crenças".

Passamos por uma grande transformação, nós, o mundo e as *coisas*, mas não perdemos a nossa essência, que é a capacidade de perdidos perguntar, por exemplo, a alguém na esquina de um domingo pela manhã numa viela no bairro do *Alto Vera Cruz*:

— Ei amigo... como posso chegar na rua *Gil Eanes*, no bairro *Taquaril?*.

Ou mesmo duvidar de si mesmo e muitas vezes se perguntar:

— Qual a motivação para a conclusão deste Mestrado?.

— Será que eu tenho condições de concluir este Mestrado?.

Enfim, acreditamos... são as perguntas que podem nos *transformar* e logo *transformar* o mundo. Porque as certezas só curtem o que é certo, a moral virtual, linhas retas, o que está pronto, e "felizes para sempre" vivem de infinitas e histéricas gargalhadas.

Por outro lado, as certezas não gostam e não querem nem saber das dúvidas e das incertezas, da natureza, do *pensamento à toa*, do sorriso e da *felicidade* que vem em *um segundo* e vai *embora* e talvez volte no outro, do destino, do acaso, das dúvidas, dos desafios, dos medos, dos fracassos, dos delírios, dos sonhos, dos infelizes, da *alma imoral*... e da *Subjetividade* do *que será que será*.

Nós *queremos saber* e para isso resolvemos perguntar, primeiro a nós mesmos na instância do nosso discurso, de um *eu* exterior para um *eu* interior, para só depois perguntarmos no que estava escrito nas respostas das entrevistadas e entrevistados sobre suas *Subjetividades* e seus Imaginários.

Portanto, resgatamos agora o que nos inquietava, lá ainda na graduação, e que deu origem ao nosso objeto de pesquisa no Mestrado: o modo como as pessoas (velhos, adultos, jovens e crianças) lidavam com as novas tecnologias digitais, agora chamadas "NTICs", abreviação de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, no caso de nossa pesquisa, mais especificamente os *smartphones*, por acreditarmos que este dispositivo móvel poderia estar produzindo efeitos de distanciamento entre as pessoas, alienação em relação ao outro e a si mesmo, interferindo no convívio social, nas atividades culturais e no mundo. Nesta pesquisa, demos ênfase à interferência das tecnologias na cultura da leitura da Literatura, e assim surgiu a nossa proposta de pesquisa cujos objetivos retomamos agora:

Investigar quais são os Imaginários sociodiscursivos que sujeitos leitores constroem e mobilizam sobre suas novas práticas de leitura da Literatura a partir da presença e utilização do *smartphone* no dia a dia e no momento em que começaram a fazer o uso massivo dessa tecnologia, devido ao processo acelerado da midiatização no cotidiano.

Para tanto, nos inspiramos no gênero "entrevistas biográficas" que encontramos no "*Capítulo 7 – Travessia da identidade: uma leitura de relatos de vida"*, do livro *"O Espaço Biográfico"* de Leonor Arfuch, e nos fiamos nos fundamentos teóricos da Análise do Discurso, referendados em Patrick Charaudeau, para analisarmos nas narrativas dos sujeitos e nos enunciados de suas respostas ao questionário que enviamos por e-mail, os Imaginários sociodiscursivos. Procurando sempre ter em mente se tratar, de acordo com *Roland Barthes* (1975), do "imaginário de escrita", estes foram os objetivos específicos de nossa pesquisa:

1) Enumerar as avaliações (positivas ou negativas) que os sujeitos fazem da utilização dos dispositivos digitais e os reflexos/consequências dessas tecnologias na Leitura da Literatura a partir do estudo dos modos enunciativo e descritivo.
2) Identificar os imaginários dos sujeitos acerca de suas experiências de interação e de leitura a partir dos *smartphones* e/ou outros dispositivos digitais e como interferem em suas vidas (positivamente e negativamente);
3) Descrever as estratégias que eles utilizam no processo de leitura, a partir da inserção/utilização das novas tecnologias digitais (mais especificamente o *smartphones*).

Enviamos 10 (dez) perguntas a 30 (trinta) entrevistados. Todas as respostas que recebemos foram lidas e analisadas, no entanto, para trazê-las para nossa dissertação, primeiro se fez necessário proceder a uma seleção das perguntas e respectivas respostas que iríamos analisar e interpretar com mais profundidade, porque, em alguns casos, entendemos que as perguntas estavam proporcionando respostas redundantes, e que não agregariam informações relevantes aos nossos objetivos.

Portanto selecionamos 7 (sete) perguntas para apresentarmos nesta dissertação e procuramos as respostas para elas que mais trariam, em suas narrativas, as *marcas linguísticas* e os *índices de Subjetividade* para análises, e que, por conseguinte, nos levariam à identificação dos Imaginários sociodiscursivos e consequentemente a algumas possibilidades de conclusões sobre as questões fulcrais dos objetivos de nossa pesquisa. Selecionamos as respostas por entendermos que muitas se repetiam, e em diálogo com o nosso orientador, entendemos que esse método seria mais objetivo, e com os devidos cuidados, poderia

proporcionar maior representatividade sobre o que disse a totalidade das entrevistadas e entrevistados, e assim não estenderíamos esta dissertação de forma injustificada, ou seja, apresentando conteúdos repetitivos, o que, de outro modo, poderia levar o leitor ou a leitora à dispersão em razão de uma leitura entediante.

Seguimos um roteiro pré-definido e estruturado, que iniciamos com as perguntas: **1** (sobre dados pessoais); **2** (sobre leituras na infância) e **3** (sobre leituras na adolescência). As respostas trouxeram narrativas riquíssimas e que serviram de referenciais comparativos até mesmo para os(as) entrevistados(as) quando se depararam com o teor das perguntas que, em essência versam, a respeito de: **7** (preferência entre livros físicos/impressos ou digitais); **8** (início da leitura nos meios digitais e preferência); **9** (percepção dos *smartphones* no dia a dia e interferência na vida) e **10** (percepção de mudanças na cultura da leitura da Literatura e/ou comportamentais após a inserção dos *smartphones* no seu cotidiano).

As respostas trouxeram, em seus enunciados, os *índices discursivos*, e procuramos analisar o discurso dando atenção às escolhas *lexicais* relacionadas aos *campos semânticos*, pois entendemos que a palavra é um instrumento a serviço também da linguagem escrita, e é, conosco (TUi) que o entrevistado e entrevistada (EUc) dialoga.

Os *subjetivemas* (índices de subjetividade), *modalizadores discursivos, atos elocutivos* e *dêixis*, propiciaram a identificação de *Subjetividades* e inúmeros Imaginários sociodiscursivos, mas, infelizmente, em razão de nossas limitações de tempo e espaço, não foi possível fazer a interpretação de todos e exemplificarmos. Mas como já dissemos, esses dados poderão ser objeto de análise e interpretação no futuro.

Apresentamos, a seguir, uma relação dos Imaginários que identificamos, os mais relevantes para nossa pesquisa, e para os quais, apresentamos exemplos e procuramos indicar nas narrativas os índices discursivos que apareceram com maior frequência e os mais significativos para os propósitos de nossa pesquisa:

- Imaginário dos pais e/ou de outros familiares (como primeiros incentivadores da leitura). Apareceu em 22 respostas.
- Imaginário da leitura prazerosa (feita, exclusivamente, pela fruição que provoca). Apareceu em 18 respostas.
- Imaginário da leitura coletiva (quer no seio familiar, quer na escola, como meio de incentivar a prática de leitura). Apareceu em 23 respostas.
- Imaginário dos sentidos e afetos (despertados pela leitura por meio de material impresso). Apareceu em 22 respostas.

- Imaginário negativo de explícita rejeição à leitura em meios eletrônicos. Apareceu em 15 respostas.
- Imaginário da onipresença virtual (e seus impactos no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura sobre a necessidade de moderação e controle). Apareceu em 25 respostas.
- Imaginário dos impactos do uso dos smartphones (no dia a dia e nos hábitos de leitura da Literatura). Apareceu em 22 respostas.

O Imaginário da praticidade dos dispositivos e do custo/benefício que a leitura no digital representa, apareceu em 22 respostas, mas ainda assim, com ressalvas, sobre a preferência pelo impresso e também sobre a necessidade da busca do autocontrole no uso das tecnologias, este comentário apareceu também, muitas vezes, ao mesmo tempo, dentro do mesmo discurso da praticidade.

Podemos perceber também a importância dos equipamentos culturais na formação do sujeito leitor. Um dos locais mais citados foi a biblioteca das escolas e a casa. Indiscutivelmente, o autor mais citado foi Monteiro Lobato. A figura dos pais como incentivadores foi muito marcante. Professores(as) e avós também foram muito citados. Mas evidenciou-se uma hegemonia das mães em várias narrativas. Isto pode dizer muito sobre a atenção ao modo como se influencia a criança.

Nosso propósito inicial era entrevistar quarenta pessoas, no entanto, no decorrer do trabalho, chegamos à conclusão de que seria difícil conseguir alcançar esse número dentro de um tempo razoável que não impactasse todas as etapas subsequentes, em razão das características de nossa pesquisa, portanto, por prudência, reduzimos esse número para trinta. E o transcorrer do processo nos demonstrou ter sido uma medida acertada.

Ao reler o livro de Leonor Arfuch, constatamos uma coincidência, pois ela trabalhou também com trinta entrevistados. Entendemos que poderia ser um bom indício, e relendo o capítulo, vimos que as semelhanças não se limitavam apenas a um número, mas também à perspectiva teórico-metodológica.

Portanto, entre os Imaginários sociodiscursivos que identificamos nos enunciados das respostas ao longo da pesquisa, como já dissemos, selecionamos sete para apresentarmos nesta dissertação, os quais relacionamos anteriormente.

Quanto à leitura da Literatura, acreditamos que ela não deve ser um hábito, que se ou a si se impõe, se assim for que seja, mas, a nosso ver, ela deve ser lida e entendida como um “direito humano” e portanto ela pode carecer de uma necessidade do desenvolvimento da

cultura da vontade e do desejo de descobrir, e isso vimos nos relatos nas narrativas das leituras em família, no olhar da criança ou do adolescente, no que olham os olhos dos pais, para onde olham os olhos das mães e avós, e o que reflete em seus olhares, mas também nas escolas e nas interações entre os amigos, professoras e professores em qualquer lugar ou tempo da vida. Vimos antes em Antonio Candido:

> Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de **mutilar a personalidade**, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é **mutilar a nossa humanidade**. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a **mutilação espiritual**. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (Candido, 2023, p. 202, *grifos, negritos e destaques nossos*).

Ao darmos destaque maior em "mutilar a personalidade", "mutilação espiritual" e "mutilar a nossa humanidade", no texto de Antonio Candido, pretendemos chamar a atenção para uma condição que identificamos de um estranho processo de "subjetivação" do sujeito, que, ao nosso ver, ocorre na relação entre o os modos de uso dos *smartphones* e mudanças de comportamento em boa parte da sociedade.

Voltando à nossa pesquisa e para as respostas dos sujeitos, ressaltamos que todas e todos entrevistadas(os) são pessoas que sempre tiveram a cultura da leitura da Literatura, por isso os entrevistamos, para termos um referencial de análise (antes e depois das tecnologias digitais). Muitos(as) têm alguma graduação/formação, o que poderia nos levar a pressupor serem detentores de uma maior capacidade crítica, de certa autonomia e consciência sociocultural.

No entanto, vimos também que em várias das respostas, temos uma manifestação evidente de impotência diante da onipresença da tecnologia em suas vidas, e sobre os impactos negativos dos *smartphones* em seus modos de viver. Para sustentar nossa percepção apresentamos novamente um excerto do filósofo Byung-Chul Han, que encontramos no seu livro *Não-coisas – Reviravoltas do mundo da vida*", no qual ele apresenta sua visão sobre o *smartphone* como um "objeto narcisista" como veremos:

> [...] a pessoa *se sente* principalmente *a si mesma*. Como resultado, ele também destrói a empatia. Com o *smartphone*, nós nos retiramos para uma esfera narcisista que é protegida dos *imponderáveis do outro*. Ele torna o outro *disponível*, objetivando-o. Transforma Você em *Isso*. O *desaparecimento* do outro é precisamente a razão ontológica pela qual o *smartphone* nos torna solitários. Hoje, comunicamo-nos de forma tão compulsiva e excessiva precisamente porque estamos sozinhos e sentimos um vazio. Mas esta hipercomunicação não é satisfatória. Ela só aprofunda a solidão porque falta a *presença do outro* (Han, 2022, p. 57).

Ou seja, o que entendemos é que, como em qualquer vício, a pessoa que tem dependência, mesmo tendo consciência dela, muitas vezes não consegue se emancipar ou recuperar o controle de si. Então, o que podemos dizer sobre as pessoas que não têm uma formação e muito menos a cultura da leitura? Condições e pressupostos para o desenvolvimento de um senso crítico e escolhas conscientes. Mas de quem?...

> *Quem?* Esta pergunta é incontestavelmente a mais esquecida do debate midiático. No entanto, como já assinalamos, a utilização das telas está longe de ser homogênea entre as novas gerações. Ela varia em particular segundo a idade, o gênero e a condição socioeconômica. Levar em conta essas heterogeneidades se revela fundamental para abordar as questões de êxito escolar e invalidar a ideia de que toda tentativa de controle do tempo dedicado às telas recreativas por nossos filhos seria agora vã. Um espantoso derrotismo do qual a Academia Francesa de Ciência, por exemplo, parece ter feito seu credo, ao não hesitar em afirmar que "nas novas gerações nascidas na era digital só será possível reduzir parcialmente o tempo de exposição às telas". (Desmurget, 2023, p. 41).

O neurocientista *Michel Desmurget*, se contrapõe ao pessimismo e acena com esperança. Portanto, acreditamos que o *Letramento Digital*, para o uso, verdadeiramente inteligente e consciente das tecnologias móveis, é o grande desafio do século XXI, e sem dúvida, as respostas deverão passar pela Educação, em todos os níveis, EJA, Ensino Fundamental e Médio, e por que não, até mesmo nas graduações.

> Cada época define a liberdade de forma diferente. Na Antiguidade, liberdade significa ser uma pessoa livre, ou seja, não um escravo. Na era moderna, a liberdade é internalizada como a autonomia do sujeito. É a liberdade de ação. Hoje, a liberdade de ação degenera em liberdade de escolha e consumo. A pessoa do futuro que não age se rende a uma "liberdade da ponta dos dedos". (Han, 2022, p. 28).

Ao trazermos ao final de nossas conclusões a citação do filósofo Byung-Chul Han, destacamos que foi no sentido de relembrar um dos autores que mais nos inspiraram a desenvolver a pesquisa, e principalmente, demonstrar um breve diálogo entre suas ideias e as de nosso filósofo e Educador Paulo Freire: "o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo" [...] "o reconhecimento de si mesmo" (Freire, 2019, p. 26) e a "experiência do *outro* em sua auteridade, que o resgata de seu inferno narcisista" (Han, 2017, p. 11) para o que seria a verdadeira liberdade e autonomia.

Então, se estaremos inexoravelmente vivendo nesse novo mundo da era digital, acreditamos que não devemos jamais preceder do nosso pensamento crítico, e saber que: "A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo, portanto" (Freire, 2019, p. 26), e a Literatura deve ser um direito inexorável na busca desse sentido.

Por fim, entendemos que as respostas dos entrevistados cumpriram o papel de demonstrar os impactos positivos e negativos das tecnologias digitais, não só na leitura da Literatura, mas também no comportamento da cidadã e do cidadão no dia a dia e na sociedade, nos indicando a necessidade premente de ações das autoridades políticas na busca da promoção do Letramento Digital, sem perder de vista os Letramentos Sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Arnaldo; CAVALCANTI, Péricles. Velhos e jovens. In: CALCANHOTTO, Adriana. **Senhas.** Rio de Janeiro. Columbia/Sony, 1992. [Vinil; CD].

ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUER, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BHARTES, Roland [et. Al.]. Análise Estrutural da Narrativa. Trad. De Maria Zélia Barbosa. 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOMBANA, Lucas. Ritmo de avanço tecnológico está acima da nossa capacidade de avaliação, diz futurista Amy Webb. **Folha de S. Paulo,** Tecnologia, 18 nov. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/ritmo-de-avanco-tecnologico-esta-acima-da-nossa-capacidade-de-avaliacao-diz-futurista-amy-webb.shtml. Acesso em: 20 nov. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, n.19, p. 20-28, abr. 2002.BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, n.19, p. 20-28, abr. 2002.

BOSCO, Francisco. Junho de 2013 iniciou crise que ainda não terminou. Artigo publicado na Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/06/junho-de-2013-iniciou-crise-que-ainda-nao-terminou.shtml. Acesso em: 3 jun 2023.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**: Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. *In:* JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda. **Mediação & midiatização**. Salvador: EdUFBA; Brasília: Compós: 2012. p. 31-52.

BRIAN, Street. **Letramentos sociais.** Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário.** Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CALVINO, Ítalo. **Mundo escrito e mundo não escrito:** artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 1. Ed. São Paulo: Todavia, 2023.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso Político. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 1ª. ed. 1ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2ª. ed. 4ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e Discurso: modos de organização. Coordenação da equipa de Tradução: Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª. ed. 4ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. *In:* MARI, H. et al. (Org.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso.** Belo Horizonte: Carol Borges-Núcleo de Análise do Discurso; Fale-UFMG, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entrepalavras:** Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC. Tradução de André Luiz Silva (Cefet-MG) e Rafael Magalhães (Cefet-MG), v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/ Revista/ article/view/857. Acesso em 28 ago. 2021.

CHARAUDEAU, P. Situacional. In: Charaudeau, P.; MAINGUENEAU, D. Amossy In: (Orgs.) Dicionários de Análise do Discurso. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2016. Pp.

FERNANDES, Alessandro. A boa literatura é aquela que levanta questões, que inquieta. Vida Simples. Entrevista com José Eduardo Agualusa. Disponível em: https://vidasimples.co/relacionamentos/agualusa-a-boa-literatura-e-aquela-que-levanta-questoes-que-inquieta/. Acesso em: 06 dez. 2024.

HOLLANDA, Chico Buarque. FOSSATI, Ivano Alberto. **O Que Será Que Será** (A Flor da Terra). In: Chico Buarque e Milton Nascimento. **Meus Caros Amigos.** 1976. © ACUM Ltd.

COELHO, Shirlene Ferreira; COELHO, Sueli Maria; SEIXAS, Vivian Canella. **A mão e a pena:** pistas gráficas e sociais. Belo Horizonte: Nuvepar - Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística; Poslin-UFMG, Fale-UFMG, 2021.

COMOLLI, Jean Louis. Sob o risco do real. *In:* COMOLLI, Jean Louis. **Ver e poder.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 169-178.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Sidarta Ribeiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=05827. Acesso em: 22 nov. 2021.

CUSTÓDIO, Melina Aparecida. Documentário e Pichação – A escrita na rua como produção multissemiótica. *In:* ROJO, Roxane Helena R.; Eduardo Moura (orgs.). São Paulo: Parábola, 2012. p. 199-210.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia:** um convite. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2016.

CYTRYNOWICZ, Roney. Robert Darnton e a utopia possível das bibliotecas e livros digitais. **Publishnews,** São Paulo, 21 maio 2010. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2010/05/21/57948-robert-darnton-e-a-utopia-possivel-das-bibliotecas-e-livros-digitais. Acesso em: 15 ago. 2021.

DESMURGET, Michel. A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças. Trad. Mauro Pinheiro. 1ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Vestígio, 2023.

FANJUL, Sérgio C. Entrevista com Byung-Chul Han: "O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário". Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê:** bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire; RNBC, 2018.

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. **Midiatização e Discurso:** possibilidades dialéticas para investigação do objeto comunicacional. Anais de Resumos Expandidos. IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. Vol. 1, N. 4 (2020).

FOUCAULT, Michel. **Outros Espaços** (Conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967). Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Coleção: Ditos & Escritos III. 2. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** - em três artigos que se completam / Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: 23ª ed. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GARCIA, B. Cíntia, SILVA, Flávia Danielle Sordi, FELÍCIO, Rosane de Paiva. Projet(o)arte. *In:* ROJO, Roxane Helena R.; Eduardo Moura (orgs.). São Paulo: Parábola, 2012. p. 123-146.

GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes**. Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. **Entre o que se diz e o que se pensa:** onde está a midiatização? Santa Maria: Facos - UFSM, 2018.

GONZAGUINHA. **De Volta ao Começo**. In: Gal Costa. **Vaca Profana.** 1984. *Sony Music Entertainment Brasil Ltda.*

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. **O que é e o que faz a Semiolinguística [recurso eletrônico]** / organizado por Lúcia Helena Martins Gouvêa, Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Rosane Santos, 2023.

HELLER, Barbara. CAL, Danila. ROSA, Ana Paula. Midiatização (in)tolerância e reconhecimento. Salvador. EDUFBA. 2020. 376 p.

IDOETA, Paula Adamo. Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão? Entrevista com Maryanne Wolf. **BBC News Brasil,** São Paulo, 25 abr. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-47981858. Acesso em: 25 abr. 2019.

LACLAU, E. Prefácio. *In:* ARFUCH, L. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 9-14.

LESSA, Cláudio Humberto. **Memórias, fragmentos de memória - De leituras e de vidas...** Volume VI. Org.: Cláudio Humberto Lessa. Empório Barreiro. 2012.

LITRON, Fernanda Félix, TEIXEIRA, Adriana. O Manguebeat nas Aulas de Português. *In:* ROJO, Roxane Helena R.; Eduardo Moura (orgs.). São Paulo. Parábola, 2012. p. 167-180.

LOPES, André. Brasil é um dos cinco países com maior número de smartphones, mostra ranking. Exame. https://exame.com/tecnologia/brasil-e-um-dos-cinco-paises-com-maior-numero-de-smartphone-mostra-ranking. Acesso em: 11 mai 2023.

MARQUES, Reinaldo. Memória Literária Arquivada. V. 18. Aletria. UFMG. Jul.-Dez. 2008.

MARTINS, Maria Helena**. O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 74).

MATTOS, Laura. Ensino presencial é melhor que remoto, diz astro das aulas online, Salman Khan. Entrevista com Salman Khan. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 16 ago. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/ensino-presencial-e-melhor-que-remoto-diz-astro-das-aulas-online-salman-khan.shtml. Acesso em: 26 nov. 2021.

MÍDIAS DIGITAIS: webinar: desafios do conhecimento na transformação para um mundo melhor. Webinar oferecido pelo IEAT - UFMG. **IEAT-UFMG,** Belo Horizonte, 27 maio 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eXKijTj79po. Acesso em: 27 maio 2021.

MIÈGE, Bernard. Para uma atualização da abordagem da mediatização das ações infocomunicacionais. [recurso eletrônico] / *In:* FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula; NETO, Antônio Fausto; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto (orgs); **Entre o que se diz e o que se pensa:** onde está a midiatização? Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018. p. 39-62.

MIGUEL, Luis Felipe... [et al.]. O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil. Org. Esther Solano Gallego. 1 ed. São Paulo. Boi Tempo, 2018.

MLABS. O Que é Webwriting? Conheça Suas Técnicas. **MLabs,** São José dos Campos, 21 out. 2016. Disponível em: https://www.mlabs.com.br/blog/webwriting-e-seus-segredos/. Acesso em: 20 ago. 2021.

NAZAR, Susanna. Brasileiros passam em média 56% do dia em frente às telas de smartphones e computadores. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/brasileiros-passam-em-media-56-do-dia-em-frente-as-telas-de-smartfones-computadores/. Acesso em: Mai de 2025.

NICOLELIS, Miguel. Não existe inteligência que não seja orgânica. Cortes do *Reconversa*. Entrevista de Miguel Nicolelis a Reinaldo Azevedo e Walfrido Warde**. Disponível em:** https://www.youtube.com/watch?v=1c_Hr-bjGUg. Acesso em: 18 dez. de 2023.

PAIVA, Marcelo Rubens. Ainda Estou Aqui. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

PARREIRAS, Vicente. Ambientes virtuais de aprendizagem e metodologias ativas a partir do ensino fundamental II. *In:* RIBEIRO, Ana Elisa; VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura (orgs). **Tecnologias digitais e escola:** referências no projeto aula aberta durante a pandemia. São Paulo. Parábola, 2020. p. 70-82.

PEREIRA, Gabrielle Costa. Letramento digital e o educador do século XXI. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias (orgs.). **A Linguística na teoria e na prática.** São Paulo. Pimenta Cultural, 2020. p. 166-182.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cléber Araújo. **Tarefas da edição:** pequena mediapédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020.

RIBEIRO, Sidarta. Cérebro, imaginário e informação. Webinar oferecido pelo IEAT - UFMG. **IEAT-UFMG,** Belo Horizonte, 26 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jLliJIn9WBc. Acesso em: 26 ago. 2021.

RODRIGUES, Lupicínio. **Felicidade**. In: CAETANO, Veloso. **Temporada de Verão.** 1974. Universal Music Ltda.

ROJO, Roxane Helena R. Multiletramento na escola. Pedagogia dos Multiletramentos. Roxane Rojo, Eduardo Moura (orgs.). São Paulo: Parábola, 2012. 11-31.

SARAMAGO, José. O Ensaio Sobre a Cegueira. São Paulo. Companhia das Letras.

SILVA, Márcia Ivana de Lima. Caio F: consciência de si, consciência do outro. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 15, 2007. p. 91-96.

SCHMIDT, Eric. COHEN, Jared. **A Nova Era Digital:** Como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios. Trad. Ana Beatriz Rodrigues e Rogério Durst. 1. Ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas,** São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/25anos/files/arquivo/5-Artigo-As-muitas-facetas-da-alfabetizacao.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.

TARANTO, Goulart. **O Arco da Literatura**: das teorias às leituras. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2017.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. Artigo publicado na SciELO - Scientific Electronic Library Online. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/CYcnc3FtX5XqMVqgMnXgcLz/. Acesso em: 17 de dez 2024).

TIBURI, Márcia. **Uma filosofia da leitura**. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA VIVA, 8, 2015. [palestra publicada no Youtube]. São Paulo: SisEB, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JOdMhXnDykc. Acesso em: 26 nov. 2021.

VIANA, Djavan Caetano. CAETANO, Veloso. **Sina**. In: DJAVAN e CAETANO. **Luz**. 1982.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital:** os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo. Contexto, 2019.

APÊNDICE I

Questionário para Entrevistas:

1. Qual a sua idade e profissão?
2. Quais as suas lembranças de leituras de literatura na infância (no ensino fundamental)? Quem ou o que lhe incentivou?
3. Quais as suas lembranças de leituras de literatura na adolescência (no ensino médio)? Quem ou o que lhe incentivou?
4. Você está lendo algum livro atualmente? Se sim, qual?
5. Você saberia informar aproximadamente quantos livros você leu este ano?
6. Você tem a cultura de comprar livros, ou se utiliza das bibliotecas públicas/ comunitárias?
7. Você prefere ler livros de literatura, impressos ou digitais? Porque?
8. Quando você começou a utilizar os meios digitais para leitura, e qual dispositivo utiliza ou prefere (Kindle, Ipad, PC, Notebook etc)? Porque?
8. Como você vê a utilização do aparelho *smartphone* no seu dia a dia (trabalho, estudo e relações interpessoais)? Você acredita que interfere positivamente ou negativamente?
10. Você percebeu alguma mudança nos modos de leitura, ou até mesmo comportamentais, a partir da utilização do *smartphone* no seu dia a dia. Você o desliga para leitura ou não? Por quê?

APÊNDICE II

Referência na pesquisadora Maryanne Wolf

A neurocientista Maryanne Wolf,[17] autora do livro *O cérebro no mundo digital* (Wolf, 2019), será importante em nossa pesquisa, por ser uma escritora e renomada pesquisadora que se aprofundou nos estudos das consequências/efeitos no comportamento humano, em um contexto da massificação das tecnologias digitais e seus usos cotidianos. Acreditamos que seu pensamento vai nos ajudar a desvendar caminhos para a busca de respostas sobre aquilo que apresentamos como o problema central e que motivou nossa proposta de pesquisa: quais têm sido os reflexos da utilização das tecnologias digitais no comportamento do leitor, mais especificamente o da literatura?

Acreditamos que essa questão relacionada ao desenvolvimento do hábito da leitura no contexto da ubiquidade das tecnologias justifica-se, pois não seria exagero dizer que tal condição contribuiria para o exercício de uma plena cidadania, como ilustramos aqui com o que nos traz Wolf (2019, p. 22):

> Não há atalhos para alcançar a condição de bom leitor, mas há vidas que a impulsionam e a encorajam. Aristóteles escreveu que a boa sociedade tem três vidas: a vida do conhecimento e da produtividade; a vida do entretenimento e do lazer, com o qual os gregos tinham uma relação toda especial; e finalmente a vida da contemplação. Isso também vale para o bom leitor.

Wolf, portanto, merecerá espaço neste trabalho, pois reiteramos que nossa pesquisa vislumbra entender como passaram a se dar os processos de aquisição de leituras, a partir da introdução da cultura dos dispositivos digitais (*smartphones*) na sociedade, especificamente naqueles(as) cidadãos/cidadãs que já desenvolviam o hábito da leitura da literatura nos suportes tradicionais, como o livro impresso ou mesmo os *tablets*. Para procurar responder a essa questão central, entendemos que o gênero entrevista será fundamental para constituirmos o *corpus*. Para a interpretação dos sentidos e imaginários contidos nas respostas, teremos como principais referências a linguista argentina Leonor Arfuch e o linguista francês Patrick Charaudeau a nortearem nossos estudos fundamentados na Análise do Discurso.

Por outro lado, pensamos que, ao apresentarmos o problema, deveremos buscar conclusões. Logicamente, será necessário também apresentarmos proposições que, a nosso ver, nunca poderão passar pela estigmatização de qualquer aparato tecnológico; nesse caso, as

---

[17] A neurocientista Maryanne Wolf recebeu diversos prêmios acadêmicos e é incansável defensora do letramento das crianças ao redor do mundo. Diretora do Center for Dyslexia, Diverse Learners, and Social Justice na UCLA (Universidade da Califórnia) e professora da Tufts University, é autora de mais de 160 publicações científicas.

tecnologias digitais. E certamente qualquer proposta, somente poderá elencar soluções que vislumbrem uma relação de equilíbrio nos usos tecnológicos, sem prescindir destes. Nesse sentido, acreditamos também que Wolf poderá subsidiar nossas ideias de que o Letramento Digital (como a autora defende) será fundamental para melhores conhecimento e domínio crítico acerca da utilização das tecnologias digitais.

Midiatização/consequências: vozes da ciência e da neurociência

Já citamos Wolf em nosso trabalho, e aqui, nesta seção, daremos espaço para os brasileiros, afinal, no Brasil, temos vozes potentes que também são respeitadas pela comunidade científica nacional e internacional. Além da busca por uma bibliografia que pudesse auxiliar-nos nesta pesquisa, procuramos também "webinários", palestras e minicursos que tivessem relação com o nosso objeto/problema.

Tivemos a oportunidade de participar do "webinário" promovido pelo IEAT-UFMG, que abordou o tema *Cérebro, Imaginário e Informação* e teve como palestrante o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro (2021).[18] Nessa oportunidade, foram apresentadas ideias que reforçaram nossas crenças e nos motivaram a seguir com o propósito de nossa pesquisa. Dessa palestra, que durou mais de duas horas, selecionamos trechos que dialogam com nossa pesquisa e transcreveremos aqui.

Ribeiro (2021) afirmou que a "falta ou fragmentação do sono é um problema do planeta inteiro". Têm relação com o excesso de uso de aparelhos e dispositivos eletrônicos. Argumentou ainda o neurocientista que os danos são evidentes e "significativos" para a saúde e destacou que "distúrbios de aprendizagem, regulação emocional prejudicada, estresse, diabetes, obesidade, doenças cardiovasculares e doença de Alzheimer" são consequências negativas também, assim como a própria "falta de sonho". Segundo Ribeiro (2021), "estamos sonhando menos, porque dormimos menos e dormimos mal".

Imaginando um cenário em que providências não sejam tomadas pelas autoridades políticas e atores sociais responsáveis pela pesquisa e educação para uma maior conscientização, poderemos ter, no futuro, o que Ribeiro (2021) chamou "'especiação', ou seja, se nada mudar, ricos e pobres serão espécies diferentes, pois não teremos trocas nem genéticas nem meméticas (ideias) entre esses grupos". Acredita ainda o neurocientista que todos têm

---

[18] "Sidarta Ribeiro é mestre em biofísica pela UFRJ, doutor em comportamento animal pela Universidade Rockefeller, pós-doutor em neurofisiologia pela Universidade Duke, professor titular de neurociência, fundador e vice-diretor do Instituto do Cérebro da UFRN. Formando do Grupo Capoeira Brasil, discípulo de Mestre Caxias e Paulinho Sabiá. Publicou mais de cem artigos científicos em periódicos internacionais. É autor de *O oráculo da noite*, publicado em 2019 pela Companhia das Letras" (Companhia das Letras, 2019).

consciência de que a mudança deve vir da escola, mas pergunta: "Como chegar a uma escola realmente eficaz?", porque, como ele afirma, "A escola dos pobres é infinitamente pior que a escola dos ricos" (Ribeiro, 2021).

Por fim, apresentamos aqui a fala que dialoga com nosso projeto e nossas intuições/preocupações/pesquisa, quando Ribeiro (2021) cita o livro de outro neurocientista, Michel Desmurget, que tem título enfático e que talvez merecesse moderação, apesar de o conteúdo ser relevante:

> O livro *La fabrique du crétin digital* (*A fábrica de cretinos digitais*) aborda o perigo das telas para nossas crianças e todos nós. Estamos todos viciados em telas. […] Pela primeira vez na história, o QI está caindo, e é na geração digital, pois o uso está limitando nossa experiência e matando nosso mundo imaginal e nossas sociabilidades, porque estamos todos viciados em telas (RIBEIRO, 2021).

Como mencionamos no início desta seção, não queremos nos ater apenas a uma voz, e sim a múltiplas vozes, mas que sejam respaldadas por um histórico e um pensar calcado na ciência e na ética. Portanto descreveremos a seguir ideias de outros especialistas que corroboram o pensamento de Ribeiro, um pouco daquilo que acreditamos.

Ao participarmos do "webinário" *Mídias Digitais: Webinar: desafios do conhecimento na transformação para um mundo melhor* (Mídias Digitais, 2021), assistimos à palestra do professor Yurij Castelfranchi,[19] associado ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ele trouxe algumas interrogações sobre supostas consequências/impactos das mídias digitais na sociedade, as quais apontamos aqui: "As coordenadas do problema: pós-verdade? Desinformação? Crise epistêmica? Abundância comunicativa? 'Histeria coletiva'? Fim da *expertise*? Era da 'desrazão'? todo mundo vive numa *cho chamber*? Todo mundo virando negacionista?" (Castelfranchi, *apud* Mídias Digitais, 2021).

Mas, a seguir, ainda perguntando, sugere o professor Castelfranchi que ainda podemos buscar algumas possíveis medidas para evitar o que ele chama de eminente "caos epistêmico": "Podemos sair dessa? Com a tecnologia? Com o direito? Com a educação?" (Castelfranchi, *apud* Mídias Digitais, 2021).

---

[19] Yurij Castelfranchi (Juri Castelfranchi) atualmente coordena o observatório interdisciplinar InCiTe (Inovação, Cidadania, Tecnociência) e é membro do comitê gestor do Instituto Nacional de C&T para Comunicação Pública da C&T (INCT-CPCT). Atua principalmente nos seguintes temas: STS (*Science and Technology Studies*), sociologia da ciência e da tecnologia, comunicação pública da ciência, divulgação científica, jornalismo científico e ambiental, percepção pública da ciência e tecnologia, controvérsias sociais sobre C&T, apropriação e participação social em CT&I.

Castelfranchi (*apud* Mídias Digitais, 2021) aponta algumas mudanças de comportamento na sociedade ocasionadas não especificamente pela tecnologia, mas principalmente pela forma, volume, velocidade e origem dos conteúdos disponibilizados aos usuários, e que por eles muitas vezes são disseminados. O professor reconhece certa desilusão de parte da comunidade científica e de profissionais ligados às áreas de "humanas" sobre a perspectiva inicial da "utopia da inteligência coletiva" que, na verdade, dá lugar a uma sensação do crescimento de "uma ignorância individual muito agressiva", inflando um verdadeiro "fenômeno de construção coletiva da ignorância em vez de um acesso universal ao conhecimento e a formação" (Castelfranchi, *apud* Mídias Digitais, 2021).

Ainda tivemos a participação, nesse mesmo "webinário", do professor Virgílio Augusto Fernandes Almeida,[20] que alertou para o fato de já estarmos vivendo o mencionado "caos epistêmico", devido

> À amplificação, à disseminação e à microssegmentação com fins lucrativos de informações distorcidas, muitas delas produzidas por esquemas coordenados de desinformação. […] Seus efeitos são sentidos no mundo real, onde fragmentam a realidade compartilhada, envenenam o discurso social, paralisam a política democrática e às vezes instigam a violência e a morte. Assistimos à digressão dos sentidos e da razão (Almeida, *apud* Mídias Digitais, 2021).

Almeida, que também foi Secretário Nacional de Políticas de Tecnologia da Informação do governo brasileiro, de 2011 a 2015, mesmo nos traçando o cenário de uma distopia digital, não deixa de elencar as inúmeras possibilidades e perspectivas positivas do advento digital. Evidencia a experiência *on-line* que teve sua utilização incrementada no contexto da pandemia e ainda nos propõe saídas que, a seu ver, devem ter, "nas pesquisas, nas universidades, a fonte de conhecimento e respaldo para dar respostas aos desafios impostos a uma sociedade cada vez mais conectada à rede/internet e submetida à lógica algorítmica" (Almeida, *apud* Mídias Digitais, 2021).

Entendemos, no entanto, que não se pode negligenciar a urgência da proposição e da implantação daquilo que o professor Almeida chama de "Políticas públicas, regulação e governança" das mídias digitais. Tais medidas se fazem prementes, dada a velocidade do surgimento e crescimento do império do "colonialismo de dados", outra expressão citada pelo professor (Almeida, *apud* Mídias Digitais, 2021).

---

[20] Virgílio Augusto Fernandes Almeida é professor emérito do Departamento de Ciências da Computação da UFMG, professor associado do Berkman Klein Center da Harvard University e membro da Academia Brasileira de Ciências. Foi Secretário Nacional de Políticas de Tecnologia da Informação do governo brasileiro de 2011 a 2015.

> O colonialismo de dados reconfigura violentamente as relações humanas para a produção econômica. Estamos vivenciando uma situação em que coisas que antes estavam basicamente fora do reino econômico, coisas como nossas interações sociais mais íntimas, como amigos e família, ou nossos registros médicos, agora foram mercantilizadas e fazem parte de um ciclo econômico de extração de dados que beneficia algumas corporações (Almeida, *apud* Mídias Digitais, 2021).

Apresentamos as considerações tanto de Almeida quanto de Castelfranchi para demonstrarmos um pouco do cenário dessa relação das mídias digitais e da sociedade, visto que é nesse contexto que, acreditamos, processa-se/desenvolve-se hoje boa parte de nossas vidas, ou seja, em um mundo midiatizado.

Logicamente a literatura e a arte encontram-se intrinsecamente nesse elenco que se apresenta tanto na trama dos meios digitais quanto no espaço da vida real ou analógica. Mas, por outro lado, acreditamos que, assim como setores da sociedade colocam em questão conceitos, princípios e pesquisas das autoridades científicas e acadêmicas, não seria exagero acreditar que tal fenômeno se dá em razão de uma ideia equivocada da convicção de conhecimento e poder que a *midiatização* fez crer à cidadã e cidadão.

Finalizando esta seção gostaríamos de trazer declaração do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em entrevista concedida recentemente ao jornal El País, por ocasião do lançamento de seu novo livro: "*Não-coisas – Reviravoltas do mundo da vida"*.

> Na depressão perdemos a relação com o mundo, com o outro. E nos afundamos em um ego difuso. Penso que a digitalização, e com ela o *smartphone*, nos transformam em depressivos. Há histórias de dentistas que contam que seus pacientes se aferram aos seus telefones quando o tratamento é doloroso. Por que o fazem? Graças ao celular sou consciente de mim mesmo. O celular me ajuda a ter a certeza de que estou vivo, de que existo. Dessa forma nos aferramos ao celular em situações críticas, como o tratamento dental. Eu lembro que quando era criança apertava a mão de minha mãe no dentista. Hoje a mãe não dá a mão à criança, e sim o celular para que se agarre a ele. A sustentação não vem dos outros, e sim de si mesmo. Isso nos adoece. Temos que recuperar o outro. (FANJUL, 2021)

Em seu último livro o pensador Byung continua a enfatizar as suas críticas sobre o modo como as *"não-coisas"* dominaram uma humanidade cada vez mais acrítica. Ele também expõe suas restrições ao uso inadvertido e um certo tipo de onipresença dos *smartphones* na sociedade.

APÊNDICE III

MIDIATIZAÇÃO:
INTERACIONALIDADE E VELOCIDADE, "MENSAGEM E RECEPÇÃO"

Procuramos aqui apresentar os sentidos e os motivos pelos quais o termo Midiatização se fez presente em nossa Dissertação. Resgatamos do início de nosso trabalho os nossos objetivos, qual sejam: Investigar quais são os imaginários socio-discursivos que sujeitos leitores constroem e mobilizam sobre suas novas práticas de Leitura da Literatura a partir da presença e utilização do ***smartphone*** no dia a dia e no momento em que começaram a fazer o uso massivo dessa tecnologia devido ao processo acelerado da **midiatização** no cotidiano.

Como procuramos relembrar tratamos de Literatura e Imaginários socio-discursivos em um contexto de uma sociedade intensamente conectada às mídias, que são as mediadoras da comunicação entre os usuários e a informação. Hoje, indiscutivelmente o suporte interacional mais utilizado para acessos e conexões aos meios, mídias ou veículos de comunicação é o dispositivo eletrônico *smartphone.*

Sabemos também que a 'interação' entre humanos e mídias só é possível quando os primeiros dedicam seus sentidos e olhares às interfaces que são as telas dos dispositivos eletrônicos. Neste trabalho damos ênfase ao *smartphone* que se estabeleceu como o mais popular intermediário – em razão de sua mobilidade, tamanho e formato – entre quem e o que se pretende comunicar e a quem se pretende alcançar com esta comunicação. Logicamente os objetivos e sentidos implicados nesta comunicação não são aleatórios, como já destacamos nesta dissertação aludindo Orlandi (2001).

Este processo que descrevemos até aqui, trata-se portanto, do nosso entendimento sobre o conceito Midiatização, também no nosso entender, controverso, pois pesquisando e buscando informações na literatura relacionada às tecnologias e em artigos científicos sobre este conceito, foi possível perceber que não se pode atribuir a ele uma definição objetiva ou estanque, ou seja, que sintetize todas as perspectivas a ele vinculadas.

Exemplificamos com excerto do artigo *Midiatização: um conceito, múltiplas vozes*, de Pedro Gilberto Gomes, mestre e doutor em Ciências da Comunicação, professor titular do programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, onde desenvolve a pesquisa na linha Midiatização e Processos Sociais.

> Nessa perspectiva, a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Entretanto, muito embora vários pesquisadores utilizem o conceito de midiatização, cada um lhe dá o significado que melhor lhe agrada. Desse modo, o conceito de midiatização é tratado com múltiplas vozes. [...] Até agora,

> contudo, os estudos sobre midiatização ocuparam-se com as transformações sociais e culturais nas culturas e sociedades ocidentais. Entretanto, o processo de midiatização também se manifesta (torna-se visível) noutras partes do mundo, exibindo diferentes dinâmicas e possuindo outras consequências em diferentes contextos sociais e culturais. (GOMES, 2016)

Ainda na busca de outros subsídios para nossa reflexão sobre Midiatização encontramos em artigo de José Luiz Braga (2021), referendado em Landowski (2014), definição também vinculada às concepções dos "regimes de interação e sentidos[(21)]". Acreditamos que a "manipulação", seja o regime mais presente nas interações relacionadas ao conceito de Midiatização, considerando o contexto de nossa pesquisa. Os outros regimes de interação e sentidos propostos por Landowski (2014), são os de "programação, ajustamento e acidente".

Não procuramos explicar minuciosamente os regimes de interação e sentidos, pois dessa forma desviaríamos do foco de nossa pesquisa. No entanto, para realçar a importância de abordarmos o conceito Midiatização em nossa dissertação faz-se necessário trazer aqui uma breve explicação do porquê entenderíamos que o regime de "manipulação" em Landowski (2014), estaria intimamente conectado com à lógica algorítmica para o domínio dos sentidos como vemos:

> [...] o regime de manipulação se estabelece em termos de intersubjetividade e de interioridade. A forma de interação desse regime se dá pela persuasão. Para isso, é preciso adentrar o ser do outro e apresentar-lhe razões para que faça o que dele se espera. Em termos modais, a manipulação traduz-se por um fazer-querer. Trata-se de empreender estratégias para fazer com que o outro faça, quer dizer, de delegar a outrem um fazer (Landowski *apud* Braga, 2021, p. 5).

Portanto, acreditamos que as referências até aqui apresentadas, dão suporte para nossa argumentação no sentido de justificar o porquê do conceito Midiatização dialogar com o nosso objeto de pesquisa, *corpus* e contribui para alcançarmos nossos objetivos, pois como vimos em Pedro Gilberto Gomes (2015) "a midiatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as interrelações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural."

A questão central que investigamos, a mudança na cultura da Leitura da Literatura após o advento das tecnologias digitais, mais especificamente, após a quase onipresença dos

---

(21) "Os regimes de interação e sentido foram concebidos no bojo da sociossemiótica, um dos desdobramentos atuais da semiótica de *A. J. Greimas*. O principal expoente é *Eric Landowski* (2014), que foi paulatinamente construindo uma semiótica do social a partir de uma narrativização das situações, da política, do direito, da mídia etc. Em *Interações Arriscadas*, *Landowski* (2014) apresenta seu modelo teórico interacional. Para o autor, o sentido emana da interação. É a partir da presença do outro e da interação com o outro (pessoa ou coisa) que o sentido se constrói.

smartphones no cotidiano dos entrevistados, ao nosso ver está intimamente entrelaçada neste intrincado complexo que é a Midiatização.

A reforçar nossa argumentação reproduzimos trecho do excerto que apresentamos de Landowski (2014) citado por Braga (2021): "Em termos modais, a manipulação traduz-se por um fazer-querer. Trata-se de empreender estratégias para fazer com que o outro faça, quer dizer, de delegar a outrem um fazer". Tais estratégias podem dizer muito sobre as *Interações Arriscadas*, e esta é uma das questões relacionadas ao nosso trabalho.

Ainda procurando deixar mais claro nosso entendimento sobre Midiatização, acreditamos ser necessário compreender o que é mediação. Buscamos, portanto, a definição no artigo *Circuito* versus *Campos Sociais*, de José Luiz Braga (professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos), no qual vimos que mediação então seria: "Em perspectiva genérica, uma mediação corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes" (Braga, 2012, p. 32). Ou seja, como entendemos, os sujeitos estão expostos a alguma forma de organização de um meio de mensagem e recepção. De modo mais claro, Braga (2012, p. 32) define, assim, "mediação":

> Em perspectiva epistemológica, trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o "real" é sempre intermediado por um "estar na realidade" em modo situacionado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. (Braga, 2012, p. 32)

Por outro lado, a Midiatização é termo ainda em processo de definição de seu conceito, pois vai muito além, considerando que há interação entre os meios comunicacionais e a sociedade. De uma forma objetiva, poderíamos definir como um meio de difusão ou propagação de informação ou de comunicação. Assim vimos, em Braga (2012), "O conceito de midiatização, 'ainda em fase de construção', como observa a chamada de artigos para o Livro Compós de 2012". De alguma forma percebemos nessa afirmação de Braga (2012) certa sintonia com a visão de Gomes (2015) que apresentamos anteriormente. Braga ainda nos fala sobre o conceito de Midiatização no contexto do advento das novas tecnologias, mas não deixa de destacar que a Midiatização não é necessariamente uma decorrência das tecnologias.

> Além disso, o surgimento das novas tecnologias crescentemente disponibiliza possibilidades de midiatização para setores "não midiáticos": das mais diversas instituições aos grupos *ad-hoc* e aos indivíduos. Entretanto, não restringimos o termo a essa penetração tecnológica. É claro que se trata de um insumo relevante, merecedor de pesquisa e reflexão – mas entendemos que os processos comunicacionais associados não decorrem simplesmente da invenção tecnológica (Braga, 2012, p. 36).

Tendemos a concordar com Braga (2012) pois não podemos relacionar o conceito de Midiatização estritamente às inovações tecnológicas no campo da comunicação. No entanto, considerando nossos propósitos, leituras e percepções, torna-se imperativo lembrar que o uso cada vez mais intenso dos *smartphones* nas diversas práticas sociais, integra um processo mais amplo de Midiatização, pois proporciona à sociedade contemporânea interações mais intensas, diversificadas e velozes. José Luiz Braga, nos apresenta a Midiatização em uma concepção que abrange dois âmbitos.

No primeiro, ele nos traz a seguinte definição: "São tratados processos sociais específicos que passam a se desenvolver (inteira ou parcialmente) segundo *lógicas da mídia*" (Braga, 2006). Ou seja, nesse âmbito, verifica-se uma relação em que as ações de entretenimento e política passaram a ser regidas pelas mídias. Braga (2006) nos traz a segunda proposição pela qual considera que o nível macro se trata da mediatização da própria sociedade. Vale ressaltar que vemos os termos "mediatização e midiatização", o qual poderíamos inferir tratar-se de termos distintos tratando do mesmo conceito, mas não é o que parece quando *Braga* (2012), cita Eliseo Verón (1998) em seu artigo, que traz a seguinte proposição:

> Uma sociedade em vias de midiatização (distinta da sociedade mediática do período anterior [...]) não é por isso uma sociedade dominada por uma só forma estruturante, que explicaria a totalidade de seu funcionamento. A midiatização opera através de diversos mecanismos segundo os setores da prática social que interessa, e produz em cada setor distintas consequências (Verón, 1998 *apud* Braga, 2012, p. 36).

Inferimos a partir do excerto do texto de Verón (1988) que a "sociedade mediática" se transformou dando lugar a uma sociedade midiatizada. Ou seja, a partir do advento das tecnologias digitais, o processo de Midiatização estaria em curso e virá a tornar-se o processo interacional de referência na sociedade. No entanto ressalta Braga que embora esteja em avançado estado de implantação, não se estabeleceu completamente. Por isso, afirma que:

> Essa perspectiva de incompletude parece ser relevante, hoje, para uma boa compreensão do fenômeno. Assim, seria mais exato adotar o título (descartado apenas pela extensão): mediatização como reformulações sociotecnológicas de passagem dos processos mediáticos à condição de processualidade interacional de referência (Braga, 2006, p. 10).

Entendemos que por mais que tenhamos uma ideia do que seria a democratização do objeto comunicacional, proporcionado pelo acesso às tecnologias de comunicação, ainda caminhamos para o que seria ideal, que ele definiu como "condição de processualidade interacional de referência", talvez ainda estejamos no estágio sob o regime da "manipulação" referido por Landowski (2014).

Pode parecer paradoxal, mas acreditamos que o processo de aceleração tecnológica a que assistimos e a acessibilidade digital em evolução sistêmica, contribui para que o "processo interacional de referência", descrito por Verón (1988), ainda seja uma realidade distante em razão das condições sociais, culturais, educacionais e logo o senso crítico, não se desenvolvem na mesma dinâmica e velocidade das tecnologias. "O que parece relevante, em perspectiva macrossocial, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam" (Braga, 2006, p. 11). Tendemos a crer que esta seria uma boa definição do que seria uma forma de Midiatização.

Se vemos assim, por outro lado, poderíamos nos questionar em até que ponto esses processos interacionais, quando mediados pelas interfaces digitais, são realmente construídos numa interatividade com uma sociedade verdadeiramente autônoma em que indivíduos conscientes e com senso crítico exerçam suas individualidades e não negligenciem as subjetividades, ou se estes processos são constituídos por indução por instâncias de poder, como ao que se convencionou chamar, no contexto das mídias digitais, de *big techs*[22]. Portanto, neste caso tem-se a ilusão de que "a sociedade constrói a realidade social" quando na verdade são os sofisticados processos tecnológicos que determinam às pessoas padrões para a construção de uma realidade social virtual, "um novo ambiente matriz", na leitura de Pedro Gilberto Gomes (2016).

> Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual, mas a sofisticação tecnológica, amplamente utilizada pelas pessoas desde a mais tenra idade, cria um novo ambiente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de "sociedade em midiatização". (GOMES, 2016)

Certo é que a interacionalidade nesse formato constitui-se obviamente em *via de mão única*, ou seja, o que se recebe das mídias digitais é apenas o reflexo daquilo que, de alguma forma, já projetamos no processo mediático sobre o que 'somos' ou o que 'pensamos', contudo "manipulados" por uma lógica algorítmica que segmenta perfis em grupos ou nichos específicos, retroalimentando com isso egos narcísicos, capturando o engajamento, contudo não proporcionando os processos interacionais e intersubjetividades, afinal mídias não têm alteridade e só alimentam semelhanças, não se nutrem na dialética, portanto neste caso temos uma Midiatização que não permite construir uma nova realidade social. O recorte a seguir do texto de Gomes (2015) assim define:

---

[22] As *big techs* são grandes empresas de tecnologia que desenvolveram serviços inovadores e disruptivos, e conseguiram escalar, de uma forma muito ágil e dinâmica, o que acabou lhes conferindo um amplo domínio do mercado em que atuam. Disponível em: https://www.politize.com.br/big-techs/. Acesso em 26 nov. 2021.

> A midiatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, interrelações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, interrelações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. [...] Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo. Esse é o substrato cultural no qual se movem os diversos grupos sociais no mundo. A sociedade erigida nesses movimentos é uma sociedade em processo de midiatização. (GOMES, 2016)

Portanto, vemos a Midiatização como fenômeno central das questões relacionadas ao tema de nossa pesquisa *A Leitura da Literatura na Era Digital*, por razões óbvias, afinal, quando falamos desse conceito, não estamos nos referindo apenas à interação entre a sociedade e os grandes veículos de comunicação de massa, mas claramente também sobre esta interação na lógica dos algoritmos tendo como interface os dispositivos móveis (*smartphones*), que são suportes desses e de inúmeros outros veículos de comunicação, das mídias interacionais e estão extremamente popularizados. Por outro lado, é inegável que a comunicação interacional em um cenário de mediatização ganhou inúmeras outras formas ou linguagens. A escrita e as interações verbais permanecem usuais, no entanto ganharam sons, imagens e descrições das "experiências" virtuais que sucedem as experiências reais. Neste contexto procuramos pesquisar a Leitura da Literatura.

Tudo isso interessa porque dialoga com os propósitos de nossa pesquisa, pois acreditamos que demonstramos, até aqui, que o exercício pleno da cidadania, em uma sociedade midiatizada, impõe à cidadã e cidadão despertar a consciência e o senso crítico nas conexões ao mundo virtual e uma inteligibilidade que também se impõe e que deve ser desenvolvida. Entendemos que a sociedade não estava preparada para a velocidade com que as mudanças ocorreram com o advento das tecnologias digitais.

Mas por outro lado pensamos também que deveria estar entre as premissas, ou seja, no cerne das políticas educacionais e nas grades curriculares de todas as etapas de estudos, até mesmo entre as disciplinas das graduações o ensino/Letramento Digital.

Muitas pessoas já não estão nas escolas ou nas faculdades, às vezes exercem funções que exigem poucas práticas (ou mesmo nenhuma) de leitura e de escrita mais detidas, mas leem informações recebidas em seus aparelhos *smartphones*. E não são poucas as pessoas que abandonaram salas de aula[23], mas que estão expostas aos processos midiáticos e, logicamente, à informação e também à desinformação. Diante deste quadro, acreditamos que assim como

---

[23] "De acordo com uma pesquisa da Universidade de Zurique (da Suíça), os estudantes da rede pública de São Paulo tiveram uma perda de 70% do aprendizado esperado para 2020 e o risco de evasão escolar triplicou. […] Mesmo com acesso digital, estudantes tiveram perdas acadêmicas e o fechamento das escolas ampliou a ansiedade, a depressão e o suicídio" (Mattos, 2021).

temos o EJA (Educação para Jovens e Adultos), entendemos que não seria absurdo pensar em cursos de extensão com propostas de um “EDJA” (Educação Digital para Jovens e Adultos).

Voltamos a Braga: “Através de retomadas sucessivas e de reobjetivações, o que ‘faz a mídia’ é questão social e gera processos que dizem respeito a nossos modos de ser, passando a fazer, nuclearmente, parte da sociedade, quer sejam positivos ou negativos” (Braga, 2006, p. 19). Portanto, por mais que se reconheça o “ambiente matriz” de uma “sociedade em midiatização” nos termos de Gomes (2016), não se pode ignorar que todas e todos ainda constituem a sociedade e o verdadeiro meio ambiente.